



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

LUCAS BARBOSA LIMA

**AGORA É NÓS POR NÓS!
A INSURGÊNCIA DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ZEFERINA
BEIRU**

Salvador
2021

LUCAS BARBOSA LIMA

**AGORA É NÓS POR NÓS!
A INSURGÊNCIA DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ZEFERINA
BEIRU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Urpi Montoya Uriarte

Salvador
2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Lima, Lucas Barbosa

L732Agora é nós por nós! a insurgência da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru/Lucas
Barbosa Lima. – 2021.
129 f.: il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Urpi Montoya Uriarte

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2021.

1. Território Nacional (identidade). 2. Bibliotecaspúblicas –Aspectos sociais.
2. Bibliotecas e comunidade – Arenoso (Salvador, BA). I. Montoya Uriarte, Urpi.
II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 027.4



Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGA), realizada em 21/12/2020 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM ANTROPOLOGIA no. <numAta/>, linha de pesquisa Antropologia, do candidato LUCAS BARBOSA LIMA, matrícula 218122247, intitulada A INSUSRGÊNCIA DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ZEFERINA BEIRU! AGORA É NÓS POR NÓS!. Às 15:00 do citado dia, "realizada por videoconferência", foi aberta a sessão pelo presidente da banca examinadora Prof^{ra}. Dra. URPI MONTOYA URIARTE que apresentou os outros membros da banca: Prof. Dr. VILSON CAETANO DE SOUSA JUNIOR e Prof. Dr. RAFAEL DE AGUIAR ARANTES. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo presidente que passou a palavra ao examinado para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Dr. RAFAEL DE AGUIAR ARANTES, UFBA

Examinador(a) Externo(a) ao Programa

Dr. VILSON CAETANO DE SOUSA JUNIOR, UFBA

Examinador(a) Interno(a)

Dra. URPI MONTOYA URIARTE, UFBA

Presidente

LUCAS BARBOSA LIMA

Mestrando(a)

Dedico este trabalho à minha família,
principalmente à minha mãe Edna Andrade Barbosa,
à minha companheira Larissa Neves e ao meu filho Malik.
Por fim, dedico este trabalho a todo jovem negro que já teve sua intelectualidade questionada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, que me deu todo suporte e força necessários, acreditando na minha capacidade intelectual. O apoio e paciência da minha companheira Larissa Neves durante o processo da escrita foi essencial para que eu não adoecesse mentalmente. A força e suporte da minha mãe Edna Andrade e do meu tio Élio Barbosa foram imprescindíveis para me manter firme e estruturado para dar conta da minha família e pesquisa. Foram 03 longos anos em meio a mudanças de residências, gravidez e nascimento do meu primeiro filho. Dito isso, agradeço à chegada de Malik Barbosa Lima Neves Nunes, que veio para colorir meu mundo, imprimindo uma força para eu encarar o cotidiano.

Agradeço aos meus amigos e amigas que adentraram no Programa de Pós-Graduação em Antropologia em 2018: nós trilhamos um caminho de resistência e perseverança para darmos conta da nossa sobrevivência e adubarmos a terra para que viéssemos florir como pesquisadores.

Agradeço à minha Orientadora pela sua paciência, atenção e orientação durante o processo de pesquisa, pois, apesar de haver divergências epistemológicas e metodológicas, conseguimos finalizar este difícil trabalho.

Agradeço à banca de qualificação, que, com sugestões metodológicas e indicações teóricas, forneceu ferramentas analíticas e contribuições que subsidiaram mudanças essenciais para a presente pesquisa.

Agradeço ao meu Mestre Zé do Lenço, que confiou em minha capacidade de dar continuidade à sua ancestralidade com a responsabilidade de levar à frente os ensinamentos do mundo da Capoeira Angola.

Sou grato por tudo que vivi durante todo o processo de escrita. Os problemas relacionados à saúde mental na família, a gravidez e a falta de emprego e bolsa, durante boa parte da pesquisa, foram fatores que me custaram muito, no entanto, tenho para mim que as dificuldades calejam e nos fazem crescer. Por isso, só tenho de agradecer a todas pessoas que contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento desta dissertação, seja de forma direta ou indireta.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer às pessoas que passaram pela Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, os seus frequentadores, educadores e toda a rede social que envolve esta Biblioteca Comunitária.

LIMA, Lucas Barbosa. Agora é nós por nós! A insurgência da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, 2021. Orientadora: Urpi Montoya Uriarte. 141 f. il. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

RESUMO

O presente trabalho apresenta o que leva as pessoas a frequentar a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru: uma ocupação que funciona como Biblioteca Comunitária e Centro Cultural no bairro do Arenoso. O bairro fica localizado em uma região taxada como periferia, mas, na pesquisa, o território é entendido enquanto uma região central de uma cidade que cresceu de forma desenfreada. O fenômeno das Bibliotecas Comunitárias é uma prática social comum no Brasil que costuma ser criada pela e para a comunidade, resultado de um movimento dos moradores para preencher uma lacuna no que tange ao acesso a equipamentos públicos e culturais. Nos finais de semana, acontecem os mutirões, atividades voltadas para prática coletiva de limpeza e organização do espaço e dos livros, que são protagonizados por jovens negros do território. As atividades costumam ter como frequentadores pessoas da vizinhança e outros lugares de Salvador, portanto, a ocupação é peça de uma malha social que conflui na projeção de uma comunidade negra. Os interlocutores possuem um discurso étnico-racial que aponta para a necessidade de uma representação de pessoas negras em um campo simbólico e físico, ao mesmo tempo em que aponta para um processo de genocídio da população negra em curso. Como recurso metodológico, foi aplicado entrevistas semiestruturadas de cunho qualitativo, análise de registros visuais, imersão no campo, descrição detalhada e observação participante por meio da análise da vivência pesquisador junto ao coletivo. Também há o uso de registros fotográficos como ferramentas de análise e recurso narrativo. Por fim, a conclusão é que a insurgência da Biblioteca é fruto de um movimento identitário que ocorre no território desde os seus primeiros processos de desdobramento.

Palavras-chave: Biblioteca Comunitária, Identidade, Território.

LIMA, Lucas Barbosa. Now it's us for us! The Insurgency of the Zeferina Beiru Community Library. Thesis advisor: Urpi Montoya Uriarte. 2021. 141 s. ill. Dissertation (Master in Antropology) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

ABSTRACT

This work presents what leads people to attend the Zeferina Beiru Community Library: an occupation that functions as a Community Library and Cultural Center in the Arenoso neighborhood. The neighborhood is located in a region classified as a periphery, but, in the research, I understand the territory as a central region of a city that has grown rampant. The phenomenon of Community Libraries is a common social practice in Brazil that is usually created by and for the community, the result of a movement by residents to fill a gap in terms of access to public and cultural facilities. At the end of the week, joint efforts take place, activities aimed at the collective practice of cleaning and organizing space and books, which are led by young blacks from the territory. As the activities tend to be attended by people from the neighborhood and other places in Salvador, therefore, I understand the occupation as part of a social fabric that converges in the projection of a black community. The interlocutors have an ethnic-racial discourse that points to the need for a representation of black people in a symbolic and physical field, at the same time that it points to an ongoing process of genocide among the black population. As a methodological resource, using semi-structured changes of a qualitative nature, analysis of visual records, immersion in the field and observation through the analysis of my experience with the collective. I also consider that the use of photographic records were tools of analysis and narrative resource. Finally, I conclude that the insurgency of the Library is the result of an identity movement that has occurred in the territory since its first unfolding processes.

Keywords: Community Library, Identity, Territory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da cidade de Salvador – BA (2019)	20
Figura 2 - Mapa do território do Miolo geográfico (2019).....	20
Figura 3 - Divisão territorial	22
Figura 4 - Planta referente ao espaço interno do térreo	46
Figura 5 - Primeiro andar da Biblioteca em 2015	47
Figura 6 - Área Externa 2 entrada parte interna (2014).....	51
Figura 7 - Área Externa 2 (2017) – O jardineiro mirim.....	55
Figura 8 - Área Externa 1 (2017) – O mutirão da feijoada.....	56
Figura 9 - Registro de um almoço colorido	57
Figura 10 - Área Externa 1 (2016)	58
Figura 11 - Área Externa 2 (2016) – Aula na mangueira	59
Figura 12 - Área externa – Horta Comunitária (2014)	60
Figura 13 - Área externa – Horta Comunitária 2 (2014)	60
Figura 14 - Horta Urbana (2015) Entre os galhos.....	61
Figura 15 - Horta Urbana (2015) – Uma reunião na pré horta	62
Figura 16 - Horta Urbana (2016) – Mutirão de limpeza na horta comunitária	63
Figura 17 - Mutirões na Horta, no segundo semestre de 2016 – Mãos à obra!.....	64
Figura 18 - Mutirão na Horta, no primeiro semestre de 2017	64
Figura 19 - A colheita (2017)	65
Figura 20 - Uma criança nas alheiras (2017).....	66
Figura 21 - Uma horta de bananeiras (2020).....	67
Figura 22 - Triagem na área Externa 2 (2017)	68
Figura 23 - Entre livros no interior do espaço na sala 2 (2016)	69
Figura 24 - Jantando no interior do espaço na sala 2 (2016).....	70
Figura 25 - Interior da Sala 2 (2020).....	71
Figura 26 - I Reunião oficial na Biblioteca Pública Central dos Barris	72
Figura 27 - Bazar na UFBA em 2016	73
Figura 28 - Bazar na sede do JACA (2016).....	73
Figura 29 - Oficina de poesia com as crianças e jovens do Arenoso	74
Figura 30 - A caminho do Sarau na UNEB	75
Figura 31 - Sarau e Bazar da Zeferina na UNEB (2016).....	76
Figura 32 - Card de atividades (2016)	78

Figura 33 - Oficina ministrada pelo M. Zé do Lenço no Bazar da Deusa	80
Figura 34 - Visita do campeão brasileiro de boxe Denilson Caperro (2017)	81
Figura 35 - Infográfico de coletivos parceiros da BZB	90
Figura 36 - A Pombagem na praça em frente a Biblioteca em 2017	93
Figura 37 - Debulhando o feijão (2017)	98
Figura 38 - Marcos identitários no território	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Quadro de atividades semanais correspondentes aos períodos dos anos de 2015 a 2020.....	87
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BC	Biblioteca Comunitária
BZB	Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru
CBI	Casa do Boneco Itacaré
DF	Distrito Federal
JACA	Juventude Ativista de Cajazeiras
ONG	Organizações não governamentais
PPGA	Programa de Pós Graduação em Antropologia
REBC	Rede Estadual de Bibliotecas Comunitárias
RMBC	Rede Municipal de Bibliotecas Comunitárias
RNBC	Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UPP	Unidade de Polícia Pacificadora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPITULO 1 – Das Matas do Cabula ao centro geográfico de Salvador	19
1.1 Cabula: O Eco dos Tambores.....	23
1.2 Das paróquias para os bairros.....	23
1.3 A insurgência da Rainha Zeferina.....	13
1.4 Beiru Vive!	15
1.5 De Beiru a Tancredo Neves.....	17
1.6 Cai um raio, nasce o Arenoso.....	20
1.7 O cotidiano em Arenoso	22
1.8 A formação de um Território	26
1.9 As Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil	32
2 CAPITULO 02 – Da insurgência ao cotidiano da Biblioteca.....	37
2.1 O poder dos nomes.....	38
2.2 A Estrutura da Biblioteca	46
2.3 Inauguração e cotidiano.....	49
2.4 Os Mutirões, Horta Comunitária e Atividades realizadas	51
2.5 (Auto) gestão e atividades	71
2.6 Atividades e eventos	78
2.7 Na roda da capoeira	78
2.8 Gingando com a mente e corpo!	81
2.9 Po-Po-Poesia pra vocês!	82
3 CAPÍTULO 3 – Malha social e Confluência: Uma rede em movimento	88
3.1 Nós por nós – A malha social envolvida	89
3.2 A vizinhança.....	100

3.3	Dar, receber e retribuir – “Dar um retorno à minha comunidade”	106
3.4	Confluência – Sobre águas que se encontram.....	107
4	CONCLUSÃO	111
	REFERÊNCIAS	123

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de um estudo sobre a construção e surgimento da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, fruto de uma ocupação dos moradores do bairro do Arenoso para dar sentido e significado a um espaço que estava abandonado há quase uma década. A ocupação que culminou na Biblioteca iniciou em 2014 a partir de um sonho por parte de Diego Lima, um homem negro, nascido e criado no território e psicólogo, que depois de adentrar a faculdade pensou em uma Biblioteca como um retorno social à sua comunidade. A minha chegada à Biblioteca se deu em 2015, a partir de convite de amigos da universidade e de outros espaços culturais para fazer parte do coletivo que constrói a Biblioteca.

A pesquisa surgiu a partir da hipótese, que a biblioteca funcionava como um lugar que produz uma identidade negra no território. A pergunta de pesquisa se desdobrou em torno do “o porquê e o que leva as pessoas a frequentarem a Biblioteca?” e “qual a influência dos referenciais negros estampados no nome da biblioteca?”.

Para responder tais perguntas, passei a buscar entender o cotidiano. Assim, meu objetivo na pesquisa foi analisar e entender o processo de formação e articulação da Biblioteca Comunitária Zeferina e compreender os processos de desdobramento do território Arenoso/Beiru que é localizado no miolo geográfico de Salvador - BA. Para tal fim, sistematizei 07 (sete) objetivos específicos no intuito de entender e apresentar o que faz as pessoas se aglutinarem na BZB, e a influência dos referenciais estampados no nome da BZB. Por isso busquei:

1. Investigar como seu deu a ocupação;
2. Por que as pessoas frequentam o espaço?
3. Investigar e analisar a relação da Biblioteca com o território;
4. Investigar a história de Zeferina e Beiru;
5. Analisar os discursos e narrativas sobre a mudança do nome do bairro;
6. Reunir, analisar e sistematizar as narrativas produzidas pelos interlocutores de pesquisa;
7. Comparar e compreender as narrativas construídas sobre a reivindicação identitária afrodescendente do bairro.

Nesta dissertação, entendo a cidade enquanto um lócus de estudos de caráter multiverso, em que a experiência de viver a cidade é múltipla, e que a experiência da BZB envolve temas relativos a território, bibliotecas comunitárias, ocupações urbanas e centro culturais.

O modelo de texto foi etnográfico, entendido como um texto que possui um narrador que descreve sua experiência entre o olhar direto da antropologia e o “nativo”, buscando apresentar o cotidiano a partir da minha experiência pessoal e direta.

O trabalho foi construído por metodologias de participação observante, por meio da minha imersão em campo ao longo de 05 (cinco) anos, entrevistas qualitativas semiestruturadas gravadas por aparelho de celular, bem como por ferramentas de análise dos registros visuais e técnicas de análise de discurso.

Fiz entrevistas semiestruturadas nomeadamente com Diego Lima, Quelmonis, Hugo Gabriel, Michele Santos, Davi Nunes, Guilherme, Eddy e Pedro Maia que são as pessoas responsáveis pela atividade no espaço. A maioria reside no território, mas o que é comum a estas pessoas é que frequentaram a universidade. Entrevistei frequentadores mais jovens, como Daniel, Adriana e João (que eram crianças e que hoje já são jovens maiores de idade), e com os outros membros da comunidade, a saber: Edson Lima, Dona Rita, Alessandra e Denisvaldo que são vizinhos do espaço que abriga a Biblioteca. Em relação aos grupos que fazem parceria com a BZB, entrevistei Fabrício Brito e Saymon Contreiras.

Durante a pandemia de Covid-19, algumas entrevistas foram realizadas através das redes sociais *WhatsApp* *Facebook*. Nesses casos, propus que respondessem quando estivessem livres para responder, o que poderia levar cerca de algumas horas para acontecer.

Ao final do processo de análise, percebi que fiz escolhas durante a pesquisa que privilegiam interlocuções masculinas, as quais, no entanto, não foram propositais. Mulheres que possuem uma contribuição essencial, como Paulinha, Débora e Elizabete, não entraram na narrativa porque, embora tenha tentado contato, não obtive resposta.

Utilizei a entrevista qualitativa para mapear e compreender o sentido que os interlocutores dão para a vida e a Biblioteca. As entrevistas com perguntas semiestruturadas fornecem dados básicos para compreensão das relações dos atores sociais em questão (GASKEL, 2002). Nesse sentido, busquei analisar e interpretar o discurso dos interlocutores como fontes para acessar a compreensão de vida e a dimensão representativa do espaço.

A participação observante é o resultado da soma da pesquisa realizada pela imersão no campo, utilizando caderno de anotações para descrições e fotografias como obtenção de dados (CICOREL, 1980) e a pesquisa participante nas vertentes engajadas, onde entende a participação do grupo estudado para analisar sobre sua própria realidade (PERUZZO, 2017). A participação observante potencializou a transformação do objeto em sujeito, também possibilitou submeter em análise a minha vivência em campo recorrendo à memória, fotografias e anotações que havia realizado.

Como ferramenta de análise do material das pesquisas, utilizei a técnica de análise de discurso. Nesta técnica, existem aproximadamente 57 (cinquenta e sete) variedades, com enfoques diversos, havendo em comum a centralidade do discurso na construção da vida

social. Para Peruzzo (2017), a análise de discurso trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, por isso, um sentido não pode ser traduzido, mas produzido. A AD se dá entendendo os discursos como resultados da formulação: ideologia + história + linguagem. Neste sentido, quero deixar em evidência que busquei apresentar as palavras dos interlocutores de forma fiel a sua pronúncia.

Esse tipo de análise parte do pressuposto de que o sujeito tem a ilusão de ser dono do seu discurso e ter controle sobre ele, enquanto, de fato, está dentro de um processo estrutural e contínuo. Dessa forma, os discursos podem ser analisados como ecos da memória do dizer que são pré-construídos. Em outras palavras, isso implica que “todo dizer é ideologicamente marcado.” (PERUZZO, 2017)

Enquanto atuo como um intérprete, faço uma leitura discursiva influenciada pelo meu afeto, posição, crença, experiência e vivência. Assim, a interpretação não é absoluta e única, mas baseada em um universo particular de produção de sentido. Desse modo, além de realizar análise de discurso com as entrevistas, utilizei análise de conteúdo para investigar registros visuais, textos de jornais do acervo da biblioteca e blogs mencionados pelos interlocutores. A análise de Conteúdo compõe-se de três grandes etapas: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados e interpretação.

A pré-análise consistiu de levantar quais seriam os materiais que viriam a ser analisados, isto é, quase 200 (duzentas) fotografias que estavam salvas no acervo, as quais organizei e cataloguei em função do dia, atividade e ano de cada registro. Isso me levou ao segundo passo, que é a exploração do material, no qual sistematizei as fotos em ordem cronológica. Esse caminho se tornou interessante porque, como integrante do coletivo, sou responsável em manter o memorial da Biblioteca com documentos referentes à ata das reuniões, registros fotográficos e audiovisuais em uma nuvem, na internet.

Por fim, realizei o tratamento dos resultados e interpretação das fotos para compreender o cotidiano da Biblioteca. As fotografias se tornaram ferramentas para acessar lembranças de momentos vividos, testemunhados, que ficaram eternizados em uma imagem.

Para Sandra Maria C. T. Lacerda Campos (1996), as imagens podem ser adotadas como métodos de investigação. A autora ressalta que a fotografia sempre esteve presente na história da humanidade, desde as pinturas rupestres às invenções das máquinas fotográficas, que foram instrumentos de coleta e registro de dados no trabalho de Malinowski em 1922. Seu trabalho foi uma inovação metodológica para a antropologia, que vivia um momento de reinvenção no que tange aos seus métodos de investigação e interpretação.

Em 1942, Margaret Mead e Gregory Bateson publicam *Balinese Character: a Photographic Analysis*, reafirmando a importância da utilização da fotografia, que passa a ser compreendida como uma forma de registro da perpetuação do homem, para a coleta de dados de interesse antropológico. A autora ainda salienta que a antropologia não foi reconhecida como ciência antes da invenção da fotografia, a qual, de alguma forma, contribuiu para esse reconhecimento.

Campos (1996) defende que a imagem é uma narrativa em ação capturada diante da câmera. Pode vir a ser um indicativo de transmissão de conhecimentos dimensionados historicamente. Por isso, a análise de um conjunto de imagens, como um recurso metodológico, viabiliza recortes de um tempo passado reconstituído no presente. A autora ainda salienta os limites da fotografia, como qualquer outra ferramenta de registro.

As fotografias também foram utilizadas nesta dissertação como recurso narrativo, principalmente no decorrer do segundo capítulo. Interrelaciono o texto escrito com as imagens, porque acredito que se complementam ao mesmo tempo em que são fundamentais para entender o que é a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru.

Durante a narrativa, utilizo outros recursos visuais para apresentar um mapa que situa a ocupação, sua localização geográfica dentro de Salvador e no território. As fotografias são apresentadas em sequências temporais de um mesmo local da Biblioteca, às vezes com o mesmo ângulo, em outras, com ângulos diferentes, enfatizando como se dão os processos de mudança e permanência das crianças, jovens e educadores no espaço.

Apresento um sociograma¹ da rede de movimentos sociais na qual a Biblioteca está envolvida, bem como elaborei dois infográficos que tratam de situar e estruturar visualmente meus argumentos no terceiro capítulo. Por isso, enfatizo a utilização das imagens durante todo processo de pesquisa, análise, investigação e narração da dissertação.

Por questão ética, quero enfatizar que existe um diálogo entre os educadores da Biblioteca e os pais dos menores que aparecem nas fotos. Por isso, algumas crianças puderam ser divulgadas neste trabalho. Inicialmente havia mais fotos selecionadas, mas, por não conseguir entrar em contato com os responsáveis para pedir autorização, ficaram arquivadas para outros momentos.

A Antropologia Visual vem ganhando espaço em revistas, congressos e disciplinas, e, gradativamente, mais pesquisadores aparecem empenhados em demonstrar como a imagem pode ser uma peça fundamental enquanto fonte primária de pesquisa científica.

¹ Sociograma é uma técnica sociométrica para demonstrar de forma visual através de símbolos geométricos as relações entre os grupos que são parceiros da Biblioteca.

Em um ensaio fotoetnográfico publicado na Revista Visual AntHropológicas, por Marcos Souza Matias (2020), a fotografia é entendida como um repasse de um tempo e espaço paralisado por uma máquina tecnológica, abrindo fronteiras a interpretações atemporais. Isso possibilita leituras e releituras sobre um mesmo momento, que se eternizou em um registro tecnológico. Matias (2020) tratou em seu trabalho de contextualizar o local onde as fotos foram tiradas e utilizou as imagens como narrativa viva do seu trabalho.

Ainda que consideradas como pressuposto metodológico, as fotografias que aparecem nesta dissertação não foram tiradas pensando a realização de um ensaio fotográfico ou um registro fotoetnográfico. Elas foram feitas de maneira espontânea e aleatória por crianças e jovens que frequentam a Biblioteca em momentos e intenções diferentes.

Na Biblioteca, possuo uma série de responsabilidades de coordenador e educador do espaço, Treinel² de Capoeira Angola e “Redutor de Danos”³ do Programa Corra pro Abraço. Sou lido como “alguém de fora” do bairro por algumas pessoas, enquanto algumas outras se impressionam quando digo que não moro no local, mas, geralmente, costumam me cumprimentar como se soubessem o que eu vou fazer ali. Este cumprimento advém de um reconhecimento da minha permanência e passagem pelo bairro, e acontece porque a biblioteca é um espaço de destaque dentro da comunidade.

Ocupar o lugar de pesquisador endógeno me serviu como dispositivo metodológico, marcando minha condição em campo e as possibilidades de coleta e ordenamento de dados. Articulei o conhecimento científico combinado com as experiências de vida e imersão em campo, pois eu estava ali como educador e pesquisador

Na qualidade de pesquisador, precisei romper com a dicotomia sujeito-objeto para dar conta do meu lugar social em campo, considerando que também integro o coletivo, assim como sou um homem negro e morador de um bairro taxado de periférico. Por essa razão, senti a necessidade de uma metodologia que me ajudasse a encontrar uma “distância ótima”.

Tim Ingold (2017) problematiza os protocolos da ciência, segundo o qual divide entre estar no mundo e conhecer o mundo. O autor elabora uma reflexão sobre o fazer etnográfico, apontando que o pressuposto epistemológico sobre a possibilidade de compatibilizar engajamento em pesquisa com o distanciamento da observação não poderia ser aceito passivamente pela antropologia.

² Título da tradição da Capoeira Angola entregue pelo Mestre de capoeira à pessoa responsável em realizar os treinos dentro do grupo que faz parte.

³ Redução de danos é uma política de saúde voltada ao cuidado de usuários de substâncias psicoativas que não podem ou não conseguem parar com o uso. A redução visa reduzir os danos provocados pelo uso e abuso das substâncias.

A minha proximidade com o campo me fez partilhar marcadores sociais com o grupo pesquisado diversas vezes frente a dilemas racistas arraigados na sociedade brasileira, dentre os quais considero relevante apresentar os conceitos de necropolítica e racismo institucional nesta dissertação.

Com isso, pretendo contribuir efetivamente para o escopo da produção de conhecimento antropológico, expondo os benefícios e limites da metodologia utilizada ao longo da pesquisa, avaliando e implementando criticamente certos princípios e conceitos praticados por toda comunidade científica.

A dissertação está dividida em 03 (três) capítulos: No primeiro capítulo – Das matas do Cabula ao centro geográfico de Salvador – foi construído a partir da minha interpretação das entrevistas qualitativas, imersão ao campo e estudos historiográficos, onde apresento alguns processos de desdobramentos do território, que se localizava nas matas e que hoje está inserido no miolo geográfico de Salvador. No final, faço uma análise do fenômeno social, a partir de estudos relativos às Bibliotecas Comunitárias.

No segundo capítulo intitulado Da insurgência ao cotidiano da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru – utilizei fotografias como ferramentas para analisar atividades realizadas dentro do espaço, ao mesmo tempo as imagens são utilizadas como recurso narrativo.

No terceiro capítulo – Malha Social e Confluência: Uma rede em movimento – apresento os movimentos sociais que possuem uma parceria com a BZB. Discorro, por meio de técnicas de análise de discurso, a representação social da Biblioteca para os entrevistados. Neste capítulo apresento uma metáfora que relaciona a relação dos movimentos sociais com a BZB, como o movimento das águas que se encontram, a partir da referência ao livro Caminho das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes (2009).

Os movimentos das águas estão associados com o conceito de malha social de Tim Ingold (2020). Para o autor, a produção da vida se dá por meio de uma malha de linhas que se entrelaçam. No caso da presente pesquisa, essas linhas entrelaçadas se dão como águas que se movem em um movimento de confluência na projeção de uma identidade negra imaginada e desejada.

Na conclusão da dissertação, realizo uma síntese das principais ideias, falas e momentos mencionados durante as entrevistas para entender a representação social do lugar, os motivos que levam as pessoas a frequentar o espaço, e a participação da Biblioteca na dinâmica de identidade do território. O território se caracteriza por uma particular justaposição de tempos históricos que conformam todo o tempo presente, produzindo uma

relação dialógica de influências, em outras palavras cada pedaço do território tem sua lógica, o seu cotidiano, que se inter-relacionam.

As diferentes intenções que os interlocutores transmitem em seus discursos se encontram em um mesmo caminho, trajetória ou desafios: Constituição de uma identidade negra em um contexto de racismo estrutural das relações. Por isso, interpreto o encontro dos diferentes grupos, pessoas e coletivos a partir do conceito de confluência de Nego Bispo (2015).

Entendo a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru como fruto de um processo de continuidade identitária que emerge do cabula, criado e organizado PELA comunidade em frente a rupturas histórica do território. Em razão disso, o manejo dos nomes é um manejo consciente dos moradores para reconstituir uma identidade étnico-racial negra (ANDERSON, 1993; FANON, 1982; FOUCAULT, 1999; BISPO, 2016).

Para Elisa Machado (2008) o fenômeno das Bibliotecas Comunitárias no Brasil se tornou particular por conta de sua atuação estar ligada a bairros periféricos, porque costumam surgir em área estigmatizadas. Para Costa (2011), o termo Biblioteca Comunitária é citado pela primeira vez na literatura brasileira em 1978, por Carminda Ferreira. Discutindo a relação entre biblioteca pública e escolar, a autora faz uma distinção entre os dois sistemas de biblioteca.

As Bibliotecas Comunitárias são um instrumento de “resgate da cultural popular; formação político cidadã; fortalecimento da comunidade na qual ela está inserida; valorização do indivíduo enquanto ser transformador da sociedade; concessão do direito fundamental à leitura e ao acesso à informação, mesmo que em muitas delas falte a presença de um Bibliotecário” (SOARES, 2019).

CAPITULO 1 – Das Matas do Cabula ao centro geográfico de Salvador

Neste primeiro capítulo, apresento a localização geográfica da Biblioteca dentro da cidade de Salvador. Tenho como premissa o território do Cabula como centro geográfico da cidade, e os bairros Arenoso e Beiru como bairros populosos, com alta densidade demográfica, e não como periferia. Percorro os processos de desdobramentos do território, por meio da narrativa dos interlocutores, a fim de entender o território que abriga a Biblioteca.

No final do capítulo, apresento a Biblioteca enquanto o um fenômeno social, que resulta de uma prática social comum no Brasil (MACHADO, 2008), geralmente protagonizado por jovens na busca por a direitos de acesso à educação, leitura, literatura e informação pela e para a comunidade.

A localização da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru é no bairro do Arenoso, situado no “miolo geográfico” da cidade. Entendo como miolo geográfico os bairros do Cabula, Pernambués, Engomadeira, Saboeiro, Beiru, Barreiras, Arraial do Retiro, Mata Escura, Novo Horizonte, Sussuarana, Arenoso, Narandiba Resgate e Doron.

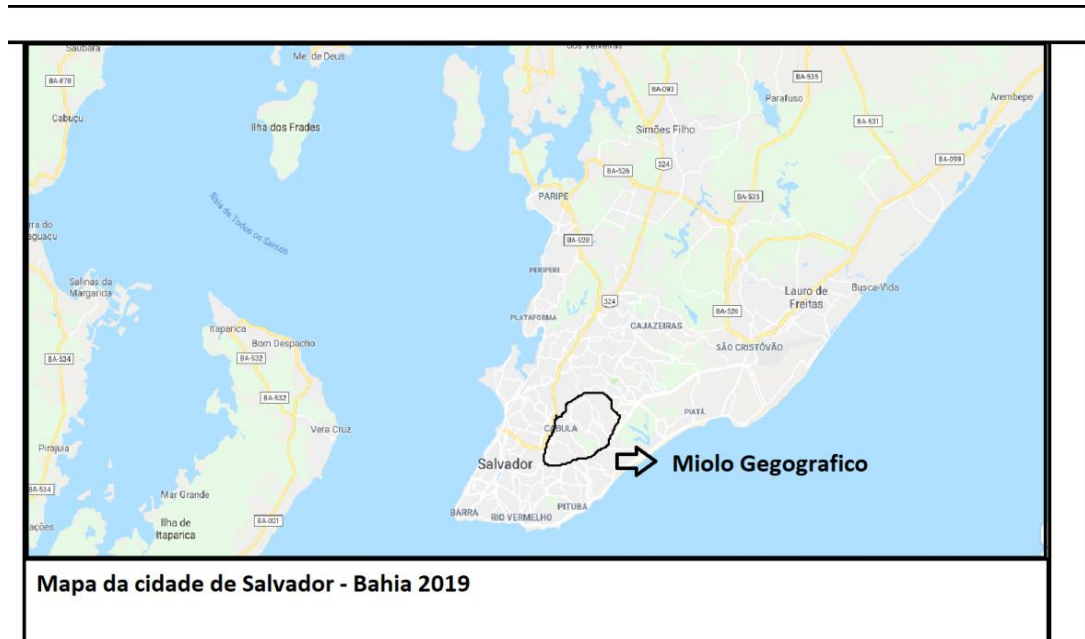
A delimitação desta área se deu pelo que pude perceber e ouvir através dos discursos das pessoas que moram ali. Por isso, entender o território do “Cabula” como miolo geográfico da cidade de Salvador objetiva também deslocar o olhar do “centro” histórico da cidade para o centro geográfico.

O território do Cabula fica especificamente na parte superior da ponta que fecha a Baía de Todos os Santos, ao centro das duas principais saídas terrestres de Salvador: a BR 324 e a Paralela, que leva ao litoral norte da Bahia.

No livro *Ecos que entoam uma mata africano-brasileira*, a autora Janice Nicoloin (2014) aborda o Cabula como um território que teve sua origem de dentro de uma região de mata densa e de difícil acesso para quem desconhece seus segredos. Esse mesmo território, que outrora era afastado da cidade, atualmente está situado no centro geográfico de Salvador.

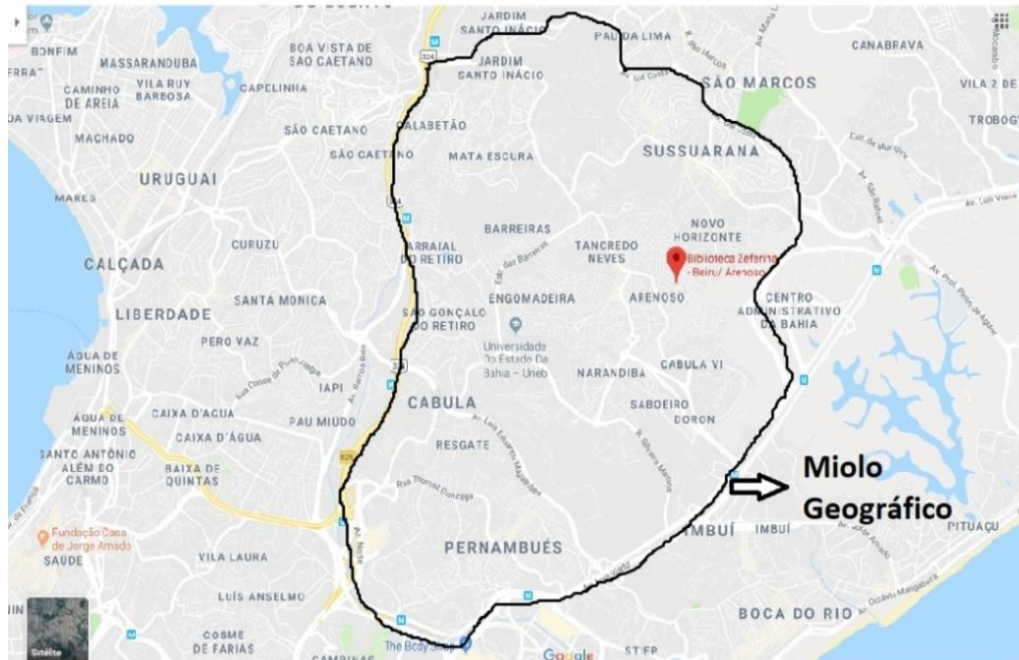
Mesmo que o centro geográfico possa englobar outras regiões como os bairros Pau da Lima, Cajazeiras e Boca da Mata, nesta pesquisa delimito o miolo geográfico à região do Cabula conforme as imagens a baixo:

Figura 1 - Mapa da cidade de Salvador – BA (2019)



Fonte: Google Maps

Figura 2 - Mapa do território do Miolo geográfico (2019)



Fonte: Google Maps

Delimitar a região do miolo geográfico na pesquisa como lugar central da cidade é pensar nas diversas formas de viver e sentir a cidade, principalmente nas diversas formas de

fazer antropologia no espaço urbano para explorar as dinâmicas e experiências particulares que nela se dão.

Para o antropólogo José Magnani (2002), as relações sociais nas periferias constituem-se com relações de caráter combinatório através dos laços sociais formados pelas relações de parentesco, vizinhança, procedência e vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas. Em outras palavras, o autor entende que o território da periferia cria mecanismos de organização social capazes de instaurar um código que ordena, classifica quem é e quem não é do lugar.

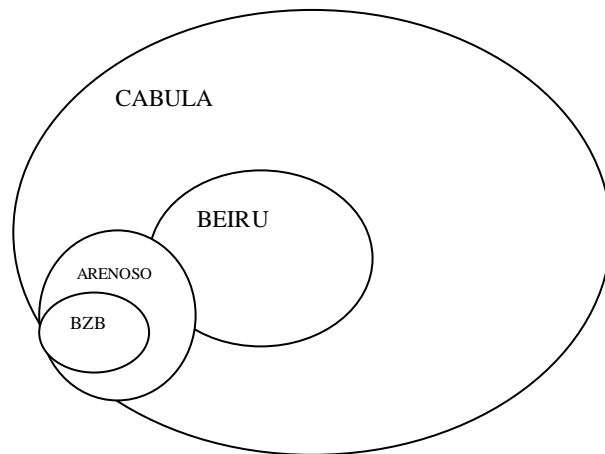
Para pensar o território e suas dinâmicas, Magnani (2002) desenvolve o conceito de pedaço e mancha para pensar as relações de território que confluem em um plano de existência comum. Enquanto a mancha cede lugar para cruzamentos não previstos, o pedaço é onde o indivíduo se dirige em busca dos iguais que compartilham os mesmos símbolos dentro da mancha (MAGNANI, 2002). Por exemplo, em um bairro existem pedaços dentro de uma mancha que apresentam dinâmicas particulares. Neste sentido, partilho desta compreensão na sobreposição de territórios que estão inter-relacionados.

Para o Antônio Bispo (2018), devemos ter cuidado com as relações em termos de periferias e centros. Para ele, as tradições de pensamento ligadas à matriz “afroindígena” seguem trajetórias civilizacionais diferentes: mesmo estando no mesmo território, não podem ser periferias, são confluências de civilizações com trajetórias distintas, sobretudo porque o colonialismo não conflui, segue a marcha do dogmatismo cristão.

Neste sentido, trato a região como miolo geográfico porque ela não está na periferia de Salvador, mas no centro, no coração da cidade. A Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru está situada no bairro do Arenoso, integra uma área referenciada como Cabula. Dentro deste território, existem outros lugares que se inter-relacionam a partir de diferentes variáveis de acordo com os contextos sociopolíticos de cada parte do território.

Percebi que existe uma particular justaposição de tempos históricos que conformam todo o tempo presente, produzindo uma relação dialógica de influências. Cada pedaço do território tem sua lógica, o seu cotidiano, que se inter-relacionam

Figura 3 - Divisão territorial



Fonte: Autoria própria

Existe um consenso entre os interlocutores no qual os bairros do Arenoso, Beiru, Narandiba, Mata Escura, Doron, Engomadeira e Novo Horizonte integram parte de um lugar maior, nomeado como “Cabula”. Em outras palavras, o território é dado como uma unidade construída por partes que funcionam de formas distintas, masque se constituem como parte de um todo: O cabula.

É possível dizer que as pessoas costumam entender o centro de Salvador como a região da Baixa dos Sapateiros à Avenida 7. Mesmo que fisicamente esses lugares estejam em um canto da cidade, ocupam uma subjetividade de proximidade.

No entanto, para quem mora na região do miolo geográfico, a ideia de “centro” é outra, é um lugar distante fisicamente, de difícil locomoção. Neste sentido, entendo que Salvador possui o centro histórico, entre a baixa dos sapateiros, Nazaré e Avenida 7, englobando o pelourinho; um centro comercial localizado na altura do Iguatemi; e o centro que nos interessa: o centro geográfico.

Estas delimitação e análise do território advêm de conversas com interlocutores e leituras que me fizeram ter o território como unidade de análise. A priori, a importância do território veio de uma conversa com Diego, que falou que *“não é possível pensar a Biblioteca sem pensar no que seus ancestrais fizeram naquele território, nas pessoas que vieram antes dele.”* (DIEGO, 2019)

Diante do exposto sobre a importância e significado em torno do território, este capítulo trata particularmente da narrativa em torno do processo de desdobramento do território a partir dos interlocutores de pesquisa e dados que passei a pesquisar durante o processo de levantamento de dados.

1.1 Cabula: O Eco dos Tambores

As características do território no início da sua ocupação são uma mata densa e fechada, com vales, rios e montanhas, onde os quilombos do Cabula e Urubu desenvolveram-se. O título do capítulo é uma expressão que faz referência ao tempo e espaço narrados aqui: onde era mata, hoje está no centro da cidade de Salvador.

Era nas matas do Cabula que os quilombolas realizavam um ritual de toque e ritmo. Esses toques rítmicos funcionavam como tecnologias comunicativas que transmitiam mensagens através do som, que ressoava para dentro da cidade de Salvador na época.

O miolo geográfico de Salvador começou a se destacar primeiramente sob o nome Cabula. Esse nome ganhou destaque devido à existência do Quilombo do Cabula, que foi destruído em 1806. Os rituais do Cabula aconteciam no quilombo e o som dos toques dos atabaques, viajavam das montanhas do Cabula para o centro de Salvador da época.

Curioso para saber mais sobre a origem do nome “Cabula”, realizei uma pesquisa e encontrei os estudos da etnolinguista Yeda Pessoa de Castro. No livro *Falares africanos na Bahia (2001)*, a autora afirma que a palavra Cabula está ligada ao sentido simbólico da comunidade africana Congo-Angola e sua tradução é “*lugar de afastamento dos males*”.

Para a professora Janice Nicolin (2016), a palavra Cabula expressa uma cultura de *akhé* africana por afirmação da cultura herdada do lugar. Seu nome é um reconhecimento ao enraizamento de elementos identitários que demarcam fronteiras simbólicas do que é ou deixa de ser (BART, 2002).

Neste sentido, entendo o território tratado nesta dissertação como miolo, que nasce a partir da região do Cabula. Na região, existe um processo de ocupação desordenado que diferencia suas partes, as quais estão, porém, integradas ao todo do Cabula.

1.2 Das paróquias para os bairros

Durante uma disciplina ministrada pela professora Urpi Montoya no Programa de Pós-Graduação, descobri que, nos séculos XVII a XIX, a Cidade de Salvador tinha suas regiões divididas em freguesias, ou paróquias. Tal delimitação era feita pela Igreja Católica, instituição que se fez presente desde os primeiros momentos do processo de colonização no Brasil. As freguesias tinham a função de controlar seus habitantes através de medidas que congregavam elementos da vida social das pessoas através dos batismos, casamentos, óbitos e

atividades assistenciais organizadas pelas Irmandades, como os rituais fúnebres (COSTA, 1989).

Existem registros que apontam a destruição do Cabula em 1807 por João Saldanha da Gama, o Conde da Ponte que mandou Capitão Severino da Silva Lessa invadir o Quilombo do Cabula e destruir tudo. A ação deixou registrada em documentos a prisão de 78 (Setenta e oito) pessoas. Essa história me foi contada por Diego e Davi, que a descobriram ao ler o trabalho de João Reis (2003).

Para entender um pouco sobre o contexto em que a cidade de Salvador vivia naquele tempo, trago os estudos da professora Ana de Lourdes Ribeiro da Costa (1996) sobre a organização urbana da época.

A Salvador do século XIX era dividida em 10 freguesias urbanas, ministradas pela Igreja Católica, sendo elas: Da sé, de São Pedro Velho, do Santo Antônio, Santana, do Passo, da Nossa senhora da Vitória, da Nossa Sra. de Brotas, da Nossa Sra. do Pilar, da Nossa Sra. da Conceição e da Nossa Sra. da Penha. A região do Cabula, aparece integrada à freguesia do Santo Antônio, que foi criada em 1648 e possuía grandes dimensões, tendo como matriz a igreja de mesmo nome.

Pelo seu tamanho, esse distrito estava dividido em duas partes: a primeira possuía características urbanas e grande concentração de população; a segunda, uma população dispersa que tinha como atividade econômica as pequenas lavouras chamadas de “roças”. A professora Ana de Lourdes Ribeiro da Costa (1996) aponta que o segundo distrito correspondia às ruas da Cruz do Cosme, do Pau Miúdo e da Vala até o rio Camurujipe, o Largo do Resgate, a Estrada do Cabula, a Estrada de São Gonçalo, Pernambués, Mata Escura e a Estrada das Boiadas (São Caetano). É nesse período que insurgem as histórias do Quilombo do Cabula e os rumores da história do levante protagonizado por Zeferina.

1.3 A insurgência da Rainha Zeferina

Zeferina é uma personalidade que ganhou grande visibilidade dentro dos movimentos negros em Salvador na última década, ou seja, existem muitas narrativas que fazem referência à sua existência, associando seus atos como um gesto de heroísmo.

A narrativa que ganha voz na Biblioteca Comunitária é a de Zeferina chegando a Salvador encolhida nos braços da sua mãe, trazida à força de Angola na primeira metade do século XIX. Ela foi responsável por articular povos indígenas, pessoas negras que fugiam da escravidão e pessoas libertas. Entendo, na dissertação, que a existência de Zeferina é uma das

histórias que a população negra tem para recontar seu passado e constituir o sentido do presente.

Na primeira vez que perguntei sobre Zeferina, Diego Lima me aconselhou ir consultar o blog de Davi Nunes. Na publicação de Davi, a história de Zeferina aparece como uma angolana fundadora do Quilombo do Urubu que organizou um levante contra Salvador:

Zeferina tinha ambições grandiosas, sabia que a liberdade viria da boca da mata, do Quilombo, era um princípio libertador, e que poderia ruir, haja vista o quilombo do Cabula que foi destruído em 1807. Ela sabia disso, compreendia que era necessário se unir com os nagôs, invadir a cidade e matar os brancos escravocratas para constituir uma liberdade plena para todo o povo negro. (NUNES, 2007)

Esse conto de Davi Nunes, segundo o próprio, reinventa o episódio contado no livro *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*, organizado por João José Reis e Flávio dos Santos Gomes (1989), em um artigo intitulado *Negociações e Conflito: A resistência negra no Brasil escravista*.

É uma releitura de um relato de 1826 do Presidente da província na época, que descreve Zeferina como uma rainha do Quilombo com planos de invadir Salvador para matar os brancos e conseguir a liberdade. Zeferina foi capturada pelo Conde Pirajá e seus homens, arrastada até o centro da Cidade de Salvador e presa no Forte São Marcelo.

O professor Walter Passos (1996) aponta que junto com a prisão de Zeferina foram presas Claudina, Josefa, Maria, Aldelácia, Eufizênia, Maria Joana totalizando 21 mulheres, mas não sabemos a real contribuição das outras mulheres. Para o professor, o nome de Zeferina ganhou evidência porque além dela estar armada, era foi a rainha do Quilombo. Ainda para Passos (1996), o quilombo representa uma estrutura africana que foi reconstruída em solo brasileiro como um empreendimento africano de resistência.

Nas pesquisas que realizei, o Quilombo do Urubu se situava aproximadamente entre a região entendida como Parque São Bartolomeu e Cajazeiras. Para o historiador Walter Passos (1996) este nome está associado à lagoa do Urubu, localizada entre a Mata Escura e a BR-324, em uma região conhecida como “Brasilgás”. As águas que formam a lagoa vêm do Rio Camurujipe, que nasce entre Pirajá e Boa Vista de São Caetano e deságua na Praia do Jardim dos Namorados.

Segundo a historiografia, a Lagoa do Urubu liga a mata do Cabula ao Subúrbio de Salvador, sendo uma referência histórico-territorial da Revolta dos Malês em 1835 (REIS, 2003). A tese da professora Janice de Sena Nicolin, fundadora da ODEART⁴, professora da

⁴ Associação Artístico - Cultural ODEART é uma entidade civil sem fins lucrativos de valorização de arte e cultura negra e educação pluricultural.

rede estadual há mais de 30 anos elabora o termo *Kipovi Cabuleiro* como uma recriação de um “contador de história” do Cabula, que trata o território a partir de uma perspectiva de linguagem poética da educação pluricultural. O conceito é fruto de vivência e estudos relacionados à memória calcada na ancestralidade de uma territorialidade socializada por africanos e seus descendentes da Bahia. Sua pesquisa buscou compreender a dinâmica de um contador de história da tradição oral africana. A perspectiva da autora aponta

Para possibilidades de novos estudos de valorização da memória negra da Bahia, principalmente da memória das culturas congo-angola, sobretudo com abordagem na memória da educação nas territorialidades negras dos centros urbanos, locais que guardam as heranças dos quilombos que influenciam modos e formas de ser e agir, de viver e se relacionar com múltiplas estéticas, modos e formas nutridas por uma ética que sociabilizou o lugar e permanece viva, dinâmica, no cotidiano do seu comum existir. (NICOLIN, 2016, p. 281)

A autora aponta para um cotidiano que permanece vivo na sua dinâmica, em suas múltiplas estéticas e formas de viver e relacionar. Neste sentido, são territórios constituídos, sobretudo a partir da abordagem da memória como um elemento constituinte das relações.

Hoje existem registros e histórias que contam sobre a existência da íntima relação entre o Quilombo do Cabula e do Urubu, principalmente relativo à quantidade de trocas de conhecimento, de animais e pessoas que transitavam entre os quilombos.

1.4 Beiru Vive!

O nome da presente seção faz referência a uma frase muito dita por Dom Lito, Andressa Monique, Diego, Michele e outras pessoas que frequentam e constroem a Biblioteca. É uma referência ao nigeriano que chegou décadas após a destruição do Quilombo do Cabula em 1806 e a captura de Zeferina em 1826.

Nesta época, a região passou a se destacar por abrigar uma grande quantidade de fazendas produtoras de laranjas, época em que as boas laranjas eram associadas ao Cabula. A fazenda que nos interessa particularmente é a fazenda Campos Seco, que pertencia a Hélio Silva Garcia. A família Garcia, de descendência italiana, foi morar em Portugal e, por conta do grande prestígio social com a coroa portuguesa, ganhou muitas terras na Bahia, sobretudo em Salvador.

Foi por volta de 1850 que desembarcou Beiru, capturado do Estado de Oió e tornado cativo da Família Garcia. À medida que o nigeriano passou a viver na fazenda, começou a gerir como se fosse o próprio dono e arrendou as terras para muitos negros e negras recém libertados que não tinham aonde ir.

As portas dessa fazenda se localizavam no que hoje se conhece como o Largo do Anjo Mal (BEIRU, 2007). Sob indicação dos interlocutores, acessei um livro intitulado *Beiru*, doado à Biblioteca em 2016, que foi lançado em novembro de 2007 e organizado pela Associação Comunitária e Carnavalesca Mundo Negro. Este livro foi de grande referência para elucidação da história que sustenta a força política do nome Beiru para os interlocutores, por isso é orgulhosamente exibido em uma das entradas da Biblioteca como um troféu. Assim é definido seu achado. Por isso, o utilizei como referência para entender alguns aspectos dos desdobramentos do território.

O nome Beiru passou a ser uma referência de segurança para aqueles que buscavam fugir da estrutura opressiva da escravidão que o Centro de Salvador impunha na época. Após a morte de Beiru, a família de Hédio Silva Garcia retomou as terras, renomeando o lugar como: *Fazenda Beiru*. Não há registro do por que ou como, mas consta na escritura das terras, datada de finais do século XIX, que estão anexados no fundo do livro.

Ainda através da pesquisa realizada e organizada pela *Associação Comunitária e Carnavalesca Mundo Negro*, soube que foi em 1910 que a “Fazenda Beiru” foi comprada por Miguel Arcanjo de Souza (X - 1941). Conhecido como Massanganga de Indú Duxó ou Massaganga de Cariolé do Santo amuraxó Tatetu ria mukixi ou Tata Nkisi (babalorixá) do Candomblé Bantu (BEIRU, 2006). Dois anos depois, em 1912, ele viria a fundar o primeiro terreiro de origem banto da região, o Terreiro de Massanguá, de Raiz Amburaxó⁵, no local conhecido na época como Jaqueira da Cebolinha, mas que atualmente chama-se de Largo do Anjo-Mau. Esse largo é um dos elementos identitários mais essenciais para a história e manutenção da memória do território nomeado de Beiru. É onde se encontra o Terreiro Vila São Roque, importante *locus* religioso que conseguiu preservar e difundir a tradição ritualista da nação Amburaxó-Angola na comunidade.

Os rituais do terreiro de Miguel Arcanjo eram realizados publicamente em espaços abertos, ao redor de árvores sagradas, que hoje circundam o posto médico do Beiru e a 11ª Delegacia. Miguel Arcanjo formou discípulos para dar seguimento à sua linhagem do Candomblé. Miguel Rufino, Olga Santos (Morena) e Pedro “duas cabeças” criaram seus terreiros independentes. Miguel Arcanjo morreu em sua casa em 1941, aos 81 anos de idade, mas antes de falecer, adquiriu mais alguns pedaços de terra dentro da área atualmente

⁵ Segundo Zezinho França (2013) no blog recanto das letras, a Nação de Amburaxó, fundada por Miguel Arcanjo, se diferenciava dos demais terreiros por ter uma doutrina mais aberta. “Era mais fácil de aprender”, diz o filho-de-santo Eldon Araújo Laje, conhecido como Jijio, do Terreiro Insumbo Meian (Vila São Roque), localizado no Largo do Anjo-mau.

entendida como o final de linha do bairro (BEIRU, 2006).

Acredito que na pesquisa em questão a evocação destes nomes provoca um sentimento de pertença das pessoas em torno do lugar que os seus antepassados viveram. Lembrar de quem viveu e morreu é falar também de outras formas de existir. As narrativas se desdobram tendo pessoas que resistiram a um comportamento de resistência.

1.5 De Beiru a Tancredo Neves

Os herdeiros de Miguel Arcanjo moveram uma ação de despejo contra Manoel Cyriaco e outros arrendatários, que foram acusados de não pagar o aluguel das terras arrendadas, e o desdobramento desse conflito seu deu na dimensão jurídica entre 1938 e 1944. O caso foi o primeiro de uma série de disputas por terras que só foram resolvidas em 1979 quando o governador do Estado da Bahia, Antônio Carlos Magalhães (1979-1983), decidiu desapropriar todos os herdeiros das terras do Beiru, tirando a posse delas em favor da instalação de um projeto de urbanização da área. Cerca de 600 (seiscentos) títulos de doação de terreno referentes ao projeto foram entregues, simbolicamente, àqueles que moravam na região como arrendados. Foi neste momento em que o “*Projeto Beiru*” como política de urbanização do bairro teve seu pontapé.

No final da década de 80, cerca de seis anos depois de anunciado seu início, o sucessor do Governador, João Durval (1983-1987), implantou o projeto Beiru, que supostamente beneficiaria cerca de 80 mil pessoas de baixa renda. Esse projeto contemplava 9.522 domicílios em uma área de 21 hectares. Eles alegaram que o projeto iria pôr o Cabula rumo à urbanização, viabilizando a melhoria das moradias, as ruas, e infraestrutura e saneamento. Prometeu ainda realizar 33 (trinta e três) mil metros de macrodrenagem, 11.500 de microdrenagem, 2 mil de muros de contenção, 22 mil de esgotos, 6.500 de rede de água, 53 mil de vias de serviços, 15 mil de vias de pedestres, 39 mil de meio-fio em rampas e escadarias drenantes de quase 10 mil metros (CORREIO DA BAHIA, 1980).

Esse projeto moldou o bairro em sua atual configuração e foi igualmente responsável pela construção do prédio que hoje abriga a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru. A partir da implantação do Projeto Beiru, o território passou por um grande processo de crescimento desenfreado e de ocupações irregulares. No entanto, o nome Beiru do bairro foi substituído em 1985 por Tancredo Neves.

Em 02 de Julho de 1985 os letreiros dos ônibus que faziam roteiro Beiru - Lapa, o centro da cidade, mudaram de Beiru para Tancredo Neves. Davi Nunes (2015) aponta em seu

blog que foi o presidente da associação do bairro na época, chamado Dionísio Juvenal, quem organizou um plebiscito para mudar o nome do bairro, fazendo intensa campanha contra o nome Beiru. Dionísio se elegeu vereador naquela década e vem construindo sua carreira até as últimas eleições, por meio de cartazes e propaganda, as sem êxito.

As campanhas contra o nome Beiru renderam uma reportagem no jornal Tribuna da Bahia sob o título “Beiru quer mudar o nome para acabar com rimas e trocadilho”. Foi por meio de uma argumentação de incitação à homofobia que ele conseguiu fazer grande parte da população votar na mudança do nome do bairro, depois se elegendo vereador.

11 anos depois em 1996, a Polícia Militar realizou uma operação intitulada “Operação Beiru”, mesmo que o bairro já constasse como “Tancredo Neves” há quase 10 anos. Os policiais executaram jovens de 16 a 29 anos em apenas uma noite.

As ações do Estado em 1985 e em 1996 são ações que sob uma análise social Silvio Almeida (2018) define de Racismo Estrutural. Na obra *O que é Racismo Estrutural?* Silvio Almeida (2018 a) defende que o Racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é resultado da lógica de funcionamento das instituições públicas e privadas, o que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios a partir da raça.

A manutenção do poder adquirido pelas elites brancas coloniais se perpetua pela estrutura do poder político, pelo acúmulo histórico em institucionalizar seus interesses juridicamente, impondo a sociedade regras, padrões de conduta e modos de racionalidade que tornem naturalizados a sua forma de domínio (ALMEIDA, 2018, p.31).

A noção de racismo institucional é uma contribuição para o amadurecimento político e teórico de enfrentamento ao Racismo. O marco teórico da noção de Racismo Institucional foi introduzido pela obra *Black Power: Politics of liberation in America*, escrita por e Charles V. Hamilton. Os autores, mesmo sendo dos Estados Unidos, se propõem a romper com as análises que restringem práticas racistas a comportamentos individuais. No livro, o racismo é considerado como “a aplicação de decisões e políticas sobre considerações de raça com o propósito de subordinar um grupo racial e manter o controle sobre esse grupo” (Carmichael; Hamilton, 1967). As práticas racistas levam à divisão sócio espacial de pessoas em bairros – periferias, guetos etc.

O racismo é um conjunto de atos, mas de um processo de condições de subalternidade e de privilégios distribuídos entre grupos raciais distintos, que são reproduzidos nos âmbitos da política, da economia e do cotidiano (ALMEIDA, 2018, p.31).

Os negros brasileiros descendentes de africanos que foram trazidos para a América⁶ contribuíram de forma decisiva para a formação da região, mas com toda contribuição para a formação da Nação Brasileira (QUERINO, 1938), as comunidades negras enfrentam dificuldades para ter acesso a recursos básicos, como água, terra, habitação, saúde, educação etc. Acontece que os resquícios do processo de escravização das mulheres e homens negros provocaram uma hierarquização nas ações do cotidiano, como a divisão sócio-racial das cidades, do grau de formação educacional, do acesso a condições de saneamento etc.

Por isso, as “identidades negras estão reivindicando uma visibilidade social em razão ao apagamento que foi historicamente submetida” (Novaes, 1993). Este processo é notado quando nos referimos às mulheres, aos índios, aos negros e a outros grupos vulnerabilizados na sociedade brasileira. As minorias políticas são reforçadas por estruturas subjetivas que ainda ensinam negros a negarem a si mesmos. Esta será uma discussão que irei concluir no capítulo 04, no entanto, é de suma importância afirmar que entendo que as políticas que vieram a mudar o nome do bairro e a realizar um genocídio de jovens sob o nome de Beiru derivam da política racista direcionada ao bairro ao longo dos anos.

Hoje o Bairro, sob o nome de Beiru \ Tancredo Neves, localiza-se a Noroeste da área do Centro Administrativo da Bahia (CAB), entre a BR 324 e a Avenida Paralela, com um milhão de metros quadrados, possuindo os seguintes limites geográficos: ao norte, faz fronteira com o bairro da Sussuarana; a Noroeste, com o bairro da Mata Escura; a Oeste, com as Barreiras; a Sudoeste, com Engomadeira e Cabula; pelo Sul, faz fronteira com bairro de Narandiba; a Sudeste, com Cabula VI; a Leste, com bairro do Arenoso e, pelo Nordeste, com bairro de Novo Horizonte. Por ter uma grande extensão territorial, o bairro tem muitas ruas, vielas, logradouros, becos e inúmeras construções inadequadas.

Para descobrir quantas pessoas moram no local, acessei o último censo demográfico do IBGE, de 2010, que aponta que o bairro do Tancredo Neves possui uma população de cerca de 50.416 mil habitantes. O processo de urbanização, iniciado na década de 1970, resultou em construções de conjuntos habitacionais, a exemplo do Conjunto Arvoredo.

Para a professora Janice de Sena Nicolin (2016), o fenômeno de urbanização, face ao grande crescimento populacional na década de 70 no bairro, fez chegar valores urbanos industriais e das instituições da modernidade, o que acelerou o ritmo da vida e alterou o dinamismo social, fazendo do Cabula um território de Salvador onde a tradição africano-

⁶ América é tomada no sentido de incluir as Américas do Sul, Central e do Norte, assim como o Caribe.

brasileira se encontram e forma contextos de tensões e conflitos nas comunidades centenárias, fazendo os casos de violência urbana aumentarem.

O bairro caracteriza-se por uma ampla oferta comercial de lojas de eletrodomésticos a produtos naturais, pavimentação nas ruas, quatro escolas públicas, uma Delegacia da Polícia Civil, o Centro de Saúde, linhas de transporte (embora consideradas insuficientes pela comunidade), saneamento básico, luz elétrica, uma cooperativa de velas e sabonetes, um supermercado, padarias, restaurantes e bancas de trabalhadores informais com frutas sendo vendidas na via principal. Possui também a segunda maior sede da Igreja Universal do Reino de Deus da cidade, uma praça de esporte e lazer, o Centro de Integração Familiar (CEIFAR), diversas associações comunitárias, a Liga Desportiva Quilombo do Beiru e uma unidade do Pacto pela Vida, dentre outras instituições e grupos. O aspecto que precisa ser enfatizado é a predominância do comércio local, com os estabelecimentos e as feiras livres.

1.6 Cai um raio, nasce o Arenoso

O Arenoso veio a se constituir como bairro de forma oficial na década de 1940. Antes disso, era uma região de roças. Os moradores do Beiru usavam a região para plantar roças e colher frutas.

Dona Osalice e seu irmão, Antônio Nelson de Andrade, conhecidos como Dona Mocinha e Cara de Vaca, fizeram parte das primeiras famílias a chegarem à região entendida como Arenoso. Em uma entrevista realizada por *Jovens do Programa Corra pro Abraço*, em 2017, Dona Mocinha, líder do Terreiro de Oyá, contou um pouco da sua trajetória e revelou que chegou ao território do Arenoso quando ainda não era um bairro constituído, e que quem nomeou a região como “Arenoso” foi seu irmão. Ela relatou que eles enchiam caminhões de laranja para vender na feira das 7 Portas no centro da Cidade.

O Arenoso era uma região cercada por muitos rios e grandes concentrações de árvores frutíferas como Jaca, Cajá, Manga e Acerola, então não precisavam ir muito longe para se alimentarem. Comenta, ainda, que presenciaram a chuva em que um raio separou o Arenoso do Beiru. Dona Mocinha diz que foi sob uma forte chuva, com uma grande quantidade de trovoadas ao comando de Xangô – o Orixá da Sabedoria, da Justiça e dos Relâmpagos – que um raio provocou uma cisão geográfica entre o Beiru e o Arenoso. Quem pôs o nome de "Arenoso" foi o seu irmão, Antônio Nelson de Andrade quando, nas palavras da própria Dona Mocinha de Oyá

“A gente morava lá em cima, por que onde é aqui, era tudo roça. Tirava daqui caminhão de laranja pra vender na sete portas, Aí minha mãe tinha um pé de cajá muito grande no quintal, aí quando chovia aqui o vento derrubava tudo mesmo! Aí foi quando virou o Pé de Umbu e aí botou a terra pra fora. Aí foi quando meu irmão chegou pra minha mãe e disse “-Mamãe! “Essa terra daqui, isso vende mamãe” Aí mamãe disse “-MININO, onde já se viu vender areia Antônio?”. Ele disse: “-Vende mamãe, vende, vende...”. Aí quando foi outro dia pela manhã ele pegou quatro sacos de Arenoso de 1 KG. Levou lá no retiro, no DDR, o Doutor Hélio Machado foi quem expurgou tudo isso aqui Aí quando ele chegou lá com esse Arenoso branco, vermelho, roxo, amarelo...tudo aqui tem! Naquele tempo a gente não fazia questão de nada Nem sabia que Arenoso ia presta pra alguma coisa. Aí doutor Hélio Machado veio e tirou o Arenoso todo e os papeis ficavam sempre na mão do doutor Hélio Machado. Aí meu avô paga 20 mil réis por ano, todo mundo, toda família dava 10 tons para interar esse dinheiro pra pagar a prefeitura Então todo mundo dava o dinheiro a meu avô, toda família, minha mãe, minha tia e outras famílias davam o dinheiro ao meu avô que se chamava Manoel Suplicio, e aí ficou por isso. Depois meu irmão foi tirar mais Arenoso, e pensou que tava muito rico, comprou um terreno enorme! É bem ali onde tem o Norma Ribeiro, o colégio ali. Aí comprou também uma fazenda em Candeias e aí naquele tempo comprou um carro logo e sempre com uma namorada nova né. A gente andava muito junto, ele ajudou muito a gente. Inclusive foi uma das suas namoradas que me ajudou a me aposentar no colégio. (DONA MOCINHA DE ÓYA, 2017)

Dona Mocinha é uma pessoa que viveu o processo de constituição do Arenoso enquanto um bairro. Sua fala “morávamos lá em cima” é uma referência à localização geográfica do Arenoso em relação ao Beiru. A região do Arenoso por se localizar mais abaixo, perto de rios, era mais propícia ao cultivo de horta. Ainda sobre o uso do terreno, Dona Mocinha de Óya conta que

Neste terreno todo que é o Arenoso, só tinham 3 pessoas. Era o Manoel Suplicio que era meu avô, lá de cima tinha São Bento e Dona Cecília que também faleceu. Depois Dona Cecília vendeu ao doutor Carlos que fez as casinhas aí pra melhorar, mas que piorou foi tudo! Veio muita gente boa para as casinhas, mas também gente que não né? Aqui a gente rezava Santônio, tirava nicuri e a palha. Fazia Boca, Dona Júlia, Dona Corina. Era caruru de São Cosme, fazia festa tudo...Fazia assim ó um quadrado de palha de nicuri, fazia uma cabana, vocês sabem como é, né? Dançava a noite toda de candieiro, com violão e cavaquinho e a festa, e nós era muito feliz! Aqui era mangueira, jaqueira, deitava pra dormir e deixava a casa aberta. A gente lavava a roupa na fonte. Agora que os médicos tão indo de qualquer jeito, mas os médicos de antigamente só ia de palitô com aquele branco brilhando, mas lavei muita roupa pra médico com parafina, chamava roupa de ganho. Deixava de um dia pra outro a roupa na fonte. Ali mesmo onde é a rua do sapo era a fonte do cajueiro, era uma fonte que corria água e a gente pegava traíra e outros peixe, tudo ali! (DONA MOCINHA DE ÓYA, 2017)

Na entrevista, Dona Mocinha conta como uma região que era roça, ou seja, uma região que não moravam pessoas, servia para as famílias cultivarem alimentos e deixarem os animais maiores pastando. Foi depois que o “raio” caiu e provocou uma mudança no solo que começou um movimento de ocupação na região.

Hoje em dia, o Arenoso se caracteriza por um forte comércio de bens e serviços: mercadinhos, lanchonetes, padarias e salões de beleza que compõem o cenário

socioeconômico da comunidade, além de muitas pessoas que trabalham vendendo frutas nas feiras livres. O Arenoso possui alta densidade demográfica, um forte comércio de bens e serviços, avenidas densas de transeuntes e vielas edificadas por casas.

O Arenoso não é um bairro de grande extensão territorial, para ter uma idéia de quantas pessoas moram no bairro, acessei o último censo de dados feitos pelo IBGE em 2010, o Arenoso tem uma população de 16.604 habitantes.

1.7 O cotidiano em Arenoso

O bairro tem uma entrada sinuosa, que não permite a entrada de dois carros grandes ao mesmo tempo. Em um sábado pela manhã dentro de um ônibus indo para Biblioteca, o motorista falou: “*é preciso ir na manha*”, enquanto esperava outro ônibus manobrar para sair do bairro realizando uma manobra para ajeitar o ângulo da curva, ao mesmo tempo que fazia meia embreagem. Na esquina da entrada da rua existem duas grandes mangueiras que cobrem parte da rua principal. Essas mangueiras ficam na propriedade do terreiro de Santa Cruz, onde Dona mocinha é a responsável.

A entrada da rua principal é composta de uma série de comércios que vão desde lanchonete de esquina, loja que conserta fogões e geladeiras, mercadinhos, loja que vende material de informática, salão de beleza, barbearia, loja de produtos naturais, até outros comércios.

Nos primeiros 200 metros adentrando ao bairro, o movimento do comércio vai se intensificando. Ainda na entrada, é possível se ver muitas cores e ouvir muitos sons por conta da música com que alguns estabelecimentos estrategicamente tentam atrair seus clientes, de outros que gritam as promoções do dia e, ao fundo, outros barulhos emitidos pelo movimento das pessoas. Tais sons vão desenhando a entrada do Arenoso em um sábado pela manhã.

Muita gente aparenta estar indo ao trabalho, devido às roupas e expressões corporais que parecem se sempre de incômodo com a demora do transporte coletivo. Outras pessoas aparentam ir para a acadêmica, ao mesmo tempo em que o salão de beleza está sempre cheio, as barbearias todas lotadas e os mercados com pequenas filas.

Ainda na entrada do bairro, existem umas lojas com aspecto antigo, e, nelas, senhores consertam ventiladores, máquinas de lavar e outros eletrodomésticos. As lojas dividem a calçada com o ponto de Moto Táxi, que por sua vez é vizinho do chaveiro, e assim o comércio vai se expande bairro adentro. Por isso, é possível afirmar que a entrada do Arenoso é bastante movimentada.

Quando não vou à lanchonete, fico atraído pelo cheiro de dendê da Baiana de Acarajé que tem na segunda esquina da entrada, onde é vendido acarajé a um real. Os sons, barulhos e cheiros se misturam entre asfalto, trânsito, pessoas e suor.

Andando pela rua principal, é possível encontrar de tudo! De farmácia a caixa eletrônico 24hrs, existem pessoas que ficam anos sem sair do bairro, porque lá tem tudo que precisam. Ao caminhar pela rua principal, depois dos primeiros 200 (duzentos) metros, encontram-se duas opções: esquerda ou direita. Ambos os caminhos levam à Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru.

Se escolher pegar a esquerda, você vai sair da pista principal, seguir a rua até pegar a primeira direita, rua Gilberto Bastos, e ir andando reto, passando pela lateral do colégio Norma Ribeiro. Vai continuar indo reto, mas à sua esquerda vai visualizar uma praça enorme que possui duas quadras muito utilizada pela comunidade: uma poliesportiva e outra de barro. Seguindo por mais aproximadamente 300 (trezentos) metros, encontrará a entrada da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru.

Se decidir pela direita, vai continuar pela pista principal até encontrar mais estabelecimentos comerciais: barraca de açougue a céu aberto, loja de material de construção, lanchonete, loja de roupa, *lanhouse*, empresa que vende gás, um depósito, oficina, outro bar. Andando por aproximadamente 300 metros na para a frente do ponto de ônibus, à primeira esquerda, vai entrar e andar reto até chegar à Praça Nova, onde está a Biblioteca. São caminhos diferentes, mas todos levam ao mesmo lugar.

As ruas do Arenoso são marcadas pelo crescimento desenfreado característicos de bairros populosos. Há casas muito coladas, assim como uma sem cima das outras (conhecidas como “puxadinho”, onde um parente possui uma casa e o outro parente mais novo vai construindo em cima).

A comunidade possui uma dinâmica própria que é atravessada por um cotidiano agitado. O movimento nas ruas começa cedo. Às 5h você já encontra moradores saindo para trabalhar e, às 6h, ônibus saindo cheios do Arenoso. O comércio costuma abrir às 7h, embora parte dele só às 8h. Às 9h, já está tudo aberto com um grande fluxo, principalmente nos primeiros 200 (duzentos) metros da entrada do bairro. Nos finais de semana, acontecem as reuniões conhecidas como “paredões”, geralmente por 02 (dois) a 3 (três) dias, sendo na sexta, sábado e domingo. Os jovens se reúnem principalmente nas praças para dançar, beber, paquerar e se conhecer sob o som alto dos carros que dão a “atmosfera” à festa.

Ao andar pela primeira vez no bairro, lembro da sensação de ser observado, como se as pessoas soubessem que eu não morava ali. O fato de o bairro não ter uma grande extensão

territorial faz com que as pessoas saibam quem é e não é do local, uma característica comum a bairros da periferia. Para Almeida (2011)

Ser estranho em um bairro de características pessoalizadas é ser intruso e diferente. E se o estranho é olhado com certa hostilidade pelos moradores do pedaço, com desconfiança ou receio, aqueles que são impessoais também são vistos atravessadamente por não conviverem “simpaticamente” com os demais moradores. Diferente do estranho, o morador “antipático” é reconhecido, mas em alguns momentos pode incomodar por ser indiferente e de convívio mais individualizado. *Quem é esse cara que ta circulando a rua! Fulano é besta, não fala ou se mistura com ninguém!* (fala de um morador do bairro estudado). Desconhecido, o estranho invade a privacidade de um público (moradores) que preza pelo bom convívio social. “A proximidade espacial cria um conhecimento mútuo pelo menos aproximativo: quem não é conhecido parece intruso”. (Antoine Prost 1992 p.116). O estranho, do mesmo modo como o estrangeiro descrito por Simmel (1989) é aquele que ninguém conhece, que ninguém pode nunca ter visto, mas todos sabem quem é ele. Assim também é o “antipático”, todos sabem quem é ele, não por ser estranho, mais por ser impessoal e preferir a individualidade do espaço privado da casa. (ALMEIDA, 2011, p. 2)

À medida que se adentra o bairro, dá para sentir que o nível de familiaridade entre os moradores aumentar. Quando ando com algum morador, cumprimentar a vizinhança é um ato comum para as pessoas, pois todas parecem se conhecer.

Uma característica frequente durante os finais de semana são as pessoas sentadas em frente de suas casas, com janelas e portas abertas, entre a rua, calçada e a varanda de suas casas. É possível você passar em frente às casas, ouvir suas televisões e até mesmo o cheiro da comida que estão cozinhando.

É como se houvesse uma mistura entre público e o privado, intermediado pelas pessoas que, além de deixarem suas casas abertas, ficam sentadas em cadeiras ou no meio fio conversando com umas com as outras enquanto as crianças brincam. Almeida (2011) aponta que

O bairro, de certa forma, se torna o privado que é público, ou seja, participar e compartilhar de um estilo de vida comum e cotidiano, em que os moradores reconhecem seus semelhantes, faz do bairro um grande espaço privado, mas que ao mesmo tempo é público por não ser fechado e restrito apenas a um determinado grupo social. É claro que ninguém pode sitiar um bairro, torná-lo privado, mas o que se percebe são fronteiras construídas, segundo a concepção de Bourdieu (1997) simbolicamente, por moradores já estabelecidos (ALMEIDA, 2011, p. 2)

Para o autor, o bairro ocupa uma dimensão de partilha comum do cotidiano que faz com que os moradores reconheçam quem é, e quem não é do lugar. O cotidiano do bairro é caracterizado por uma grande movimentação de pessoas nas ruas, muitos comércios, crianças, adolescentes, indo e vindo, seja de bicicleta ou *skate*. As praças são marcadas pelas reuniões dos “sindicatos”. O sindicato é nome dado pelos próprios moradores a um grupo que, geralmente, é composto por homens que se reúnem para beber e jogar dominó nas praças.

Uma presença comum no bairro é a presença das vendedoras de rifas, em geral, mulheres, que andam para cima e para baixo da comunidade vendendo rifas durante o final de semana. Os trânsitos dessas pessoas representam uma das estratégias econômicas que acontecem como uma rotatividade de dinheiro dentro das “quebradas”.

Quero enfatizar que, apesar de o bairro ser tido socialmente como periférico, principalmente pelos meios de comunicação da grande mídia, televisão e jornais, trabalho sua localização, como premissa geográfica, enquanto um centro.

No entanto, socialmente, um bairro periférico é entendido como espaço urbano onde há uma concentração de pobreza, pouca aplicação de investimentos públicos, loteamento e assentamentos irregulares, geralmente nas bordas da cidade (GUZZON, 2015).

Entender o território como um bairro populoso não ignora suas ausências, até porque a insurgência da Biblioteca Comunitária indica a necessidade de equipamentos públicos (MACHADO, 2008). No entanto, compreendo a constituição do bairro como resultado de circunstâncias e movimentos gerados pelos moradores que habitaram o território, constituindo subjetivamente um valor simbólico na região que se consolida para além da ideia de “periferia”.

A partir do conceito de confluência de Nego Bispo (2015), entendo que a constituição do território do cabula é resultado de circunstâncias geradas por dinâmicas que se dão na relação dos moradores e poder público. Nas palavras do autor:

Confluência é a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se junta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas. Transfluência é a lei que rege as relações de transformação dos elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se mistura se junta. Por assim ser, a transfluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento monoteísta do povo monoteísta. São a partir dessas leis que se geram os grandes debates entre a realidade e a aparência, ou seja, entre o que é orgânico e o que é sintético (BISPO, 2015, p. 89)

Para Bispo, o processo de confluência está relacionado com o contato dos povos quilombolas com a natureza. Tomo emprestado seu conceito para pensar a constituição a iniciativa da Biblioteca e sua relação em rede como resultado de confluências de movimentos sociais na cidade.

Entendo que existe uma construção social acerca de termos polifônicos associados à categoria periferia. Existem, por exemplo, os discursos feitos por representatividades negras, nos seus lugares de fala e pertencimento, que realizam uma disputa pela legitimidade de falar “periferia”. Nesse sentido, o conceito é utilizado por um reconhecimento epistemológico da periferia como uma condição política, então esse território que é marcado e representado pelas

mazelas sociais e violência, é também marcado pela resistência cultural e política das pessoas negras. Para Almeida (2011)

O bairro não é apenas uma demarcação territorial que divide a cidade – servindo para delimitar os espaços urbanos e o controle administrativo dos serviços públicos e municipais – mas, antes de tudo, o bairro é a própria constituição de uma cidade, onde os moradores que nele habitam se identificam, se sociabilizam, criam laços afetivos e sentimentos de pertencimento. No bairro se percebe rituais, práticas habituais, *habitus*, e tradições. No bairro se percebe dificuldades e problemas. Problemas com o crescimento populacional, com infraestrutura, com a violência, com a falta de serviços, com a falta de emprego, com as favelas que começam a circundar, etc. (ALMEIDA, 2011, p. 2)

Entendo que não é apenas uma questão de “bairro”, mas de tudo, a constituição de um universo construído em torno do território, onde os moradores que habitam se identificam e sociabilizam de forma associativa para preencher as lacunas no que tange ao acesso à educação, à leitura, ao lazer e à memória em iniciativas comunitárias, que no caso desta pesquisa é a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru.

Assim, entendo que a Biblioteca está inserida em uma demarcação na cidade que não pode vir a ser considerada um “pedaço”, mas parte de um todo, e que não é apenas uma “parte”, mas um território dividido em diferentes classificações que se superpõem.

Diante disso, as próximas linhas tratam sobre o território construído por aqueles que o habitam, a partir das suas memórias, discursos, para compreender e refletir acerca das práticas urbanas (ARGIER, 2011). Para tanto, irei percorrer a narrativa dos interlocutores para compreender os significados, intenções e as motivações dos interlocutores em manter uma Biblioteca Comunitária, mas antes vou apresentar alguns estudos relacionados a iniciativas de BC no Brasil.

1.8 A formação de um Território

As fronteiras dos territórios são dispositivos estabelecidos por símbolos, suas delimitações e referenciais são projeções construídas pelas pessoas que narram às histórias e injetam significados, flexíveis a diversas interpretações. (MATIELLO; ANTUNES; GUZZON, 2015)

No caso da pesquisa em questão, nos interessa particularmente a projeção dos interlocutores em relação aos nomes estampados no nome da Biblioteca: *Zeferina* e *Beiru*. A narrativa possui a característica latente de relacionar as pessoas com o território. Em uma entrevista com Guilherme, ele conta que

(...) A noção de pertença de alguém a um local pode ser influenciada por vários fatores como: território, geração (ancestralidade), solidariedade (no sentido de

interação) e linguagem. Porém, sim, acredito que a existência da BZB influencia na noção de pertencimento de algumas pessoas moradoras. Mas, também acredito que as pessoas do bairro, e suas vivências, influenciam a dinâmica da biblioteca também, é dialógico. Além de existirem outros influenciadores, pessoas que fazem diferença e estão morando ali há anos. (GUILHERME, 2020)

Guilherme é um dos colaboradores da Biblioteca, que, por questões pessoais da sua dinâmica de vida, se afastou do espaço mas sempre anda por perto quando o coletivo entra em contato. Sua fala me fez pensar que o fato da Biblioteca existir naquele lugar é por conta de uma relação dialógica entre o território e o espaço, em outras palavras: um produz o outro. Ainda sobre a relação do território com suas referências, Diego conta que

Temos que fazer igual a Marcus Garvey e buscar nossa história, pois um povo sem conhecimento de sua história, sua origem e sua cultura é como uma árvore sem raízes, mas isso não é contar a história deles, mas a nossa! A que não é contada na escola (DIEGO, 2019).

Sua fala evoca uma referência negra popular nos movimentos sociais Marcos Garvey (1887-1940) foi comunicador, empresário, ativista jamaicano e se tornou um referencial para o movimento Rastafári. As afirmações de Diego ainda dialogam com o que Franz Fanon (2005) defende em *“Os Condenados da terra”*, que a principal arma dos colonizadores foi criar imagens negativas sobre os povos colonizados, a partir da depreciação das características e culturas negras. Nesse sentido, o primeiro passo rumo à descolonização é a desconstrução das imagens depreciativas do povo negro sobre si mesmo. Por isto, os nomes Zeferina e Beiru são evocações conscientes para projetar/construir uma imagem positiva da comunidade.

Ao abordar as ideias de Fredrik Barth, Poutignat e Streiff-Fenart (1998) apontam que as fronteiras étnicas não representam barreiras, ao contrário, são fluidas e permeáveis. São fronteiras produzidas e reproduzidas, bem como flexibilizadas ou não, por meio das interações sociais. Elas podem ser manipuladas pelos atores, que costumam ter um pressuposto de uma origem comum. Por isso, não que os interlocutores estejam necessariamente reivindicando uma identidade étnica, mas acredito que as narrativas que os interlocutores imprimem sobre o seu território sejam um manejo identitário consciente para projetar uma imagem positiva sobre a experiência afrodescendente no território.

Tecendo um paralelo entre Fredrik Barth e o sociólogo Stuart Hall (2001), Hall também defende que as identidades utilizam recursos da história, da linguagem e da cultura não para a produção daquilo que são, mas daquilo que se tornaram. Entretanto, para o autor, esse manuseio não ocorre de maneira consciente, mas inconscientemente por meio da cultura, das leis e das sanções.

No caso da biblioteca, acredito que a história seja reconstruída conscientemente, levando em consideração que existem pessoas ligadas às primeiras famílias que chegaram ao bairro, pessoas estas que adentraram a universidade, acessaram diferentes referências e buscaram “um retorno” às suas comunidades de origem no Arenoso.

Por isso, entendo que o território se constitui a partir de narrativas que incorporam representações simbólicas identitárias com vínculos de origem africana, como a história de Beiru da Nigéria e Zeferina em Angola, ambas as capturas no continente africano.

Paul Gilroy (2001) um dos mais influentes pensadores no que tange aos estudos das experiências transatlânticas entre África e Américas, a experiência de desterritorialização dos povos negros gerou novos mecanismos mobilizadores de identidade que não estão ligados mais ao território, entendido como “diáspora”. Para o autor, as experiências da diáspora remetem a um sentimento de desterritorialização que tira a centralidade do território para população negra do Atlântico. Nas palavras do autor “Sob a chave da diáspora nós poderemos então ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que modificam e transcendem” (GILROY, p. 25, 2001)

Falar de Racismo no Brasil deve-se considerar que lidamos com uma realidade particular. O contexto brasileiro é marcado por fatores determinantes para a compreensão de como as relações raciais foram desdobradas no território. No artigo *atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas* os autores apontam que a identidade das pessoas negras resulta de um longo processo histórico de resistência, que iniciou no passado, e hoje se constitui como uma continuidade de todo o processo (SCHMITT; TURATTI e CARVALHO, 2002).

Para as autoras, o sentimento de pertença de um grupo a uma terra é uma forma de expressão da identidade étnica e territorial construídas sempre em relação a outros grupos com os quais os quilombolas se relacionam.

Neste sentido, a experiência no Brasil modela uma particularidade à experiência de desterritorialização do povo negro. Para a discussão, quero trazer a contribuição da professora e pesquisadora Neusa Gusmão no artigo que foi produzido no Grupo de Trabalho (GT) – Política Indigenista, pois os apontamentos apresentados nele dialogam muito com o campo desta dissertação.

Segundo a discussão levantada pelos antropólogos e antropólogas, em 1988, são colocadas em pauta as palavras “remanescentes” e “quilombo”. O debate é levado em direção ao termo “Quilombo”, entendido como conceito emblemático. Este termo representa a luta

por direitos específicos da população negra, é um elemento simbólico e usado estrategicamente como argumento político. O termo Quilombo passa a possuir pós 1988, um alargamento do conceito-base que fragilizou a possível legitimidade jurídica das realidades por ele informadas, pois abre espaço para a má fé que pode ser dada por interpretações que favoreçam fazendeiros com documentações falsas de direito arquitetadas na desonestidade.

Cada quilombo possui suas normas: ser parente, ser negro, conhecer e saber sobre os “troncos” genealógicos que constituíram a comunidade se tornam algumas das regras para preservação do patrimônio entendido como terra: cada uma com suas particularidades que vão informar as dimensões da vida coletiva. Isto que representará a origem do enraizamento do grupo ao lugar de que se faz parte, e no interior do qual se constrói uma memória e tradição que transmite a ligação intergeracional.

A narrativa corresponde a um tempo real vivido, que contém em si um tempo mitificado que une passado, presente e futuro. Um mundo do passado que será mantido, guardado e ensinado.

Em conclusão, o artigo aponta que, para as comunidades negras, a terra é a condição que define quem são, onde estão e o porquê. A relação com a terra determina diferentes modos de permanecer no mundo e se relacionar com a realidade, portanto, cada comunidade que desenvolve uma relação com a terra possui direito de estar, permanecer nela e definir seus fins (SCHMITT; TURATTI e CARVALHO, 2002).

Portanto, a relação espaço-lugar, terra-território, reflete a organização da vida das comunidades negras e revela que a terra é um território intergeracional que permite a perpetuação e memória dessas comunidades no Brasil. O território é resultado da uma narrativa social, que surgiu em contexto de tensão em que os grupos se defrontam.

Nesse sentido, quero enfatizar que o sentimento de pertencimento dos interlocutores com o território é algo comum às populações afrodescendentes que criaram laços geracionais com a terra deixada pelos antepassados. Vivendo sem direito à terra desde o período colonial e o regime de escravidão vigente no país, à mercê da violência imposta à dominação de determinados grupos étnico-raciais, a resistência negra frente a esse processo não pode ser ignorada. Desse modo, penso que os desdobramentos do território se relacionam com outras experiências de resistência negra no Brasil. Para a autora

As narrativas ditas pelos mais velhos nessas territorialidades são ouvidas de pessoa a pessoa e se constituem acervos da memória social guardiã dos valores culturais herdados dos ancestrais e enraizados no lugar, sendo um riquíssimo legado da educação cotidiana de muitas comunidades do Brasil. (NICOLIN, 2016, p.18)

Através de uma indicação da banca de qualificação e da orientadora, cheguei à tese de doutorado da professora Janice de Sena Nicolin (2016). A autora mora no território há quase 50 anos, atuando por 40 anos na educação básica da rede pública e particular na área de língua portuguesa. É também produtora e coordenadora do Grupo Teatral Artebagaço e do Projeto Odeart da Associação Artístico-Cultural Odeart, iniciativas de educação pluricultural com ênfase na valorização da arte, ciência e cultura africana e africano-brasileira.

Para Nicolin (2016) a palavra Cabula guarda um conhecimento sobre a experiência vivida por africano e afrodescendentes na Bahia, por isso defende que existe um dinamismo social de expressões pluriculturais transplantadas da África e preservadas em comunidades e terreiros de Candomblé que se renovam, são recriadas e se adequam ao cotidiano aos modos dos moradores contarem as histórias do passado. Assim sendo, enfatizo que os desdobramentos do território apresentados aqui estão relacionados à interpretação das pessoas que foram interlocutoras de pesquisa.

As narrativas produzidas pelos interlocutores estão associadas com uma representação simbólica, que está interligada à ideia de “quilombismo” escrita por Davi Nunes (2015) em uma publicação em seu blog intitulada *Traço da história do bairro Arenoso e o quilombismo da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru*. Seu texto delineia a trajetória do bairro do Quilombo do Cabula até o surgimento da Biblioteca como um dos desdobramentos da história de quilombismo do território. Em entrevista, Davi conta que:

Foi uma busca de demarcar em escrita a história do bairro que a gente sabe muito por oralidade, pelos meus familiares, meus tios e tias que falavam para mim, e também através de documentos de posses de terras que me fizeram vislumbrar de como foi ocupada essa região do Arenoso, que era Beiru e teve divisão. Aí com o surgimento da Biblioteca resolvi fazer um texto para demarcar esse momento e demarcar também a história do bairro para marcar em escritura algo que foi passado e ainda é passado pela oralidade. Não só esse texto, mas vários outros textos. (DAVI, 2020)

Para Davi Nunes, escrever sobre a história do bairro é levar à frente o que ouviu através da oralidade. De acordo com ele, a insurgência da biblioteca foi um dos marcos do movimento de registrar a oralidade para esta que não caia no esquecimento. Essa publicação é uma homenagem à inauguração simbólica da biblioteca Comunitária Zeferina Beiru no bairro. Davi Nunes é um escritor do bairro, uma referência no campo da literatura soteropolitana com a publicação de três livros: *Zanga* (2018), *Banzo* (2020) e *Bucala* (2019), que tratam e fazem referência a uma infância positiva de crianças por conta da baixa autoestima que atinge a população negra.

A publicação feita em 2015 é uma descrição da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru como um dos desdobramentos dos antigos quilombos que existiam no território do miolo

geográfico, ou seja, ela surge como resultado do processo territorial do bairro. Em uma conversa com Davi Nunes, ele me contou que leu muitas referências sobre os Quilombos do Cabula e do Orubu, aprendeu que para Aquilombar é necessário “se juntar para meter mão”. “Se juntar para meter mão” é uma expressão que indica uma união para realizar uma ação, como uma limpeza no espaço, organização do espaço ou até mesmo dos livros.

Diego Lima, o principal interlocutor de pesquisa, diz que “Nós da Biblioteca não inventamos a roda, só estamos dando seguimento a quem veio antes da gente, se não fosse por Zeferina ou por Beiru não poderíamos estar aqui!”. Nesse sentido, acredito que há uma relação intencional construída pelos interlocutores para reconstrução de referenciais negros que inspiram uma associação positiva.

Nos discursos há uma forte presença dos ancestrais, como aqueles vieram antes e pavimentaram um caminho para o presente e futuro: são aqueles que deixaram bens materiais, imateriais e até mesmo espirituais.

Esse conceito está presente, pois, particularmente nos meus encontros com Diego Lima, Hugo Gabriel e Pedro Maia. Eles utilizaram a palavra “inconsciente coletivo” para justificar as ações em torno da Biblioteca. Quando ouvi essa palavra, a terceira vez dita na última conversa com Diego Lima, ele olhou com seus olhos, e disse baixinho: “*É a ancestralidade, né irmão!?*”

O inconsciente coletivo é o argumento que apela para justificar a legitimidade de suas ações, isto é, a ideia de uma ancestralidade ganha um tom mítico, usado para justificar as ações do coletivo. Foi pensando na importância dos antepassados para os interlocutores que busquei contextualizar o território neste primeiro capítulo.

Sobre as estratégias para entender o processo de desdobramento e narrar na presente dissertação, tive como premissa os apontamentos de Jean e John Comarrof (2010) sobre a complementaridade entre etnografia e história. Se por um lado as etnografias são apresentadas com um teor de autoridade, por outro o empirismo histórico se apegava a uma necessidade de ver para crer parecido com os parâmetros das ciências biológicas.

Os argumentos dos autores trazem consigo uma discussão intensa em que mostram como o Ocidente faz uma rígida separação entre a cosmologia e a história, gerando dualismos disfarçados de pseudo-histórias de realidades caricaturadas.

A narrativa dos interlocutores que expressam sua cosmologia é formada pela interpretação dos interlocutores sob a histografia oficial. É possível afirmar que a narrativa de tornar Zeferina e Beiru como referenciais é um ato contracolonizador. É ressignificar a história para produzir novos sentimentos, nova possibilidades.

O interessante é que o discurso insurge da experiência dos mutirões de dentro de uma Biblioteca Comunitária, por isso, é fundamental compreender o fenômeno que leva a seu surgimento.

1.9 As Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil

Este subtítulo faz referência à tese da professora Elisa Campos Machado (2008), que defende que as Bibliotecas Comunitárias são ações de prática social que buscam preencher a “ausência” de direitos relativos ao acesso à educação, leitura e livros. Para a autora

As bibliotecas que surgem em comunidades locais, de maneira espontânea ou a partir de um projeto social, individual ou coletivo. Elas são pólos irradiadores de cultura e saber local que, apoiadas pelo poder público, podem se transformar em espaços estratégicos para a implantação de políticas públicas de integração social e cultural. (MACHADO, 2008, p. 3)

A autora na sua tese de doutorado realizou um levantamento de 350 experiências de Bibliotecas Comunitárias em todo Brasil, selecionando 29 coletivos de 9 estados diferentes para serem entrevistados e analisados. Mesmo sendo professora de biblioteconomia e tendo buscado subsídios na literatura da área, por nada achar sobre ação e gestão participativa em Bibliotecas, migrou para as Ciências Sociais.

Para a autora, as BC assumiram os papéis das bibliotecas públicas e até mesmo escolares. Existe uma falta de investimento nessa área, por isso, a sociedade civil, entendendo o sucateamento destes equipamentos públicos, se junta na comunidade para preencher a lacuna do acesso ao mundo da leitura através da criação das bibliotecas comunitárias. Constituem um espaço para pensar projetos, oferecer acesso à leitura e planejar melhorias para o lugar. A autora aponta que as Bibliotecas Comunitárias surgem como

Um poder subversivo de um coletivo, uma forma de resistência contra-hegemônica, de quase enfrentamento social, numa nova realidade, que escapa das medidas e das categorias descritivas existentes, passando praticamente despercebida pela academia. De forma empírica e criativa, elas trabalham no empoderamento da comunidade, criando mecanismos para colaborar no desenvolvimento social, potencializando os talentos dos indivíduos e das comunidades, constituindo-se em espaços públicos voltados à emancipação, onde a prática cidadã pode aflorar de forma inovadora, criativa e propositiva. (MACHADO, 2008, p. 6)

A autora faz uma análise assertiva, calcada em números e estudos qualitativos. Seus estudos apontam que o fenômeno das Bibliotecas Comunitárias se assemelha a práticas de enfrentamento social, a soluções criadas estrategicamente pelas comunidades, a espaços

voltados à emancipação social, onde as práticas cotidianas despertam novas formas de mobilizar a comunidade. Para Machado (2008) BCs são

Um projeto social, que tem por objetivo estabelecer-se como uma entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas ou privadas locais, liberadas por um grupo organizado de pessoas com o objetivo de ampliar o acesso a informação, à leitura e ao livro, com vista a sua emancipação social. (MACHADO, 2008, p. 64)

Os estudos da professora Elisa Machado (2008) permitiram compreender que as bibliotecas comunitárias costumam não possuir vínculos diretos com instituições do governo, mas estão articuladas com organizações civis locais. Segundo a pesquisadora Lêda Maria Ramos Costa (2011):

O desenvolvimento de programas voltados para o incentivo à leitura amplia as possibilidades e as necessidades de ações mais imediatas, e assim, a biblioteca comunitária surge na América. A cultura anglo-saxônica compreendeu que era preciso permitir ao povo o acesso à informação, ou como um organismo criado com base nos fundos da coletividade. Tanto na Inglaterra, como nos Estados Unidos da América, essas bibliotecas, geridas pelos poderes locais, são independentes do poder central. (COSTA, 2011, p. 54)

Para a autora, o fenômeno das Bibliotecas Comunitárias no Brasil se tornou particular por conta de sua atuação estar ligada a bairros periféricos, já que elas surgem em área estigmatizadas. Costa (2011) apresenta que o termo Biblioteca Comunitária é citado pela primeira vez na literatura brasileira em 1978, por Carminda Ferreira. Discutindo a relação entre biblioteca pública e escolar, a autora faz uma distinção entre os dois sistemas de biblioteca.

Ela aponta que as Bibliotecas Comunitárias têm por sua gestão um princípio participativo que busca difundir a literatura nas comunidades. No entanto, apesar de ser algo difuso e presente na sociedade brasileira, no país pouco se fala sobre bibliotecas comunitárias. Nesse sentido, Costa (2011) buscou subsídios em autores das Ciências Sociais aplicadas à Educação Popular, Educação Ambiental, Administração, Economia e Política.

A pesquisadora e professora de biblioteconomia Elisa Machado (2018) em uma entrevista ao Canal Biblio no Youtube, em novembro de 2018, defende que as Bibliotecas Comunitárias estão assumindo o papel que deveria ser das bibliotecas públicas. Aliás, Elisa Machado (2018) assume que é difícil admitir que isso seja realidade. Para autora, as principais diferenças entre as Bibliotecas públicas e as bibliotecas comunitárias são que, enquanto as bibliotecas públicas são criadas pelo Estado para a população, atuando por meio de normas burocráticas, horários de funcionamento e seguranças; as Bibliotecas Comunitárias são criadas pela comunidade, como resultado de uma ação cultural com uma perspectiva comum de combater a exclusão.

Em 2017 e 2018, foi realizada uma pesquisa idealizada pelo Centro de Cultura Luis Frei (CCLF), sediado em Olinda e que atua com consultoria para Bibliotecas Comunitárias, através do programa *prazer em ler* do instituto C&A. Em articulação com o grupo de pesquisa da UNIRIO, o centro de pesquisa da UFPE, na figura da professora Ester Rosa, e a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) promoveu um levantamento que mostrou que 87% das BCs estão localizadas em bairros lidos como periféricos.

Em um artigo apresentado a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), intitulado *Bibliotecas Comunitárias em Rede: Uma experiência de ressignificação de territórios*, as autoras Maria Aparecida Arias Fernandez e Yasmin Wink Finger apresentam uma análise de 143 BCs de 45 cidades de 15 estados e do DF. Desse número, 92 (65%) BCs estavam articuladas à RNBC, criada em 2005. Para as autoras

Esses locais oportunizam o acesso à cultura letrada, a informações, à arte em suas diversas linguagens, e, ainda, à convivência cultural coletiva tão caras às populações negras, pobres e de territórios periféricos deste país. Essas bibliotecas sustentam-se e fazem sentido, justamente porque são implementadas pelas cidadãs e cidadãos que se sentem usurpados do acesso a esses bens e criam estratégias para alcançá-los. Por isso a BC não é apenas um serviço de acesso ao livro e à leitura, ela é um serviço de referência para os moradores e moradoras porque os permitem construir outras possibilidades; sair do que está posto. A biblioteca comunitária não está “a serviço da comunidade”, ela é a própria comunidade gestando e qualificando os serviços de informação tão caros para si. (FERNANDEZ; FINGER, 2019, p.2)

Cabe dizer que as BCs possuem uma característica comum de insurgir de condições onde existe uma falta de garantia de direitos, então os moradores buscam se organizar para garantir sua própria sobrevivência, desenvolvendo um equipamento cultural e educacional comunitário.

Elisa Machado (2008) aponta que existem diferentes motivos e formas de modelo das BCs, assim como experiências que nascem de iniciativas individuais e coletivas. Quando são individuais, a pessoa responsável costuma incorporar um discurso que agrega a comunidade, tornando-a protagonista. Quando há um coletivo envolvido, geralmente pertence à comunidade, gerando uma maior aproximação da comunidade com a Biblioteca Comunitária.

Entre as pesquisas que estudam o fenômeno das Bibliotecas Comunitárias, como por exemplo o livro intitulado *O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores*, que organiza obras da Cida Fernandez (2018), Elisa Machado (2008), Ester Rosa (2018), Camila Leite (2018), Carmem Lúcia (2018), Maria Helena DuBeux (2018) e Waldomiro Vergueiro (2019).

Por meio dos números levantados nas pesquisas da professora Elisa Machado (2008) e Waldomiro Vergueiro (2019), é possível afirmar que a quantidade de pesquisas relativas a Bibliotecas Comunitárias é ainda muito pequena.

Para Elisa Machado (2008) as Bibliotecas Comunitárias são um novo modelo adotado popularmente no Brasil, frente à imagem consolidada das Bibliotecas Públicas como distantes rígidas e sóbrias. Estas estão, pois, à margem da sociedade por conta dos seus limites físicos e burocráticos.

As Bibliotecas Comunitárias são um instrumento de “resgate da cultural popular; formação político cidadã; fortalecimento da comunidade na qual ela está inserida; valorização do indivíduo enquanto ser transformador da sociedade; concessão do direito fundamental à leitura e ao acesso à informação, mesmo que em muitas delas falte a presença de um Bibliotecário” (SOARES, 2019). No que se refere à Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, também a tenho enquanto um fenômeno aglutinador de pessoas, que aderem a ideia da projeção de uma representação de identidade coletiva.

A partir dos estudos da professora Elisa Machado (2008) e a constituição da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias em 2006, surge uma literatura que vem preenchendo lacunas no que tange aos estudos relacionados a Bibliotecas Comunitárias.

A Rede Nacional de Biblioteca Comunitária (RNBC) possui 11 redes de Bibliotecas, incluindo 115 Bibliotecas Comunitárias em todo o Brasil, atendendo ao todo 42.200 pessoas, segundo os dados divulgados em 2019 no site da rede. No entanto, para as Bibliotecas participarem da rede, é necessário o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, por isso, a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru não está incluída nessa lista.

Os estudos relacionados a Bibliotecas Comunitárias vêm ganhando um destaque dentro do campo dos estudos da biblioteconomia brasileira. Segundo Mariana de Souza Alves (2020), apesar das Bibliotecas serem lugares milenares de preservação da memória, conhecimento e informação, no Brasil a Biblioteca vem tendo dificuldade em fazer sua função primordial de facilitar o acesso à leitura, perdendo-se em normas técnicas e burocráticas.

Outros autores, como Suaden (1995), defendem que, para a Biblioteca Pública realmente atender sua razão social, é necessário que ela amplie seus serviços à zona rural e à periferia das cidades, senão as pessoas que mais precisam irão continuar afastadas desse equipamento público.

A construção e a difusão de Biblioteca Pública eclodem na década de 1990 em vários locais do país, mas majoritariamente ao centro da cidade, geralmente distantes de zonas periféricas (ALVES, 2020). É possível afirmar que elas são variantes que impulsionaram o surgimento das Bibliotecas Populares e Comunitárias, mas para além da sua localização geográfica, Bibliotecas Públicas são organizações que são mantidas pelo Governo Federal, Regional ou Municipal, buscando inserir cidadãos e cidadãs ao acesso à informação.

Para Elisa Machado (2008), apesar de não ser possível generalizar as Bibliotecas comunitárias, existem cinco características que singularizam e diferenciam das Bibliotecas Públicas:

1.a forma de constituição: são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade, como resultado de uma ação cultural. 2.a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social. 3.o processo de articulação local e o forte vínculo com a comunidade. 4.a referência espacial: estão, em geral, localizadas em regiões periféricas. 5.o fato de não serem instituições governamentais, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação (MACHADO, 2008, p. 60-61, grifos da autora).

A autora aponta que as Bibliotecas Comunitárias costumam usar a criatividade para trabalhar no empoderamento da comunidade, criando mecanismos de desenvolvimento social e potencializando os talentos as pessoas e da comunidade. Portanto, é possível afirmar que as bibliotecas comunitárias surgem como um poder subversivo, em forma de ato de resistência projetando uma nova realidade para além das circunstâncias sociais desiguais.

O próximo capítulo trata de como se deu a minha aproximação com a BZB, a minha entrada no campo, a narrativa de insurgência do coletivo, o seu cotidiano e suas atividades e características.

CAPÍTULO 02 – Da insurgência ao cotidiano da Biblioteca

Este capítulo tem por objetivo demonstrar o funcionamento e o cotidiano da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru. Percorro o surgimento do espaço, entrevistando seus fundadores, chegando ao funcionamento das suas atividades e sua perspectiva política por meio das entrevistas e conversas com educadores que fazem e/ou fizeram parte da Biblioteca. A partir de uma narrativa escrita e com imagens, apresentarei a Biblioteca enquanto um fenômeno aglutinador do bairro do Arenoso e um lugar de confluência de pessoas e movimentos sociais da cidade de Salvador.

Quando cheguei à Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, em 2015, não sabia quem era Beiru. E o bairro do Arenoso? Menos ainda! Ruas e pessoas que mal conhecia... *Endereço: Rua do Colégio Sérgio Carneiro, praça nova.* Quem seria Sergio Carneiro? Pensei... não conhecia, mas o cobrador sim. Pedi sua indicação para que me avisasse quando chegasse ao segundo ponto do Arenoso. Saltei, atravessei a rua, como indicado, e me deparei com um grande galpão com aspecto de teatro abandonado.

A partir daquele momento passei a conhecer cada vez mais sobre o território que outrora só conhecia através de relatos e falas de amigos. De cara, já no primeiro encontro, realizamos um mutirão de organização e limpeza do espaço, e logo comecei a participar de vários outros. Retiramos toneladas de entulho, fizemos a instalação hidráulica e reorganizamos o acervo. Espaço abandonado, mas muito querido, mesmo sem portas e telhado: foi assim que se iniciaram os meus primeiros passos nessa ocupação urbana que venho acompanhando desde então.

No sábado pela manhã em que cheguei ao espaço, fui apresentado a Diego Lima, um dos fundadores da Biblioteca. Diego é um homem negro, que fala baixinho, mas firme. Tem olhos castanhos escuros, na época com um cabelo *black power* curto. Naquela manhã, as crianças corriam pelo espaço com um sorriso no rosto. Psicólogo de formação, Diego tem 32 anos e é pai de duas meninas, Yasmim e Dandara. Sua relação com o espaço da Biblioteca faz parte da sua vida “*desde quando se entende por gente*”, como ele mesmo pontuou em uma das nossas conversas. Na sua primeira infância estudou no espaço – este que já foi uma escola – assim como seu irmão e sua irmã. Em um dos nossos encontros nos mutirões, ele explicou os primeiros passos do processo que gerou a Biblioteca. Primeiramente, enfatizou que não foi ideia dele, e sim de um grupo de moradores locais.

Confesso que, naquele momento, fiquei me perguntando como as pessoas podiam circular intimamente em um espaço tão degradado de forma tão livre. Demorei um pouco para

compreender, mas depois percebi que as pessoas não se importavam com o aspecto estrutural do lugar, mas sim com o que o lugar representava em suas vidas. Perguntei-me, que lugar seria esse? Diego Lima me contou em meio à apresentação que era a realização de um “*sonho coletivo*”.

Para mim, a ideia de um sonho coletivo dita por Diego, remete a uma oportunidade de criar novas possibilidades de existir de forma coletiva. Costumo dizer que venho sonhando junto às pessoas que constroem o espaço a algum tempo.

Os primeiros processos da ocupação surgiram em 2014, enquanto vim conhecê-la em 2015, a partir de convites de amigos que já construíam o espaço naquela época: Hugo, Guilherme e Paulo. Dali em diante, nos encontros e conversas que aconteceriam na biblioteca, eu perceberia a importância das referências negras na autoestima das pessoas do bairro.

2.1 O poder dos nomes

As referências negras estampadas no nome da Biblioteca foram associadas à questão identitária do território. Para Diego, Michele, Quelmonis, Hugo Gabriel e Davi há uma importância fundamental nos nomes de *Zeferina* e *Beiru*.

Michele, estudante de ciências contábeis, mulher negra, do interior da Bahia, veio morar em Salvador em 2012, e no ano de 2017 passou a integrar o coletivo, mas que se afastou da organização por motivos pessoais e políticos⁷. Em conversas que tivemos, ela contou que:

O nome da BZB buscou trazer o sentimento pertencimento à região memorando a importância de dois líderes do Quilombo do Orubu. A BZB também participou da luta de que não se retirasse o nome Beiru das linhas de ônibus em 2016, por acreditar que veículos públicos com o nome Beiru também é uma maneira dos moradores se sentirem pertencentes ao Bairro, mas a prefeitura re organizou os bairros de Salvador, e perdemos para Tancredo Neves. (MICHELE, 2020)

Para Michele, os nomes Zeferina e Beiru buscam aproximar as pessoas que moram no território de dois líderes negros, ainda menciona sobre o que significa a mudança do nome do bairro de Beiru para Tancredo Neves ao sentimento de pertencimento dos moradores.

Guilherme, um jovem negro que mora no Cabula, formado em ciências sociais e mestrando no CEAO, esteve presente nos primeiros momentos de ocupação, mas que por demandas pessoais precisou se afastar, me contou que o nome da biblioteca buscou fazer

⁷ As divergências políticas serão tratadas mais a frente, mas Michele, Pedro Maia e Apoena acreditam que o fato da BZB fazer parceria com programas financiados pelo Pacto pela vida, ela perde sua autonomia.

(...) Um resgate à nossa História de luta, de Quilombo, preservando as raízes daqueles e daquelas que lutaram contra a escravidão, e inclusive, no caso de Beiru, dá nome ao bairro das redondezas. É importante que os mais novos saibam o porquê de chamar a região de Beiru e não simplesmente de Tancredo Neves (GUILHERME, 2020).

Para Guilherme, os nomes representam um resgate a história dos moradores na luta por sobrevivência e contra a escravidão. Sobre esse assunto, Diego Lima acrescenta que a história ensinada nas escolas “*não nos contempla, nada diz sobre quem foi Zeferina, Beiru, Marcus Garvey, Abdias do Nascimento, Luiza Bairros, por isso Beiru e Zeferina, a ideia é contar a nossa história nós por nós mesmo*”.

A fala de Diego Lima, Guilherme e Michele apontam que existe uma intencionalidade em utilizar estes dois nomes como acesso a uma memória com referências intelectuais e políticas negras. Ao final da sua fala, perguntei se é uma questão de representatividade, e ele respondeu que

Trata-se da importância de conhecer os nossos. A gente não só fala de Beiru, mas de muitas outras histórias. A história oficial se apagou, e a gente tem esse objetivo de trazer essa história para os nossos, para que a gente possa se fortalecer. Uma das coisas que fez a gente pensar nesse nome foi a perda da autoestima do nosso povo. Se você vê bem, a taxa de depressão, o adoecimento mental e o suicídio de pessoas negras surgem dessa falta de referência. (DIEGO, 2019)

Para ele, a falta de referenciais negros está relacionada à grande taxa de depressão, adoecimento e suicídio das pessoas negras. Essa falta de referências as quais se refere é a falta de representações sociais, políticas e midiáticas de pessoas negras protagonizando papéis. Deste modo, por isso os nomes Zeferina e Beiru são evocações para manter a memória local viva. Mesmo que a organização seja comunitária, é possível afirmar que Diego Lima é o principal articulador e responsável pela Biblioteca Comunitária, mas, em suas palavras, ele só fez

Dar continuidade a algo que me acompanha desde a infância, aquele espaço foi criado para algo cultural, entretanto, os poderes públicos, por saber o quanto é importante um espaço de cultura e lazer dentro da comunidade e o quanto isso é perigoso este espaço de formação política eles abandonaram o espaço. Então, através de uma galera lá atrás, Germano, e o pessoal da Associação Beneficentes Rodoviários, a galera começou a se organizar, depois veio outra galera dando continuidade. Só que chegou um momento, como acontece em todo espaço de resistência, que a pessoa vai perdendo o gás e não encontra alguém pra tá ali estimulando a questão desse gás, né? Vai ocorrendo esse desgaste, aí a pessoa vai criando família e cria outras demandas e acaba sem perceber se afastando do espaço e não dando conta né? Aconteceu isso aí em 2002. Tinha outra galera do rock que colava lá, tinha outra galera também e por causa do processo emocional e da autoestima acabaram não dando continuidade, tive a ideia de criar uma biblioteca comunitária em 2013, tinha já [a ideia], mas não sabia como, foi em 2014 foi um foi aparecendo, depois outro e tudo foi somando. (DIEGO, 2020)

Entendo que o processo de “continuidade” que Diego aponta está relacionado com as

iniciativas dentro do território, que vêm desde as primeiras iniciativas que começam no Quilombo do Cabula. Irei retomar esses processos ao final, na conclusão.

Na fala em questão, o processo de continuidade é também uma referência ao trabalho desenvolvido pela Associação Beneficentes Ferroviários – ABF no espaço, da década de 90 aos anos de 2001-2002, que tinha como presidentes Germano e dona Juju, a mesma que coordenava um grupo de mães do bairro.

Edson Lima, morador do Arenoso há 34 anos, desde que nasceu mora ao lado do prédio que abriga a biblioteca, viu de perto todas as mudanças do espaço. Edson, pai de dois filhos, casado, é neto de seu Antônio, um dos primeiros moradores do bairro. Testemunhou *“cinema, escolinha tipo uma ONG, porque era uma escola que tinha um projeto social, tinha muitas coisas aqui no início dos anos 2000”*.

O prédio que abriga a biblioteca foi construído em 1980, como um cineteatro, e depois veio a funcionar como uma escola por iniciativa dos moradores, que fechou alguns anos depois. Pouco mais de dez anos depois, os moradores iniciaram o movimento de ocupar novamente o prédio.

No movimento mais recente de ocupação, Edson Lima foi o principal responsável em dar o pontapé inicial no processo de limpeza do espaço, antes de ser uma biblioteca. Em uma conversa, me disse que *“o que eu fiz e me orgulho, posso te dizer com prazer que cada plantinha dessa eu vi crescer, cada plantinha dessas fui eu que plantei e hoje tô vendo elas dão fruto”*.

As plantinhas a que Edson se refere são árvores frutíferas entre 10 a 20 metros de altura – mangueiras, goiabeiras, jambeiros, acerola, pitanga, coqueiros e limoeiros – todas plantadas por ele em 2010. Edson frequenta diariamente o espaço para cuidar dele e do galinheiro que construiu. Edson lembra que Diego chegou em 2014: *“aos poucos, foi organizando o espaço, ajudando a limpar e, depois de um tempo, apresentou o projeto da Biblioteca.”*

Diego me contou que, na faculdade de psicologia, conheceu um colega que queria doar livros para a biblioteca da Universidade. Naquele momento, ele pensou em levar a doação para uma futura biblioteca. Diego começou a entrar em contato com todos seus amigos, divulgando essa ideia, quando, por acaso – *“por obras do inconsciente coletivo”*⁸ (Hugo Gabriel, 2019), se encontrou com Hugo Gabriel no ônibus.

Segundo Bastos, Almeida e Romão (2011), o acervo de Bibliotecas Comunitárias

⁸ Este termo indica uma relação não consciente entre os interlocutores, sugere uma união estabelecida pela ancestralidade. Pretendo trabalhar esta categoria nativa em produções futuras.

costuma ser fruto de doações, no entanto, costuma haver uma preocupação latente em analisar o estado de conservação e funcional da doação, tendo como premissa o valor informacional que o material poderá servir. Por isso, parece que o surgimento da BZB está interligado com condições de necessidade parecidas com outras BC's pelo Brasil (MACHADO, 2016)

Hugo Gabriel e Diego Lima se encontraram no ônibus e, no dia seguinte, foram buscar a primeira doação de estantes e livros para a Biblioteca. O grande fator motivacional para Diego em articular a criação da Biblioteca foi sua vontade de

Dar um retorno pra minha comunidade, por que eu queria ser um “maluco” também, porque lá atrás um maluco chegou pra mim e disse que era pra eu fazer pré vestibular por que outro caminho é possível, então hoje eu quis ser esse referencial, só que eu não sabia como, tentei pra um lado pra outro, falei um com um e outro só que não consegui, mas como nosso plano ancestral trabalha de uma forma que não consegue explicar, eu dentro do buzu⁹ me bati com um brother que fiz o pré vestibular que inclusive o nome era Pré vestibular guerreira Zeferina, e depois a gente não entendeu, mas depois a gente entendeu o porquê ter posto esse nome. Nossas referências são silenciadas, não se fala sobre dessas lideranças, Beiru até mais por causa do nome do bairro, mas Zeferina não, mesmo sendo importante pra região. E aí do nada encontrei dentro do *buzu*, e aí pensando, antes de pensar a biblioteca pensei num espaço cultural mesmo, mas no começo pensei em abraçar tudo, só que não rola, tentando fazer tudo de uma vez só, e aí foi um período que apareceram algumas doações de livros e aí por compreender o papel da linguagem, e aí vi Franz Fanon falando do processo da linguagem e como o processo da linguagem favorece pro processo de opressão e como a leitura pode ser processo de libertação também, e aí foi quando surgiu uma doação de livros e aí como tudo casa né...esse plano ancestral, e aí falei com o brother que trabalha com reciclagem e ele apareceu com alguns livros como Machado de Assis e outros clássicos, e aí a gente tava conversando e no meio desses livros tinha o livro “Beiru” todo molhado, botei pra secar e começamos a construir a partir daí, por isso a gente fala que é uma continuidade uma luta ancestral mesmo. Você pegando um buzu se encontra com o brother e depois acha o livro do nada, aí começa a chegar várias pessoas de outros quilombos, foi aí que comecei a perceber como tudo rolava antigamente nas antigas articulações, o quilombo de Orubu, do Tatu, do Cabula, eles todos se articulavam. É um plano mesmo ancestral, é algo que está no nosso DNA que passa por geração em geração que a gente não sabe explicar neste momento ainda mas é algo que está conosco. (DIEGO, 2020.)

A fala de Diego aponta que a sua intenção foi dar um retorno à sua comunidade. O fato de ter entrado em uma faculdade, feito uma graduação em Psicologia, e ser oriundo de um bairro onde as oportunidades são mais escassas ele buscou alguma forma de levar para dentro da comunidade o conhecimento que adquiriu fora.

O sentido que pensei sobre sua fala de *dar um retorno à comunidade* está ligado com o que Mauss (1999) aponta na teoria da dádiva como uma prática essencial para garantir a circularidade e reversibilidade das trocas (SERTÃ & ALMEIDA, 2016). Analisando sua fala, entendo que pré-vestibular que leva o nome de Zeferina que Diego fez para ingressar na faculdade o marcou de tal forma, que ele buscou uma forma similar de marcar outras pessoas.

⁹ Gíria usada em Salvador para se referir aos ônibus que são transportes coletivos públicos.

Mesmo que estejamos falando de uma pessoa ocidental, a ação social de Diego indica uma necessidade de “retorno” não monetário, mas algo fisicamente coletivo com valores comunitários. Compreendo as ações de Diego a partir do que Fanon (1982) vem apontando como os primeiros passos rumo à descolonização, ao dismantelamento dos símbolos coloniais e à exaltação de símbolos e referenciais negros.

Davi Nunes estava presente quando que surgiu a ideia de uma Biblioteca, então perguntei a ele o porquê de uma Biblioteca. Ele me respondeu que:

Uma biblioteca é necessária para que a gente leve informação para nossa comunidade, nosso povo, de trazer livros de autores e autoras negras africanos. Um processo de levar uma educação para nossas crianças, levar um espaço para que as pessoas possam exercer ou fomentar sua imaginação, então eu acho que a Biblioteca tem essa forma lúdica de unir as pessoas em pró da leitura, e a leitura da como uma possibilidade de construir mundos, uma cidadania também né. É construir possibilidades para crianças, então é isso também, é um local, onde as crianças do bairro poderiam ir para ler, para ter algum letramento. Então eu acho que isso é uma das vantagens de ser uma biblioteca, reunir as crianças para leitura num bairro periférico, onde tem muita debilidade social, então a biblioteca funcionava bem neste sentido. Acho que o mutirão foi um chamamento para se pensar possibilidades de organização comunitária. e isso flui por que todo mundo ia pra lá, pelo menos todo que eu conversava, se sentia bem, então também tinha um fator terapia ali, que é todo mundo tá fazendo alguma coisa junto ali, então as pessoas se sentiam bem por que estavam fazendo uma coisa bem, no início, uma coisa bem genuína, bem, como posso dizer? Que trazia um bem-estar *para as* pessoas que estavam fazendo. Nisso que fez a biblioteca crescer. (DAVI, 2020)

Como Davi pontuou, a Biblioteca veio a se tornar um espaço de memória do bairro e da região, com pessoas de todo território indo buscar livros e participar de atividades. Desde a sua fundação, há participação de crianças e jovens da comunidade e adjacências através dos mutirões, que são as atividades coletivas desempenhadas voltadas para limpeza e organização do espaço.

De forma espontânea, os primeiros mutirões começaram a ser realizados através de convites de boca em boca, que eram suficientes para reunir pessoas em prol de um objetivo comum: *Meter mão no mutirão!* Ainda para Davi Nunes,

O nome de o espaço ter referências negras é uma questão que eu levanto sempre nas minhas pesquisas, e postagens que faço no meu blog, que eu conto a história dos vários bairros que compõem a região do Cabula, então o Arenoso e o Beiru é um deles. Como também tinha feito uma história de Zeferina, num texto ensaio contava a Zeferina no Quilombo do Urubu e também já tinha escrito um cordel falando do Beiru, né?...Deste negro que veio da Nigéria do Estado de Oió e conseguiu parte das terras para abrigar negros fugidos. Como Zeferina também foi uma personalidade importante para região do Cabula e do Subúrbio, Pirajá e tal, aí tem todo processo de resistência histórico dentro dessa região do miolo de Salvador. Aí foi de acordo coletivo botar o nome Zeferina Beiru dessas duas personalidades que aí funda uma territorialidade no Bairro. (DAVI, 2020)

Davi Nunes aponta que o nome do espaço carregar personagens negros foi um acordo coletivo no ato da criação da Biblioteca. Nesse sentido, para além de uma ser uma BC,

constitui um lugar que carrega uma representação identitária para as pessoas que a construíram.

Toda BC é particular e surgem de acordo as condições e necessidades daqueles que a criaram. Segundo Alves (2020)

As razões para a criação de bibliotecas comunitárias são muito singulares e difíceis de serem generalizadas, pois cada criador (a) teve um motivo especial para criar sua biblioteca. Tais espaços também podem surgir a partir de iniciativas individuais ou coletivas internas (Igrejas, grupo de jovens, associação dos moradores ou idosos) ou externas (ONGs, empresas privadas). (ALVES, 2020, p. 8)

Deste modo, as intenções para se criar e frequentar a Biblioteca Comunitárias são as mais diversas. No caso da BZB, Michele diz que passou frequentar a Biblioteca porque queria

Contribuir para despertar da comunidade sobre a importância da BZB para emancipação afrocentrada da comunidade. Fomentando que há outras perspectivas de realidades saudáveis, acolhedoras, não- violentas possíveis e contrárias dessas que o Estado programa pra nós, uma vez que enquanto pessoas pretas e residentes das periferias são alvo da necropolítica. Sem uma educação que paute nossa centralidade de uma forma que nos enxergue como protagonistas das nossas vidas, como seres pensantes ativos, criativos, sensíveis e inteligentes, acabaram por diversas vezes “indo de ralo”. (MICHELE, 2020)

Para Michele, a Biblioteca é um espaço, que representa um movimento do povo negro em busca estabelecer novas possibilidades de existência. Para ela, é necessário a comunidade se organizar para se desvincular do racismo estrutural, em que o Estado só se faz presente através do policiamento ostensivo, ignorando seus deveres básicos na manutenção da sua população. Por isso, ela acredita que a Biblioteca enquanto um movimento do povo negro tem a responsabilidade de garantir uma educação e informação adequada para comunidade.

No trabalho intitulado *A voz e vez de dizer: as batalhas de poesia em comunidades de periferia em Salvador BA*, a autora Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da Gama (2019) pesquisa sobre ativismo cultural utilizando o escopo teórico da antropologia em debate no seio das ciências sociais, aponta que

Notabilizou-se a partir de então um movimento de visibilização das necessidades e desejos de comunidades periféricas, por elas mesmas, e de valorização de aspectos de suas culturas particulares, através da formação de grupos comunitários, organizações não governamentais e outros agentes sociais, que procuravam combater a violência sociocultural historicamente sofrida por estas comunidades e os “horizontes estreitos em que a periferia normalmente é confinada”. Diversos livros foram publicados por autores vindos destes locais e intervenções artísticas começaram a surgir e a narrar seu dia-a-dia, sob o ponto de vista de seus habitantes. Trabalhos com informação, educação, arte, comunicação, e suas interseções, representavam iniciativas para fomentar e fortalecer expressões culturais marginais à cultura hegemônica. (LEITE, 2016, p. 99 apud GAMA, 2019, p. 30)

Dessa forma, os discursos dos interlocutores da Biblioteca integram um movimento de visibilização que vem ocorrendo em comunidades periféricas por elas mesmas. Um movimento contemporâneo que visa quebrar a hegemonia estabelecida pelas narrativas

coloniais.

Perguntei sobre o início da Biblioteca a Pedro Maia, que fez parte do coletivo desde 2015 até 2019, quando se afastou da organização motivos políticos (ver o terceiro capítulo). Pedro Maia é um homem negro, que começou a participar dos mutirões meses antes de mim, foi um dos entusiastas para me convidar a participar das atividades. Em entrevista a mim em janeiro de 2019, pontuou que antes do espaço físico ocupado no Arenoso, os membros da Biblioteca já tinham uma organicidade anterior. Nas suas palavras

As pessoas que hoje fazem parte da Biblioteca já se conheciam de antes. Pessoas que são de outros lugares de Salvador. Esse grau de organicidade acontecia porque as pessoas participavam do movimento contra UPP na UNEB¹⁰. Tinha, por exemplo, Diego no Arenoso, Hugo no Beiru, lá em cima, no Arvoredo, Maíra, que fez parte do movimento pela UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) na UNEB, que também mora no Cabula, Michele chegou a estar junto também. Então eu percebo que há uma continuidade, não foi algo assim “espontâneo”, foi algo que já vinha de um movimento anterior. E pensar também que o prédio que foi ocupado ia ser uma base comunitária. Então essa ocupação não foi à toa, foi uma ocupação estratégica para combater as UPP, praticar autogestão e principalmente combater a violência policial. É algo que só agora quando a gente para pra pensar a gente percebe que tem um grau de conexão das pessoas que estavam na UPP na UNEB estão na Biblioteca. Eu não tinha castelado¹¹ nisso, mas quando a gente para pra pensar vê isso. Meu contato com o próprio Diego foi dentro do movimento da UPP. Outra questão sobre o início da Biblioteca gira em torno da própria repercussão da chacina na Vila Moisés, depois disso, a Biblioteca teve um salto organizativo. Surgiu como uma urgência porque começamos a nos organizar mesmo, você mesmo lembra né? Depois daquele carnaval foi que a gente começou a agregar pessoas de outros bairros. (PEDRO, 2019)

Para Pedro, foi um movimento anterior ao espaço físico que fez as pessoas se reunirem em torno do lugar. As experiências políticas entre os integrantes da Biblioteca em outros momentos são uma das maiores características para descrever o processo de consolidação da Biblioteca enquanto um coletivo.

Luvitizzo (2009) apresenta um panorama sobre a contextualização de como se construiu o conceito de etnicidade, ela aborda através dos estudos de Barth, a concepção de que os atores sociais identificam-se e são identificados pelos outros na base de dicotomizações “nós/eles”, os quais são estabelecidos a partir de traços culturais derivados de uma “origem comum” e realçados nas interações sociais. Em outras palavras, as identidades manuseiam símbolos identitários que estabelecem uma origem comum.

Barth (1998) afirma também que o ato de nomear tem uma força que faz os nomeados pensarem sua pertença a uma determinada coletividade. Então, o poder de nomear define uma situação em que uma identidade atribui a identidade o direito de se definir. Segundo o autor,

¹⁰ Movimento que aconteceu no ano de 2013 contra a implantação de uma base comunitária na UNEB.

¹¹ Castelado é uma gíria utilizada nas periferias de Salvador que significa perceber, entender.

as definições exógenas e endógenas de uma identidade não podem ser analisadas separadamente, por que um grupo não pode ignorar como os não membros o tratam. Geralmente, as exo-definições tendem a ser globalizantes e ativar categorias unificantes, baseadas em similaridades simplificadoras. O autor defende ainda que existem lugares onde a exo-definição é tão forte, que as pessoas são coagidas a responderem pela identificação imposta. No entanto, nos lugares onde a dialética entre a exo e a endo definições são mais latentes, ocorre uma inversão dos critérios impostos pela transmutação deles do “exterior/negativo” em “interior/positivo”, uma inversão do estigma.

O termo etnicidade ganhou popularidade através de Frederick Barth (1998), durante os anos 1960, e se constituiu num grande marco para a antropologia, vindo a suscitar importantes discussões conceituais. O autor realiza uma crítica aos cientistas que acreditam em uma definição do tipo ideal de grupo étnico, porque para ele não existem pressupostos enrijecidos que determinam um tipo ideal, mas sim um conjunto de circunstâncias que são formadas de modo relacional.

De acordo com Barth (1998), etnicidade é uma forma de organização social, a qual classifica as pessoas em função da sua origem suposta, gerada de forma relacional e construída através de classificações exógenas e endógenas entre os grupos, mas, principalmente, a partir de uma autodefinição. Portanto, as identidades étnicas são produtos de sistemas significativos moldados pela religião, língua, território, símbolos e representações sociais, criando marcos divisórios entre o: Nós e eles.

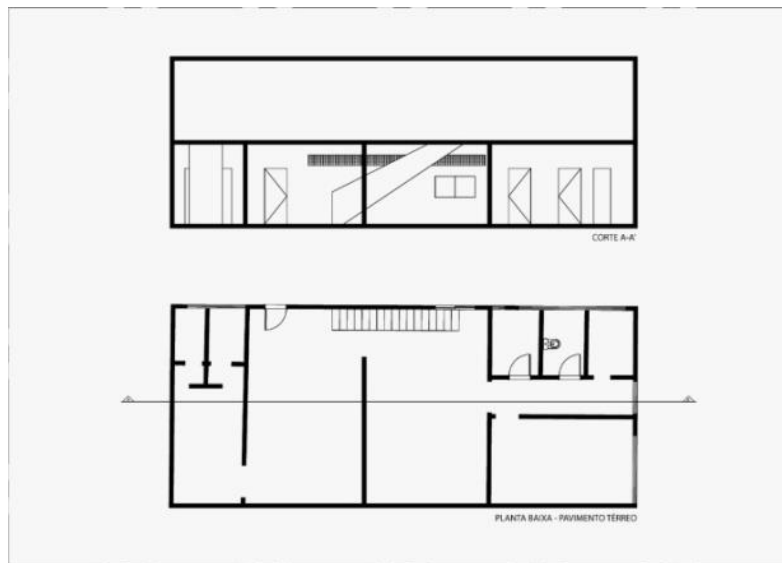
Acredito que o diálogo da teoria das etnicidades com a minha pesquisa está relacionado à minha interpretação sobre os discursos e comportamentos dos interlocutores. As Bibliotecas Comunitárias são uma prática social comum no Brasil (Machado, 2008), e, no caso da Zeferina Beiru, o discurso dos seus educadores projeta uma representação de uma identidade negra constituída no território.

Nas falas dos interlocutores, pude identificar um manuseio explícito dos nomes como representações de identidade negra. Tais nomes são utilizados para seduzir a população a um despertar para um sentimento de pertença a uma comunidade negra imaginada, projetada (ANDERSON, 2008). Agora que falei sobre o nome da Biblioteca, antes de adentrar o seu cotidiano, vou apresentar um pouco da estrutura do prédio que abriga a Biblioteca.

2.2 A Estrutura da Biblioteca

A Biblioteca possui três andares, com o térreo possuindo 09 (nove) divisões: três banheiros, um depósito, duas salas para os livros, um espaço da brinquedoteca e uma sala pequena bem estreita. Essa planta foi feita pelo arquiteto Jones Nascimento em 2020, onde passou a contribuir no coletivo para concorrer a um edital lançado por um grupo de São Paulo, a BZB não foi selecionada, por outro lado ganhou uma planta de seu espaço.

Figura 4 - Planta referente ao espaço interno do térreo



Fonte: Acervo da Biblioteca, autoria do arquiteto Jones Nascimento

No primeiro andar, tem uma quadra de aproximadamente 200 metros de comprimento e 50 de largura, e, onde inicialmente havia sido projetada para ser uma sala de projeção de filmes na década de 80.

A foto a seguir foi um registro feito por mim do primeiro andar, tive como intenção registrar o momento em que crianças brincavam de pega-pega no momento. É possível vermos a entrada que dá acesso ao térreo no meio, atrás da criança de vermelho e branco. À esquerda e à direita, há duas salinhas antigas de venda de alimentos, porque antes de ser Biblioteca, aconteciam alguns shows e eventos organizados por Edson.

Figura 5 - Primeiro andar da Biblioteca em 2015



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

O espaço externo, que circunda toda a Biblioteca, conta com uma garagem onde alguns moradores estacionam o carro e outros armazenam alguns materiais para reciclagem, como ferro e alumínio, além de existirem um galinheiro construído e mantido pelos moradores, um espaço de árvores frutíferas e uma horta comunitária.

Até novembro de 2018, as pessoas que compunham o coletivo pouco sabiam sobre a origem do projeto político que acarretou a construção espaço em que funciona a Biblioteca Comunitária, apenas era sabido que foi construída como parte do Projeto Beiru¹².

Em uma das viagens à Casa do Boneco¹³, foi firmada uma parceria com Paco Gomes¹⁴. Nesse encontro, surgiu a oportunidade de a Biblioteca participar de uma oficina de psicologia social com Paco.

Em novembro de 2018, Paco Gomes chegou à Biblioteca. Lembro que foi em um domingo, cheguei um pouco antes dele e pude presenciar o rosto surpreso de Paco Gomes ao perceber a coincidência do espaço da Biblioteca ter sido o mesmo que foi desenhado pelo seu professor na década de 80.

Paco Gomes era estudante de arquitetura e foi um dos estagiários que trabalhou

¹² Projeto político encabeçado pelo governador da época para organizar e estruturar o bairro, abordada no próximo capítulo.

¹³ Casa do Boneco Itacaré – Quilombo do O'iti é uma organização de quilombo urbano, que será apresentada mais à frente.

¹⁴ Paco Gomes é bailarino, coreógrafo, músico e professor. Desde a infância, estudou danças africanas e religiosas. Formado em dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), especializou-se em Dança e Educação na UNEB. Além de experiências na San Francisco State University, Paco também esteve na Stanford University, onde pode aprimorar seu método.

diretamente com Silvio Robbato (1935 – 2008). Por isso, Paco acompanhou o início da construção do espaço da Biblioteca, porém, posteriormente mudou sua área de atuação profissional, se afastando do projeto. Não soube o rumo que teve o projeto até retornar ao local como Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru.

Essa visita do Paco Gomes à Biblioteca ainda proporcionou uma coincidência maior: o primeiro livro que Paco Gomes avistou¹⁵ nas prateleiras foi um da “Coleção gente da Bahia” que tratava da justamente da história de Silvio Robatto (1935 - 2008). A coleção reúne uma série de biografias de baianos que marcaram o mundo intelectual e profissional, como, por exemplo, o geógrafo professor Milton Santos (1926-2001), que também está no acervo da Biblioteca.

Robatto (1935 – 2008) construiu, ao todo, três centros comunitários: um no Arenoso, um em Plataforma e outro em Alagados. Foi igualmente responsável pelo desenho do Cine Solar Boa Vista, localizado no Engenho Velho de Brotas.

Tais construções têm peculiaridades e dimensões específicas de acordo com cada terreno onde foram instaladas. Foram idealizados como cine teatros com capacidade para 300 a 400 lugares, além de ampla sala de teatro, dois camarins, concha acústica e quatro salas para exposição de atividades culturais (GROPPER, 2013).

O Prédio que abriga a biblioteca comunitária é conhecido pelos moradores de Centro Comunitário do Arenoso, foi construído durante o Governo de João Durval e a mesma arquitetura foi idealizada para as cidades de Alagoinhas, Juazeiro, Valença, Porto Seguro, Vitória da Conquista, Feira de Santana, Itabuna e Salvador, sendo Silvio Robatto (1935 - 2008) o responsável por projetar todos os espaços. O arquiteto viajou para as cidades para conversar com os moradores e artistas locais para saber das necessidades que cada centro poderia dar conta.

Aqui, chamo atenção de que esta foi mais uma história a partir de uma atividade em parceria com a Casa do Boneco, nesse sentido, no terceiro capítulo discuto alguns processos de articulações da Biblioteca como uma relação de confluência com grupos, organizações e pessoas.

15 Por conta da coincidência do Paco Gomes ter participado do processo de construção do espaço, a categoria nativa: obras do inconsciente coletivo foi usada novamente por Diego, Pedro e Hugo falaram no dia da formação.

2.3 Inauguração e cotidiano

A Biblioteca foi inaugurada simbolicamente no dia 28 novembro de 2015, quando foi apresentada oficialmente ao bairro e a toda a comunidade. Naquele dia, foi realizada uma caminhada cultural no bairro. Diego articulou uma série de movimentos sociais do território: teve grupo de dança, teatro, *break* e percussão. Assim, a caminhada começou na rua principal do Arenoso e terminou na Biblioteca, onde se sucederam apresentações de teatro e toques percussivos.

No dia em questão, foram realizadas oficinas de percussão, de teatro, de poesia, de grafite e de capoeira e um sarau de poesia com a participação de uma série de artistas, de alguns bairros de Salvador.

A atração principal da inauguração foi um sarau de poesia, onde o microfone fica aberto para manifestações artísticas. Cabe mencionar que saraus poéticos vêm crescendo em grande parte de bairros lidos como periféricos.

Segundo o blog do poeta Valdeck de Almeida¹⁶ (2019), são mais de 80 saraus contabilizados por toda Salvador, só no ano de 2016, sem contar os saraus de menor escala que não alcançam grande divulgação, como aqueles promovidos em escolas públicas pelos próprios estudantes, associações, empresas etc. Apenas para comparação, em 2013, a estimativa era de que havia apenas 13 saraus do mesmo tipo na cidade (DAMÁSIO, 2013). Nesse sentido, simultâneo ao fenômeno de ocupação do espaço para o funcionamento de uma Biblioteca Comunitária, há uma difusão de eventos literários pela cidade.

No dia da inauguração, as oficinas foram ofertadas por moradores que trabalham nas áreas oferecidas. Apesar de ter testemunhado e participado das articulações e reuniões com os coletivos que participaram da caminhada cultural, foi uma surpresa ver todos e todas reunidas de forma tão festiva.

Paralelo a caminhada, haviam pessoas estavam limpando e organizando uma coisa ou outra, porque os mutirões sempre tiveram uma característica de não mandar ninguém fazer nada, mas de sempre acolher iniciativas.

As primeiras atividades que desempenhei na Biblioteca giraram em torno da limpeza

¹⁶ Valdeck Almeida de Jesus nasceu em Jequié-BA, em 15 de fevereiro de 1966. Membro da Academia de Letras do Brasil (Seccional Suíça), Academia de Letras de Jequié, Academia de Cultura da Bahia, Academia de Letras de Teófilo Otoni, Poetas del Mundo e União Brasileira de Escritores – UBE. Membro Fundador da União Baiana de Escritores – Ubesc e da Confraria de Artistas e Poetas pela Paz – CAPAZ. Frequentador assíduo do Sarau da Onça desde 2011. Jornalista de formação, escritor, poeta e ativista cultural. Autor de vinte e um livros, participante de 123 antologias diversas. Patrocina um curso literário desde 2005 que já publicou mais de 1600 poetas do mundo inteiro. <http://mapadapalavra.ba.gov.br/valdeck-almeida-de-jesus/>

nos mutirões que eram realizados aos finais de semanas. Os mutirões costumam ter uma ampla divulgação, por meio da “boca a boca” no bairro e em postagens no *Facebook*.

Diego me contou que a limpeza foi sendo realizada de forma mais cuidadosa nas partes interna e externa em 2014. Foi em 2015 que os banheiros passaram a funcionar com a instalação de rede hidráulica. Todo esse processo de reforma, destaco, foi pedagógico, uma troca de saberes entre os membros do coletivo. Até a inauguração simbólica, em novembro de 2015, todos os matos e entulhos já haviam sido retirados do espaço.

A proposta política da criação da Biblioteca Comunitária foi apresentada à comunidade e aos movimentos sociais de Salvador através de uma campanha nas redes sociais com ampla divulgação. O ano de 2015 fechou com demandas relativas à manutenção da horta comunitária, uma vez que, na época, esta era entendida como demanda prioritária.

Os primeiros momentos dos mutirões ficaram marcados pela organização da estrutura e organização da Biblioteca. Particularmente, eu nunca havia trabalhado com questões relacionadas à construção civil, mas fui aprendendo a mexer em encanção, eletricidade e cimento, de acordo com a necessidade. Foram realizados consertos coletivos nas tubulações e na parte elétrica, depois foi a vez do banheiro e da cozinha. Após organizar as divisões no espaço, as portas foram colocadas. Por fim, foi feita a triagem e a organização do acervo de livros.

A limpeza do espaço foi um dos primeiros processos educativos da Biblioteca enquanto um grupo, como Pedro Maia, em uma conversa comigo em janeiro de 2019, contou que

O trabalho que é feito na biblioteca me educou mudou a mim mesmo, aí eu penso que tem tudo a ver com o que a gente pensa enquanto o que é educação: então acredito que o primeiro processo educativo foi ter que estar em um lugar abandonado. À medida que a gente teve a necessidade de ocupar o prédio, teve a reforma, então acredito que o primeiro processo educativo foi à reforma (PEDRO, 2019).

Para Pedro, as atividades da Biblioteca começaram a educá-lo a partir do momento em que ele passou a ocupar um lugar que estava abandonado. Por conseguinte, o processo de limpeza, reforma e realização de atividades foram ações complementares a este processo de educação e formação dele enquanto pessoa e sujeito político.

2.4 Os Mutirões, Horta Comunitária e Atividades realizadas

Os mutirões são reuniões que acontecem para “*meter mão*” no espaço. Como dito por Davi Nunes, os mutirões foram as primeiras atividades realizadas na Biblioteca. Para ele, os mutirões foram encontros nos quais jovens se reuniam para limpar e organizar o espaço, de forma natural, já que não existia na época nenhum lembrete, nem evento, que chegaram pelo convite e por curiosidade. Esta fotografia foi o registro de um dos primeiros mutirões voltados a construção do acervo de livros.

Figura 6 - Área Externa 2 entrada parte interna (2014)



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Autoria desconhecida

Na foto, tem-se Hugo Gabriel na porta com o carrinho de mão, Diego Lima, que está com um violão na mão, enquanto Pedro Plante de costas e finado John de bermuda laranja conversando com Daniel. Esse registro foi feito em 2014, ainda no primeiro ano de ocupação. Aqui chamo atenção para o tamanho das plantas, especialmente o pé de acerola à direita e o de pitanga à esquerda, que demonstra estarem ainda em crescimento, e para o chão com muita terra e sujeira. Mostrei a foto a Diego, ao ver a foto ele me contou que, naquele dia, terminaram de limpar a parte interna do espaço e pintaram as estantes que receberam de doação. Outro fato que chama atenção nesse registro é a predominância masculina, cinco homens cis, que reflete uma dimensão do cotidiano de homens negros.

Há uma predominância de homens no espaço por conta da própria dinâmica do bairro. Ao passear pelas ruas é possível perceber uma maioria masculina, mas para descobrir os motivos é necessário me debruçar com mais tempo para entender este movimento de gênero,

tal fenômeno se apresenta como profundamente relevante para entender a dinâmica de bairro da BZB e do bairro

Em relação a dinâmica dos mutirões, lembro que a primeira vez que fui ao espaço me senti perdido porque fiquei esperando alguém me dizer o que eu tinha que fazer, mas depois entendi o porquê de ninguém me dizer. Ali, ninguém me diria isso, eu que teria que descobrir como poderia contribuir. Tenho para mim como uma formação comunitária prática que tive e oportunidade de fazer parte.

Durante os mutirões, em meio à limpeza e organização do espaço, as crianças transitam e, de repente, apareciam dez a quinze delas, que, da mesma forma, iam embora. As crianças sempre saíam por diversos motivos, tanto para brincar com outras crianças, quanto sozinhas. A maioria ia disposta a ajudar a varrer, pegar entulho, catar plástico e papéis espalhados pelo terreno, ou simplesmente para ficar observando, ouvir, opinar e até mesmo para “perturbar” (como uma vez um garoto chamado Wendel me disse).

Para Maria Estela Rocha (2007), o espaço urbano é o reflexo da vida social: nas palavras dela,

O espaço urbano reproduz e reflete a vida social, onde as políticas administrativas e práticas públicas e privadas hegemônicas criam processos de dominação - hierarquias sociais, assegurando privilégios sociais aos grupos étnicos dominantes. A cidade apresenta-se como consequência de um campo de forças e de interesses e torna-se resultado das projeções ideológicas dado pelas expressões e representações sociais e culturais. Nesta desvinculação com o processo social, sobressaem as tendências de homogeneização das relações sócio-espaciais advindas com o processo de universalização e de globalização (ESTELA, 2007, p. 64).

Para a autora, a vida social que acontece no espaço urbano reflete as desigualdades sociorraciais na própria estética da arquitetura urbana. A autora ainda aponta que as instituições que cuidam da cidade possuem uma distribuição de equipamentos públicos, zelo e cuidado com certas preferências de gênero, raça e classe. Dessa forma, a cidade é um palco denso de atores, territórios e acontecimentos, que remete a uma intensa construção de imagens (FERNANDES, 2003). Assim, o mutirão reflete uma ação de jovens que se unem para recriar espaço de sociabilidade dentro da cidade. Para Loic Wacquant (2005):

Entretanto, a atenta análise comparativa de seu tempo, contexto e desenvolvimento mostra que, longe de expressões irracionais e atávicas de incivilidade, a recente inquietação pública dos pobres urbanos da Europa e da América do Norte constitui uma resposta (sociológica à compacta violência estrutural liberada sobre eles por uma série de transformações econômicas e sociopolíticas que se reforçam mutuamente. Tais mudanças resultaram em uma polarização de classes que, combinada com a segregação racial e étnica, está produzindo uma dualização da metrópole, que ameaça não apenas marginalizar os pobres como condená-los à redundância social e econômica direta. Essa violência "vinda de cima" tem três componentes principais: (1) desemprego em massa, persistente e crônico, representando para segmentos inteiros da classe trabalhadora a desproletarização que

traz em seu rastro aguda privação material; (2) exílio em bairros decadentes, onde escasseiam os recursos públicos e privados à medida que a competição por eles aumenta, devido à imigração; (3) crescente estigmatização na vida cotidiana e no discurso público, tudo isso ainda mais terrível por ocorrer em meio a uma escalada geral de desigualdade. Longe de representar um subproduto periférico da terceiro-mundialização ou reversões a formas sociopolíticas pré-modernas de conflitos, essa volta das realidades reprimidas de pobreza, violência e divisões étnico raciais, ligadas a seu passado colonial, no coração da cidade do Primeiro Mundo, deve ser entendida como resultado da transformação desigual e desarticuladora dos setores mais avançados das sociedades ocidentais, e, portanto, suas manifestações não parecem passíveis de amainar tão cedo. (WACQUANT, 2005, p. 29)

Com isso, é possível identificarmos que a falta de equipamentos públicos, o racismo ambiental e a desvalorização da condição humana em diversas dimensões estão entre as variáveis negativas que recaem sobre as condições de vida das populações enfrentam variáveis negativas em seus territórios de origem. Desse modo, a frase “*se juntar para meter mão*” indica um movimento dos interlocutores em buscar novas formas de recriar os espaços da cidade.

Segundo Michel Agier (2015), do ponto de vista do antropólogo, a cidade é feita essencialmente de movimento. O princípio da relatividade pode ser aplicado à vida urbana, pois a cidade, assim como o universo, está sempre em movimento de transformação. A cidade está, pois, sempre se reinventando a partir dos atores e seus movimentos políticos.

Para Agier (2015), não existe uma concepção de cidade a priori, por isso ele considera a cidade como um “objeto virtual”, capaz de ser desconstruída e reconstruída na ação dos atores sociais em movimento. Aponta para a relação entre a materialidade urbana – cidade histórica – e o movimento de atores citadinos, que protagonizam um permanente “fazer cidade”, circunscrito num “significante vazio” denominado “direito à cidade”.

É nesse contexto da cidade que concebo a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru como reflexo do movimento de fazer a cidade preenchendo um espaço vazio com representações identitárias, através de um movimento explícito de direito à cidade. De acordo com Agier (2015), os movimentos sociais têm sua própria governança entre a vida urbana e o direito à cidade.

Na acumulação destes três efeitos de invasão/ ocupação/ instalação encontra-se o movimento do direito à cidade enquanto direito de estar ali e de ali levar uma vida urbana. É neste momento, nesta pragmática, que o fazer-cidade se torna objeto real e observável do “direito à cidade”. Para além da necessidade humana de fundação e refundação permanente dos lugares, por mais precários que sejam, esta dinâmica da cidade e do agir urbano mostra o estreito vínculo entre a mobilidade das pessoas e a expansão urbana, esta última sendo uma condição para a sedentarização ainda que provisória e da ancoragem local das pessoas em movimento. (AGIER, 2015, p. 494)

Na visão dele, o conceito de invasão/ocupação/installação é também sinônimo de favela, quebrada ou periferia. O autor entende que o fluxo do movimento e transformação da vida urbana se dá pelos efeitos da luta por direitos.

O autor faz uma análise bastante coerente em estratégias para pensar e dimensionar uma unidade de análise, no entanto, não acredito que uma invasão ou ocupação seja sinônimo de favela. Ao contrário, são consequências que surgem graças à mobilização dos moradores para suprir lacunas no que tange o acesso à informação, direitos, educação, memória e lazer.

Assim, é possível dizer que o mutirão da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru se tornou um ponto de encontro da juventude que busca reinventar a cidade à sua maneira. Não apenas jovens do bairro do Arenoso, mas de Beiru/Tancredo Neves, Narandiba, Cajazeiras, dos Barris, da Federação, da Barra, Pituba, Imbuí, Lauro de Freitas, Subúrbio etc. Surgem pessoas de todos os bairros de Salvador com a mesma intenção: “*Meter mão na massa*”. O que era entendido como meter mão é botar as mãos na massa, na terra, nos livros. As pessoas iam aos mutirões conhecer o espaço que estava surgindo e, de alguma forma, ganhando certo “destaque” no círculo das redes sociais dos movimentos negros de Salvador.

Os mutirões que ocorreram particularmente entre os anos de 2015 e 2018 tiveram a participação e visita de muitas pessoas de Salvador. A maioria das pessoas ia por convite de alguém que integrava o coletivo, e outras porque passaram a conhecer o coletivo através da divulgação na internet. Um dos motivos mais correntes era a visita das pessoas interessadas em fazer oficinas oferecidas pela biblioteca de forma gratuita.

Os mutirões também aconteciam graças à colaboração e união dos moradores vizinhos torno do espaço, que enviavam pratos de comida e água. Houve momentos em que o coletivo realizou uma arrecadação de dinheiro, comprando os ingredientes e buscando alguém na comunidade para cozinhar, porém, à medida que a necessidade de ter um fogão aumentou, articulamos um fogão velho e passamos a fazer a comida nos mutirões.

Em 2015, portanto, o grupo começou a se consolidar e se tornar um coletivo. Durante as atividades de mutirão, o grupo veio a ser mais fixo, organizando e mantendo a Biblioteca em funcionamento. Naquele momento, não havia uma cozinha e o banheiro estava sendo consertado, que faziam o espaço ter condições insalubres para permanência, jovens e crianças que passam o dia todo no espaço. Nas palavras de Davi Nunes:

Os mutirões inicialmente é a atividade mais importante de construção do espaço, então funcionava que a gente chamava amigos, conhecidos, pessoas que a gente encontrava que estava em uma perspectiva de organização comunitária, e outras pessoas iam pela questão do aquilombamento mesmo, das pessoas irem e construir algo prático. Então acho que o mutirão era isso uma atividade comunitária, de aquilombamento de juntar pessoas de forma mais solidária. Então eu

acho que tinha essa importância os mutirões, e possibilitou, acho que o grande chamamento da Biblioteca foram os mutirões que colhemos os bons frutos. (DAVI, 2020)

Nessa fala, o mutirão está ligado com um processo de aquilombamento, ou seja, para Davi o fato das pessoas se reunirem para uma atividade solidária é um movimento de quilombismo.

Abdias Nascimento (1980) entende como quilombismo, um movimento político-social que acontece quando as pessoas se reúnem em torno de um tempo e espaço específicos para criar novas possibilidades de existências e/ou resgatar práticas ancestrais, por meio de uma inspiração nas experiências históricas dos quilombos brasileiros e culturas de matrizes.

Para Beatriz Nascimento (1985), o Quilombo é uma organização africana que funcionou como uma instituição colonial e se consolidou como uma mística, que alimenta um sonho de liberdade com sua retórica abolicionista. A maior característica ideológica é o seu caráter de *heroicidade* intrinsecamente ligado à história dos quilombos no Brasil.

Nesse sentido, acredito que as atividades dos mutirões podem ser compreendidas como uma prática de reconstrução de perspectivas e condições de existência da população negra, inspirada em movimentos passados, calcados na experiência “ancestral”.

Uma das características do mutirão é agregar pessoas de diferentes gerações para trabalharem juntas. Como na próxima foto:

Figura 7 - Área Externa 2 (2017) – O jardineiro mirim



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

A imagem mostra Elizabete de camisa branca, responsável pelas aulas de Maracatu que acontecem aos primeiros sábados do mês, acompanhando Augusto, o sobrinho de Diego,

e Edimar, irmão de Diego e finado Isac. Esse registro foi realizado por mim, e, nele, busquei mostrar as diferentes gerações que se encontram no espaço, ao mesmo tempo, e enfatizar o processo de construção coletiva. Se trata também do primeiro mutirão de 2017, com Isaac, mais conhecido na comunidade como Teacher, e Marzinho, o irmão de Diego Lima, consertando a porta da entrada. Teacher era um morador nascido do bairro que nos deixou em 2018, com quarenta e nove anos, devido a um problema de saúde.

A presença das crianças no ir e vir do espaço é característica do movimento que acontece nos mutirões. Como neste registro, durante um feijão feito no fogo de lenha na área externa do espaço.

Figura 8 - Área Externa 1 (2017) – O mutirão da feijoada



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Pedro Maia

À esquerda na imagem, tem-se Hugo Gabriel com cabelo com tranças nagô, duas crianças que parecem mexer em uma panela, Diego com camisa regata vermelha, mais três crianças que acompanham Michele mexendo na panela com feijão, enquanto outra criança brinca à esquerda. A foto foi feita por Pedro Maia, e lembro de estar ao seu lado, esperando o almoço ficar pronto, quando me pediu o celular pra isso. Chama atenção ainda a predominância masculina.

Todos os finais de semana, chegavam na Biblioteca muitas crianças e jovens para participar dos mutirões. Em um sábado, no período das férias de São João em 2017, contei a presença de 43 crianças no espaço ao mesmo tempo.

Durante os dias em que acontecem mutirões, é certo ter café da manhã, almoço e janta coletivos. Na Biblioteca, que não tem muitas regras, existe um tipo de ritual durante as refeições. Quando a comida fica pronta, servem-se primeiramente as crianças, depois os mais velhos, os convidados e por último o coletivo, regra que foi instaurada durante uma reunião do coletivo, ainda em 2016. Ela é, porém, flexível, a depender da fome e da condição de cada um, mas, repetir o prato, só depois que todos comerem.

Figura 9 - Registro de um almoço colorido



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Pedro Maia

Esta foto foi também foi feita por Pedro Maia, que nesta outra ocasião me pediu para registrar a mesa que foi posta para as crianças. No prato, tem feijão feito com verduras, cenoura, banana, batata-doce e arroz.

O colorido se tornou consequência, mas geralmente o cardápio é pensado cuidadosamente pelo coletivo no dia, o qual não costuma ter carne e sim muitas verduras e temperos. A Biblioteca sempre teve muitos visitantes e educadores que não comem alimento

de origem animal, por isso, as refeições são pensadas de forma inclusiva, pautando a reeducação alimentar voltada àqueles mais nutritivos e saudáveis como frutas, verduras e legumes. Para fazer a comida, a movimentação começa cedo, frequentemente as pessoas que participam dos mutirões trazem contribuições de casa, ao passo que outras contribuem com o valor em dinheiro que podem.

Habitualmente, Diego Lima é quem toma a iniciativa para fazer as refeições, e, à medida que as pessoas vão chegando, o preparo acaba sendo coletivo também. As minhas lembranças são de chegar ao espaço pela manhã e encontrar as crianças varrendo a parte externa e Diego preparando o café da manhã do lado de dentro.

Esse momento também foi lembrando por Guilherme, que me disse que as lembranças do café da manhã ainda estão bem frescas em sua mente, pois se divertia bastante durante o preparo dos alimentos, principalmente as crianças que pareciam gostar muito. Ele também se lembrou das aulas de inglês e violão, bem como das vezes que teve que ir buscar os meninos em casa para participar das atividades.

Figura 10 - Área Externa 1 (2016)



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

Fiz esta foto objetivando registrar o momento em que as crianças tinham aula de violão com Junior. Nela, Junior observa as crianças que estavam fazendo o exercício que havia ensinado. A única menina que aparece é a sobrinha de Diego, que na época acompanhava os mutirões. Outra característica das atividades que acontecem na Biblioteca é a

de se darem nos espaços abertos

Logo após as aulas de violão, começavam por volta das 10h as de inglês, com a professora Débora, que morava em Lauro de Freitas, mas, todo sábado, se deslocava para o espaço. As aulas que seriam na parte de dentro, nas manhãs de sol, ocorriam embaixo do pé de manga.

Figura 11 - Área Externa 2 (2016) – Aula na mangueira



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

Nesta outra imagem, João conversa com Tainara, Mc Chagas e Liu, integrante da Organização Reaja ou Será morto¹⁷, que foram fazer uma visita e conhecer o espaço. Débora, ao fundo, está de pé, com camisa branca, ao lado de Duda. Jorginho, no canto direito com camisa branca, Maiara, à esquerda de camisa laranja, e mais duas crianças que não consegui identificar conversam entre a bananeira, a mangueira e o limoeiro.

As atividades de sábado aconteciam simultaneamente à realização do mutirão. Em geral, as crianças mais novas participam das oficinas e aulas, enquanto outras pessoas ficam responsáveis pelas demais funções. O espaço que é hoje a horta comunitária, por exemplo, era cuidado sempre ao mesmo tempo em que ocorriam outras atividades.

Foi no último mutirão de 2015 que Diego pegou emprestado de um vizinho a máquina de cortar grama. Boa parte das atividades de 2016 foram em torno da manutenção da

¹⁷A Organização Reaja ou Será Morta, Reaja ou Será Morto é uma organização de coalizão nacional entre organizações que combatem o genocídio da população negra, denunciando a brutalidade policial por uma perspectiva antiprisional e de reparação e apoio às famílias de vítimas de violência policial.

Horta. As primeiras colheitas vieram a ser feitas em setembro de 2017, quando ao todo foram colhidos aproximadamente 01 kg de feijão e 03 kg de batata doce. Durou quase 02 anos trabalhando para melhorarmos a qualidade da terra para que ela viesse dar bons frutos. Abaixo, o primeiro registro feito da condição que estava de abandono.

Figura 12 - Área externa – Horta Comunitária (2014)



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Diego Lima

Figura 13 - Área externa – Horta Comunitária 2 (2014)



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Diego Lima

Na figura 12, está Hugo Gabriel, à esquerda de camiseta regata, Rai Negus, de camisa regata cinza e mãos nas costas, e Ruan Jones, em pé entre os mamoeiros. O registro foi feito por Diego Lima, que aproveitou a câmera emprestada de Ruan Jones para fotografar os primeiros passos de limpeza do espaço.

Na sequência, quero apresentar um conjunto de registros visuais para situar alguns dos manejos que houve na horta comunitária, bem como as pessoas que se envolveram e as características de quem frequentava esses mutirões.

Figura 14 - Horta Urbana (2015) Entre os galhos



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

A figura 13, nomeada por mim de *Entre os galhos*, a qual revela o movimento de envolvimento do coletivo com a terra. As pessoas deste registro são, da esquerda pra direita: Sofia, abaixada, que parece que estar arrancando algo do chão; Diego, de bermuda verde com a picareta na mão; enquanto Pedro, Junior e Tiago carregam juntos um carrinho de mão com entulho a ser levado para fora. Daniel, ainda jovem, foi o único jovem que participou do mutirão no dia em questão, ao lado de Denis, que está à direita, de costas para foto.

Figura 15 - Horta Urbana (2015) – Uma reunião na pré horta



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

Na foto, da direita pra esquerda, tem-se Pedro Maia com o notebook na mão, fazendo a relatoria da reunião; Sofia, ao seu lado, que lê um texto que parece ser da relatoria passada; Junior, sentado com lenço verde no cabelo; Denis, sem camisa, sentado ao seu lado; Paula Regina, de calça azul e com os olhos em direção a Sofia, aparentemente atenta à leitura que Sofia faz; e Eliaquim, entre Paula e Diego, o qual está sentado em um carrinho de mão.

A imagem foi um registro que fiz a pedido das pessoas que estavam na reunião. Aquele dia foi bastante singular, diferente dos mutirões em que as portas da ocupação ficam abertas, pois ocorreu a portas fechadas. Foram tiradas centenas de quilos de pedras que haviam sido jogadas pela prefeitura durante uma obra na praça. Por se tratar de trabalho manual intenso, o coletivo decidiu fazer a limpeza sem a presença das crianças. Dentro do espaço, o coletivo não costuma consumir bebida alcoólica, mas tendo sido um trabalho pesado e não havendo crianças, foi feita uma vaquinha para compra de uma caixa de latinhas de cerveja para consumo do grupo.

Figura 16 - Horta Urbana (2016) – Mutirão de limpeza na horta comunitária



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

A figura 15, por seu turno, foi feita no primeiro mutirão na horta comunitária no ano de 2016. O mutirão teve a participação da turma que faz aula de boxe no espaço com o professor Rob, que está atrás, com camisa regata no centro da foto. Pedro Maia, com uma enxada na mão, e Tiago Zaneti parecem estar olhando para o chão.

A próxima foto ocorreu ainda no primeiro semestre de 2016, no mês de abril. Naquele dia, foram construídas quatro leiras¹⁸ voltadas ao plantio de hortaliças e verduras. O mutirão girou em torno da horta comunitária, sendo as pessoas informadas a seu respeito por convite boca a boca e uma ampla divulgação nas redes sociais da Biblioteca. Os convidados que apareceram nos mutirões foram artistas negros da cidade de Salvador, o que ocasionou, de forma espontânea, um Sarau de Poesia ao final, com intervenções de poetas como de Geilson dos Reis, Luan Nesta, Dom Lito, Isac e Michele.

Na foto, aparecem oito pessoas. Michele, à esquerda, com a pá na mão, espalhando a terra que Adriana está peneirando dentro das leiras; Tássio, de calça azul, fazendo algumas indicações de como manusear a terra; Dom Lito conversando com Paulo Vitor, que passa a mão na cabeça; Diego e Quelmonis, cada um com uma enxada revirando a terra; enquanto Davi Nunes, com o pé de cabra, quebra a terra.

¹⁸ As leiras são amontoadas de terra com adubo feitas em linhas em formatos geométricos, no caso, retangulares, preparadas nas linhas de plantio com aproximadamente 40cm de altura e 60cm de largura na base.

Figura 17 - Mutirões na Horta, no segundo semestre de 2016 – Mãos à obra!



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

Na imagem seguinte, vemos a presença de uma criança e sete jovens, sendo que, das oito pessoas, seis são homens e duas, mulheres. Uma característica que parece haver nos mutirões é a predominância da presença masculina no espaço, tanto como frequentadores quanto no coletivo que gere o espaço. A figura/foto 17 foi escolhida para evidenciar as mudanças físicas e o trânsito de diferentes pessoas em torno do espaço.

Figura 18 - Mutirão na Horta, no primeiro semestre de 2017



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

A apropriação do espaço abandonado atrai pessoas de todos os lugares da cidade com múltiplos interesses. Três crianças plantam com Aíla, depois de preparar o solo, depositando

as sementes e cobrindo-as com as folhas de bananeira que estão separadas, no chão, próximas a Tássio, o qual está em pé, com uma enxada em mãos e camisa azul.

A próxima foto que escolhi foi pensada para mostrar o resultado dos mutirões em volta da horta comunitária.

Figura 19 - A colheita (2017)



Fonte: Acervo da Biblioteca Fotógrafo: Lucas Barbosa

Este foi o registro da primeira colheita de feijão que aconteceu na Biblioteca em 2017. O feijão foi plantado por dona Raimunda, que se aproximou do espaço a partir dos encontros do grupo de terceira idade do bairro, os quais aconteceram algumas vezes na Biblioteca. Em especial, dona Maria e dona Raimunda começaram a frequentar o espaço e a contribuir com seus respectivos conhecimentos para cultivar plantas medicinais.

Em fins de 2017, o espaço estava finalizado com seis leiras: uma com batata doce, duas com hortaliças, duas com verduras e legumes e uma com pimenta. Isso é mostrado na foto a seguir, que tem como personagem Augusto, sobrinho de Diego.

Figura 20 - Uma criança nas alheiras (2017)



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

Entre dezembro de 2017 e janeiro de 2018, as atividades do coletivo ficaram menos intensas, por conta da dinâmica de fechamento de ciclos e início de férias, festas e encontros familiares. É possível afirmar que ao longo desses anos que venho participando das atividades, entre dezembro e fevereiro, assim como no mês de junho, as atividades ficam mais escassas e a Biblioteca permanece fechada.

Nesse período, Edson, o morador que iniciou o primeiro processo de ocupação em 2010, construiu um galinheiro, e as galinhas, por sua vez, comeram os alimentos que foram plantados.

Por isso, em 2018, a intensidade das atividades diminuiu consideravelmente, fazendo com que o coletivo tenha que se reorganizar em cima das prioridades no que tange ao cuidado do espaço. Segundo Diego Lima e Quelmonis, elas irão retornar no ano de 2021. Em dezembro de 2020, realizei alguns registros para mostrar o estado atual da horta comunitária, a figura número 20 foi intitulada *horta de bananeiras* porque em ao invés de hortaliças há muitas bananeiras.

Figura 21 - Uma horta de bananeiras (2020)



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

É possível ainda ver as leiras construídas e marcadas no chão em meio às bananeiras, mamoeiro, goiabeira e uma mangueira. Também há uma galinha que caminha em meio a madeiras e pedras que foram deixadas ali. As atividades voltadas à manutenção da horta comunitária tiveram seu ápice entre 2015-2018. A quantidade de pessoas nos mutirões foi diminuindo consideravelmente, fenômeno este que está associado à trajetória dos integrantes do coletivo.

Escolhi as fotografias que representam transições de diferentes pessoas no lugar destinado a horta comunitária através dos anos, desde seus primeiros mutirões, ao seu atual momento em 2020. Elas registram, também, passagens de pessoas que foram fundamentais para manutenção da Horta da Biblioteca, ou seja, a horta reflete o cuidado aplicado sobre ela. As primeiras fotos mostraram o processo de ocupação, e, posteriormente, o processo de limpeza, manejo e cuidado da terra para o plantio de sementes até, enfim, a colheita.

Durante os mutirões, a predominância da juventude é algo que se repete nas fotografias. Os interlocutores pesquisados problematizam o contexto social em que estão inseridos, articulando pessoas da cidade que vão participar dos mutirões.

Nos mutirões, as conversas, ideias, sonhos e risos projetam imagens sobre uma identidade negra preocupada com aumento da autoestima, buscando-se contribuir para fortalecer o imaginário social do povo preto. O ativismo negro está relacionado com a construção de sujeito que o movimento negro adere. Nilma Lino Gomes, no livro “O Movimento Negro educador” (2017), define o movimento negro como sujeito coletivo:

Enquanto sujeito coletivo, esse movimento é visto na mesma perspectiva de Sader (1988), ou seja, como uma coletividade onde se elaboram identidades e se organizam práticas das quais se defendem interesses, expressam-se vontades e constituem-se identidades, marcadas por interações, processos de reconhecimento recíprocos, com uma composição mutável e intercambiável. Enquanto sujeito político, esse movimento produz discursos, reordena enunciados, nomeia aspirações difusas ou as articula, possibilitando aos indivíduos que dele fazem parte reconhecerem-se nesses novos significados. Abre-se espaços para interpretações antagônicas, nomeação de conflitos, mudança no sentido da palavra e das práticas, instaurando novos significados e ações. (GOMES, 2017, p.47)

Essa é uma afirmação que se articula com o caso em questão: discurso produzido pelos interlocutores disputa uma narrativa identitária sobre o bairro. Talvez os “nomes” podem ser apenas nomes, palavras vazias, no entanto, representam identidades, mobilizam símbolos e estrutura relações.

Figura 22 - Triagem na área Externa 2 (2017)



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Autoria desconhecida

Não me recordo quem realizou este registro, mas acho que é muito representativo do que são os momentos dos mutirões de livros. Na foto, estou de costas, e Davi Nunes está de camisa preta, olhando para algum livro que Hugo Gabriel acabou de achar; enquanto isso, Juliana parece falar algo para Eliaquim, que está olhando para as mãos de Juliana, e Marcos Sansara segura alguns livros nas mãos, observando outros. Naquele momento, estava acontecendo a organização do acervo dos livros, separando-se os que viriam a compor o acervo da Biblioteca.

Antes de realizar a triagem de livros, as pessoas presentes tiveram uma reunião para pensar em como seria organizado o acervo, o que foi um momento de discussão muito

interessante. O debate levantado foi que a Biblioteca, pelo fato de haver representações de personagens negros em seu nome, tem como responsabilidade trazer à tona a literatura que por muito tempo foi negada.

Quando Diego Lima diz que “*é uma questão de falar dos nossos*”, penso eu, que os “nossos” é resultado de uma projeção de identidade coletiva. Para Muniz Sodré, em seu livro “O pensar nagô”, no

“(…) interior das modernas sociedades históricas, um grupo humano, social e economicamente subalterno, mas simbolicamente potente, pode investir-se de poder particular frente ao poder geral do Estado. Isto é o que o teórico da comunicação Niklas Luhmann designou como *autoreferência e autopoiesis* dos sistemas sociais, e os sociólogos do ativismo minoritário tem chamado de empoderamento. Um de seus fatores é o fortalecimento da identidade coletiva” (SODRÉ, 2018, p.133)

Essa identidade coletiva é evocada por figuras místicas como Dandara, Zeferina, Beiru, Zumbi e outros personagens emblemáticos que marcaram história na luta contra a escravidão, ressignificando essas imagens com esperança, vida e educação e arte na construção de uma autodeterminação do povo negro.

Figura 23 - Entre livros no interior do espaço na sala 2 (2016)



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Diego Lima

A figura 22 também contempla a criação do acervo. Nela, Guilherme, de camisa regata azul, aparenta estar rindo de algo que Marcos aponta no caderno em sua mão; Anderson está entre os dois, com camisa verde; Diego, de camisa amarela, está ao lado de duas mulheres cujos nomes não me recordo, juntamente com outra frequentadora do espaço, Camila, e Pedro Maia, ao fundo de camisa cinza.

A foto foi feita durante a triagens dos livros. Esse tipo de mutirão possui um valor de representação social que ocupa a vida dos frequentadores, unidos para *meter mão e fazer algo pra comunidade*. Nos registros, é possível observar diferentes formas de apropriação do mesmo espaço. A mesma sala em que a mesa estava cheia de livros é, em outros momentos, local do almoço e, logo depois, se transforma na mesa da reunião.

Figura 24 - Jantando no interior do espaço na sala 2 (2016)



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

Aqui, tem-se, da esquerda para a direita, Jacob, Débora, Rauan, Sofia, Michele, Hugo Gabriel e Guilherme se reunindo depois de almoçar. A fotografia foi realizada por mim, que busquei registrar o momento em que estávamos nos reunindo para construir parte da memória do espaço.

Figura 25 - Interior da Sala 2 (2020)



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

Se compararmos a figura 23 com a figura 24 em detalhes, é perceptível a mudança da cor das paredes. Na figura 23, as paredes estão pintadas com duas cores, um tom azul escuro embaixo e um tom mais claro em cima. Há um grafite, à direita, feito por Andressa Monique, artista e moradora do bairro, e, ao fundo de Tauan, que está apoiado sob os cotovelos, há uma escada, lugar onde foi feito o registro na figura 24. As paredes brancas revelam que houve mudanças na estética da sala: à esquerda há outro grafite feito por Andressa Monique, que pediu para grafitar por cima do anterior.

2.5 (Auto) gestão e atividades

Em 2016, o coletivo que gere a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru começou a se reunir para pensar estratégias de autogestão para manter as atividades. O primeiro passo que tomaram foi pensar estratégias de captação de recurso, utilizando um portfólio elaborado por Helen e Paula Regina. Depois, Diego, Pedro e eu fomos a lojas de materiais de construção e de brinquedos, assim como a livrarias e armazéns, para apresentar a proposta e pedir ajuda. Conseguimos, na época, canetas, papéis umas bisnagas de tinta e, às vezes, desconto em materiais que íamos comprar para o espaço, principalmente nas lojas de material de construção e de verduras.

Figura 26 - I Reunião oficial na Biblioteca Pública Central dos Barris

Como se pode observar, temos em mãos um espaço com imenso potencial de ser um ponto de cultura e educação para uma região que sofre com a desatenção do governo. Um verdadeiro foco de resistência. Mas é também inegável quanto trabalho e recursos precisam e precisarão ser despendidos para tal. Pensando nisso, realizamos bazares, venda de rifas e constante solicitação de doações. Contamos também com sua ajuda! Todo tipo de doação é válida.

Nós por nós!



Rua Gilberto Bastos, s/n - Centro Comunitário do Arenoso.
Prox. ao Colégio Estadual Antônio Sérgio Carneiro.
Contatos: bibliotecabeiru@gmail.com / (71) 986276645

Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Autoria desconhecida

Este registro foi extraído do primeiro portfólio da Biblioteca. Na foto, está Helen, com camisa preta; Hugo Gabriel, com camisa azul; Paula Regina e Ítala, de roupas brancas; Diego com o seu sorriso característico; Guilherme, segurando uma risada; Pedro Maia, segurando o mesmo papel que todos estão na mão; e eu, abaixado no meio de camisa preta que diz *Ajude a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru*.

O interessante é notar a escolha do local: uma biblioteca pública. Acontece que a maioria das reuniões ocorria no espaço, mas, dadas as circunstâncias de trabalho, estudo e logística de mobilidade na cidade, as reuniões começaram a acontecer em outros locais, sendo a Biblioteca dos Barris um dos pontos preferidos pelo fato de estar localizada perto da Estação da Lapa, onde há transporte para todas as partes de Salvador.

A campanha girou em torno de captar todo tipo de doação voltada à organização e estrutura do espaço, desde livros e roupas a bisnagas, tintas e cimento. As triagens dos livros eram realizadas no mutirão, já as roupas eram separadas e colocadas em um bazar a preço popular, o qual teve sua primeira edição na Biblioteca e, depois, se expandiu para outros

lugares da cidade.

O primeiro desses outros foi na UFBA, no campus da Ondina. As roupas que haviam sido arrecadadas foram vendidas no valor de R\$ 1 a R\$10. Na figura 26, vejo Guilherme, à esquerda, Helen, no meio, e uma pessoa que não me recordo quem seja, à direita. Fiz o registro para divulgar nas redes sociais. Naquele dia, foram vendidos de roupas um valor de aproximadamente R\$80,00 reais.

Figura 27 - Bazar na UFBA em 2016



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

Figura 28 - Bazar na sede do JACA (2016)



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

O I Bazar na UFBA foi interessante, pois nele foram firmadas algumas parcerias,

apresentações e articulações, mas, em termos de arrecadação, apenas foi suficiente para pagar o transporte e a alimentação das pessoas que estavam na organização. A realização do bazar em outros espaços se deu por conta das parcerias que surgem durante a realização. Assim, o II Bazar aconteceu na sede do grupo Juventude Ativista de Cajazeiras (JACA) ¹⁹ em Cajazeiras.

No mesmo ano, aconteceu o III Bazar a preço popular da BZB, dessa vez na UNEB. Foi um dos eventos mais marcantes para a organização da Biblioteca, pois nele foram realizadas parcerias fundamentais para o coletivo.

O Coletivo CalouArt organizou o Sarau para receber os alunos novos da instituição, logo após a debates e palestras. A inscrição para participar da atividade foi 01 (um) kg de alimento não perecível, que foi doado à Biblioteca para garantir as refeições durante os mutirões. O convite foi para que a Biblioteca levasse algumas crianças e jovens para conhecer o espaço da Universidade.

O coletivo que organizava a Biblioteca na época planejou uma oficina de poesia na semana anterior à intervenção na UNEB para instrumentalizar as crianças e jovens que iriam participar desse momento.

Na oficina, elas escreveram sobre o sentimento que tinham quando estavam no espaço. Tuane, que na época tinha 14, escreveu que adora estar na Biblioteca porque é como sua segunda família. Suas palavras provocaram uma sensação em mim de que não estava perdendo tempo e de que as crianças realmente gostavam do que estávamos fazendo ali.

Figura 29 - Oficina de poesia com as crianças e jovens do Arenoso



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Autoria desconhecida

Na foto, está todo o coletivo da Biblioteca no dia e algumas crianças que haviam

¹⁹ No capítulo III me detenho a falar sobre as parcerias que envolvem a rede da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru.

participado da oficina. Depois disso, foi realizada uma dinâmica para cada um compartilhar o que havia escrito: as crianças escreveram sobre o que sentiam quando estavam no espaço da Biblioteca, sendo comum em todas as falas o quanto elas se sentiam felizes em estarem ali.

Aquele momento ficou em evidência para mim, pois, mesmo que a Biblioteca seja uma ocupação sem financiamento e não tenha um espaço todo limpinho, com azulejos e ar condicionado, as crianças e jovens se sentiam muito bem em estarem ali. Naquele dia, a professora Débora, que dava aulas de inglês, realizou uma dinâmica educativa voltada ao processo de criação e escrita dos jovens e compôs os versos de samba junto com as crianças:

*“A Biblioteca Zeferina clama revolução (bis)
É criança com lápis e papel na mão (bis)”*

Figura 30 - A caminho do Sarau na UNEB



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Marcos Sansara

Na figura 29, estamos indo para a UNEB em dois carros. Fui junto com Marcos Sansara e sua irmã, à esquerda, Tuane, ao fundo e do lado de Wendel, Lucas, João, Robert e Antony e eu dirigindo. Marcos pediu para fazer *a selfie* e tirou do meu celular. Fomos em 8 dentro do carro, quebrando algumas leis de trânsito, mas dirigindo de forma cautelosa. Foi pedida autorização aos responsáveis das crianças por meio de assinatura em um documento redigido na época.

Figura 31 - Sarau e Bazar da Zeferina na UNEB (2016)



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: coletivo de estudantes negros/as da UNEB

Na foto, tem-se Tauane; Duda; Debóra, com o microfone na mão; Tuane, com os versos que escreveu em suas mãos; Jorginho; Marcos Sansara, de braços cruzados; e Pedro, que acabou sendo cortado pelo ângulo. No evento, foram arrecadados alimentos suficientes para suprir 6 meses de mutirões. Destaco ainda que foi nesse mutirão que Michele Santos conheceu a Biblioteca.

Michele é do interior da Bahia e chegou em Salvador em 2012, especificamente no bairro do Cabula. Michele me contou que foi durante o bazar que ela se interessou em saber mais da Biblioteca. Nas palavras de Michele, o motivo para se aproximar da organização foi para preencher uma lacuna que o Estado deixou no que tange aos direitos da população negra

Os sistemas do Estado contribuem pra isso, seja na falta de acesso a saúde, a falta de saneamento, falta de educação, falta de cultura, a falta de responsabilidade, respeito e compromisso com nosso povo preto que faz esse mundo girar/ lucrar, e não recebe sua devida parte. Por isso acredito na necessidade de melhorar as atividades que ali são efetuadas. Construir a brinquedoteca, intensificar, ampliar, sensibilizar a comunidade para a noção de pertencimento do Quilombo do Cabula, o reconhecimento quanto povo quilombola nos traz o outro lado da história, que somos descendentes de reis e rainhas que foram escravizados e que se tornaram guerreiros/as que lutaram por nossa liberdade. Que temos que continuar na resistência, na luta, e acima de tudo temos que buscar e cultivar nosso autoamor.” (MICHELE, 2020)

Por isso, para ela a iniciativa da Biblioteca representa um movimento de busca de autonomia da população frente às violências feitas pelo Estado. Por isso, acredita que é necessária a comunidade se organizar para se desvincular do racismo estrutural, que só se faz presente através do policiamento ostensivo, ignorando seus deveres básicos na no cuidado

com sua população. Assim, como eles falharam historicamente em garantir os direitos, ela acredita que a Biblioteca tem essa responsabilidade de garantir as ausências do Estado em pró do povo negro.

Segundo a pesquisadora Elisa Machado (2018), o principal motivo para as pessoas criarem Bibliotecas Comunitárias é a dificuldade do acesso ao livro e à leitura, por isso, a ausência dos equipamentos públicos são gatilhos para o surgimento das Bibliotecas Comunitárias. Estas, por sua vez, se estabelecem em circunstâncias específicas para cada comunidade.

Depois da participação do sarau no evento da CalouART, a Biblioteca passou a ser mais conhecida dentro da UNEB, e, a partir de então, alguns grupos de pesquisa e coletivos da Universidade Estadual da Bahia passaram a contatar e buscar mais informações sobre ela. Um grupo em específico, coordenado pelo professor Anderson Oliveira, nos apresentou um projeto intitulado “Ações agrosambientais”. O projeto foi voltado para a promoção da alimentação saudável em espaços comunitários na cidade de Salvador, tendo como objetivo fomentar a iniciativa de cinco hortas comunitárias nas periferias da cidade – uma delas na Biblioteca.

Particularmente, a Biblioteca não chegou a se relacionar e a se envolver diretamente com os outros quatro espaços em outras periferias, mas recebeu algumas ferramentas de trabalho como pá, enxada, tesoura para podar, entre outros materiais. Também pôde contar com a presença de profissionais de permacultura que contribuíram diretamente na construção da horta comunitária, como Tássio, que atuou na parte na prática de construção, manutenção e produção das alheiras.

Nas conversas e entrevistas que realizei no ano de 2020, foi de grande surpresa que senti de fato o tempo da minha presença contínua no espaço. Além disso, as crianças que frequentaram durante anos já não são mais crianças, mas jovens. Em se tratando de pensar um perfil de crianças que frequentam a Biblioteca, a sua maioria eram crianças negras do próprio território. Umas maiores, outras menores, umas mais tímidas, outras nem tanto. A maioria chegava com um sorriso no rosto e um olhar que te abraça, outras chegavam mais devagar e com um olhar tímido.

2.6 Atividades e eventos

A Biblioteca, particularmente no período de 2016 a 2018, tinha sua semana preenchida por uma série de atividades ofertadas por educadores do próprio bairro.

Figura 32 - Card de atividades (2016)



**INSCRIÇÕES
NA BIBLIOTECA!**

CURSOS
BIBLIOTECA COMUNITÁRIA
ZEFERINA-BEIRU

BOXE
· Crianças: sextas/sábados 15h
· Adultos: seg/qua/sex 18:30

INGLÊS BÁSICO
· Crianças: sábados 9h
· Adultos: sábados 10:30

CANTO E VIOLÃO*
quarta 9h (todos os públicos)

R. Gilberto Bastos, s/n, Beiru. Centro Comunitário do Arenoso
Contato: (71) 98627-6645 (Diego)

Fonte: Acervo da BZB

Esse flyer foi feito para divulgar as atividades do ano de 2016, não lembro quem o fez, mas eu o encontrei no perfil da Biblioteca na rede social Facebook, compartilhado anualmente na página em meio às lembranças geradas de forma automática pelo site. Então, neste momento vou falar um pouco sobre como aconteceram as articulações que deram origem a cada atividade.

2.7 Na roda da capoeira

As primeiras aulas de Capoeira começaram ainda em 2015, quando Diego Lima estava fazendo as articulações com a comunidade para realizar a caminhada que deu origem à abertura da Biblioteca, em 27 de novembro. Os responsáveis pelas aulas de Capoeira são o casal Franciele e Eddy Charles, ambos moradores do Arenoso. As aulas de capoeira acontecem às 17h com a professora Fran e, com o professor Edy, ocorrem segundas e quartas

às 17h para crianças e às 19h para adultos. Isso ocorreu de 2015 a 2020, com algumas interrupções devido à própria estrutura do espaço.

Entrei em contato com Franciele e Eddy, mas só obtive resposta dele, que pontuou que a Biblioteca é uma ocupação sem fins lucrativos, dentro de um espaço que estava abandonado e sucateado. Sobre isso, o professor comenta que

O espaço é bom, tem seus prós e seus contra, para mim era bom, espaço grande dava pra desenvolver bem as atividades, mas como um projeto para crianças não é muito legal, pelo menos lá em cima, mas lá embaixo da pra desempenhar um trabalho massa, mas em cima vem uma galera lá, usuária, usar às vezes quando a gente tá treinando, e eu tenho uma filha pequena, e isso fica chato né? Mas com os adultos a gente continuou, depois parou, voltou novamente. Fora aos cocô de pombo, as mães estavam relutando de mandar os filhos para lá. Por isso a gente fechou, mas abriu de novo lá, e já tem 1 infantil treinando quarta feira com Fran. Essa semana mesmo já levei duas mães essa semana comigo, elas nem sabiam que tinham essa salinha, aí quando voltar elas vão liberar os filhos para ir (EDDY, 2020).

A fala de Eddy enfatiza uma questão que até agora não pareceu muito relevante, a da salubridade do espaço. No entanto, os educadores responsáveis pelas atividades durante a semana ressaltam a deficiência estrutural do espaço, que ainda é muita. Esse é um ponto que vem sendo pautado de forma contínua nos encontros da organização.

Durante o ano de 2017, Daniel Braz, com quatorze anos na época, me perguntou por que a Biblioteca não tinha aulas de capoeira. Eu respondi que já tinha a da professora Fran e do professor Eddy, mas ele insistiu que também fossem dadas aulas de Capoeira Angola. Questionou-me “- Oh véi, é Capoeira de Angola! Você *num* faz?”. Em palavras simples, me fez refletir que “*Sim! Capoeira angola é o que sou*”. Sou pesquisador por formação profissional, educador por acreditar na educação, mas a minha vida é a Angola que me tem nas mãos. Até então, nunca havia dado aulas de capoeira angola fora da academia do meu mestre, Mestre Zé do Lenço.

A questão é que não é apenas “dar aulas de capoeira”. Nesse universo, existe uma tradição com regras de respeito que são necessárias seguir para iniciar um trabalho. Antes de aceitar o pedido de Daniel, fui pedir permissão ao Mestre Zé do Lenço, meu mestre. Com a sua permissão, passei a dar aulas para crianças, jovens e adultos da Biblioteca aos sábados pela manhã. Sua autorização se deu porque ele havia me dado, naquele mesmo ano, o título de Treinel, que significa uma autorização para pessoas habilitadas passar treino do mestre.

Interessante é que mesmo havendo interrupções, principalmente por conta do processo de gravidez e primeiros meses do meu filho, com os quais estive muito envolvido, até hoje os treinos continuam e só estamos parados devido às consequências da COVID-19. Já conseguimos organizar 02 (duas) rodas de Capoeiras e 03 (três) Oficinas de Capoeira Angola,

com o Mestre Zé do Lenço. O Mestre doou à Biblioteca 1 Atabaque, 4 Berimbaus, 2 Pandeiros e 1 Reco-Reco. Os treinos em meados de 2019 foram para as segundas-feiras à noite, depois das aulas de Redução de Danos pelo Programa Corra pro Abraço que também ministro.

Em 2018, fui convidado pelos professores para fazer uma participação em um evento sediado pela professora Fran e pelo professor Eddy. No dia em questão, todo o núcleo de Capoeira do Engenho que fica na Federação foi visitar o trabalho realizado pelos professores. Eles me convidaram para a atividade, e pude conhecer o Mestre Sabará, que foi pessoalmente à Biblioteca para o evento.

Durante o ano de 2018, as aulas de Capoeira Angola tiveram que dar uma pausa, pois eu não tive dinheiro para garantir meu transporte para as atividades e a pós-graduação passou a demandar grande parte de meu tempo. No final daquele ano, também as atividades de boxe e capoeira foram interrompidas por questões igualmente financeiras, pois nenhuma atividade no espaço é remunerada. O professor de boxe, Rob, precisou se ausentar para trabalho, pois sua escala mudou, e ele teve que abdicar das aulas, as quais voltaram em janeiro de 2020 e depois pararam novamente, por conta da chegada da COVID-19.

Figura 33 - Oficina ministrada pelo M. Zé do Lenço no Bazar da Deusa



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Autoria desconhecida

Este registro foi feito no meu celular, não sei quem fez, mas acredito que essa foto traduz o momento de comunhão entre diferentes gerações. O Mestre Zé do Lenço, com o seu

berimbau na mão e, no corpo, sua camisa azul, explica algumas coisas sobre a Capoeira Angola para crianças e jovens que se reúnem ao redor.

A oficina aconteceu dentro da grade de atividades do Bazar da Deusa, um evento de empreendedorismo organizado por Gisele Soares, que foi Deusa do Ébano do Ilê Ayê em 2016. Nele acontecem oficinas educacionais, desfile de moda, divulgação do trabalho de empreendedores negros e negras, apresentação de artistas locais e batalha de rap. Essa foi a III edição do Bazar da Deusa, que contou com a participação de artistas de todo lugar de Salvador

2.8 Gingando com a mente e corpo!

O responsável pelas aulas de boxe é o professor Rob, que, morador do Arenoso desde a infância, também quer dar um retorno à sua comunidade. Por isso, ministra aulas para crianças e jovens do bairro, que aconteciam as terças e quintas, com 1 hora para crianças e 1 hora para jovens e adultos.

Figura 34 - Visita do campeão brasileiro de boxe Denilson Caperro (2017)



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa

Professor Rob não exige nenhum pagamento, apenas que seus alunos frequentem a escola e passem de ano. Rob tinha outra exigência com seus alunos: eles tinham que, pelo menos uma vez a cada 15 dias ou um mês, participar dos mutirões que ocorrem na Biblioteca.

A presença dos alunos de boxe sempre contribuía muito para o mutirão, principalmente os mutirões em que íamos a outras localidades do bairro para buscar terra preta.

Pela falta de financiamento, as turmas de boxe realizavam uma *vaquinha* para arrecadar dinheiro para comprar luvas, saco de areia, e protetores faciais. Em 2017, o boxeador e campeão nacional conhecido como Caperro, ex-morador do local, contribuiu com alguns materiais que ajudaram bastante no desenvolvimento das aulas.

As aulas aconteciam às 19h para crianças e às 20h para os mais velhos. Antes de a aula começar, Rob ia passando de casa em casa chamando os alunos, enquanto outros já estavam à sua espera na praça. A corda para pendurar os sacos de treino já estava no local, ela fica presa na estrutura de ferro do teto, e os sacos, no andar de baixo. Quando chegam ao local, os alunos se dividem para organizar o espaço. Enquanto uns limpam o espaço em cima, outros pegam todos os equipamentos na parte interna do térreo e levam-nos para o primeiro andar, na quadra.

As aulas são dinâmicas, o treino gira em torno de melhorar os reflexos e fortalecer o corpo, principalmente nas juntas e a mente. No entanto, costumam ser interrompidas em períodos de chuva porque, na parte de cima do primeiro andar, só tem a metade do telhado, molhando muito o local e tornando bem difícil a realização de atividades.

Esse espaço no primeiro andar carece uma estrutura que venha a evitar alagamento na parte de dentro. Outra questão que é importante pontuar é o fato de por ter sido abandonado por muitos anos e estar com seu telhado sucateado, o primeiro andar ter sofrido uma invasão e proliferação de pombos.

A maior das interrupções das aulas de boxe, contudo, se deu do final de 2018 até o início de 2020, porque o professor Rob mudou de emprego e os seus horários de trabalho entraram em choque com as aulas. Porém, um tempo depois, conseguiu mudar seu horário de trabalho, e os treinos voltaram a acontecer, sendo também interrompidos por conta da pandemia.

2.9 Po-Po-Poesia pra vocês!

A partir de 2016, entre os meses de fevereiro e abril, os membros do coletivo começaram a recitar poesia no transporte público como solução ao problema da falta de dinheiro. Naquele momento, foi a estratégia encontrada para financiar as atividades e a realização de uma viagem de intercâmbio.

No início, foram Juliana, Pedro e eu que começamos a fazer poesia para custear uma viagem para a Casa do Boneco. Primeiramente começamos apenas nos ônibus que circulavam pela região do centro histórico e entre a orla dos bairros da Ondina e a Pituba, aproveitando alguns intervalos de aula. Na época, nós 03(três) fazíamos a graduação na UFBA. Encontrávamo-nos entre os intervalos das aulas ou no final dos turnos.

Foi um momento muito interessante de experiência e aprendizado. Em todos os ônibus que entrávamos, deixávamos um contato e pegávamos outros. Dessa dinâmica de intervenção, nasceram muitas parcerias, principalmente porque foi um ano bastante especial no que tange à movimentação cultural relacionada à poesia.

Quando começamos a direcionar a poesia para as áreas mais populares, principalmente na região do Cabula, o impacto foi maior. Nesse território, as pessoas faziam intervenções, perguntavam quando poderiam levar os filhos, como poderiam entrar em contato e cumpriam as promessas levando suas crianças aos finais de semana. A fluidez era maior quando estávamos em um ônibus que fazia Arenoso - Barroquinha, pois sempre cruzávamos com conhecidos.

De 2016 a 2018, foram anos em que muitas pessoas chegaram à Biblioteca e diziam que conheceram o espaço nas intervenções em coletivos. Michele Santos e Lucas Momo, que eram companheiros na época, também começaram a realizar intervenções nos ônibus como educadores do espaço.

Nos palcos e nos mutirões da Biblioteca, ouvíamos a poesia de Marcos Sansara, bisneto de Cara de Vaca, que sempre fez questão de compartilhar suas escritas e recitar poesias nos mutirões.

As atividades poéticas trouxeram muitas parcerias e colaboradores ao espaço, como a Juventude Ativista de Cajazeiras, Resistência Poética, Valdeck Almeida de Jesus, Poeta com P de Preto, Dark Mc, Visionárias, Contenção 33 e Tipo A. São artistas referências na cultura hip hop soteropolitana, que se destacam pela sua poesia ritmada. Cabe mencionar que a poesia é uma ferramenta muito utilizada pelo ativismo negro e está atrelada a uma série de movimentos em outros locais do mundo. Por exemplo, os grupos Panteras Negras, nos Estados Unidos, surgem em 1966, inicialmente, como um grupo de poesia que, devido a constantes ameaças e agressões, decidiram se armar para lidar com os racistas.

Em Salvador as pessoas também se organizam por meio da poesia, música e outras manifestações artísticas, mas aqui não é permitido o uso de armas de fogo para cidadãos comuns, principalmente se boa parte deles está com passagem policial. Por isso, a poesia

ainda é a arma que muitos jovens da periferia têm para denunciar o racismo estrutural, falar de suas vidas e propor soluções.

Quero dizer, com isso, que só depois de pensar sobre estas circunstâncias e informações que foram chegando por intermédio das vivências, percebi que as expressões culturais se manifestam pela oralidade.

Entre 2016 e 2018, a Biblioteca teve um cotidiano muito intenso, com atividades todos os dias da semana. Segunda, quarta e sexta aconteciam as aulas de capoeira e, nos dias de terça e quinta, aulas de boxe com horários para crianças e adultos. O movimento dentro da Biblioteca com o passar dos anos veio diminuindo um pouco, e percebo que a redução das atividades está associada à dificuldade financeira das pessoas envolvidas. Dedicar-se à uma construção comunitária exige paciência e sacrifício, e nem todas as pessoas podem sacrificar aspectos da sua vida, então elas acabam se afastando. No entanto, um dos fatores que mais impulsionam as atividades da Biblioteca é a confluência de intenções que existe na malha social que a BZB está envolvida (INGOLD, 2015).

A Biblioteca ainda não tem seus livros separados e organizados como normalmente encontramos nas demais bibliotecas, uma vez ao ano, os membros do coletivo se organizam para reorganizar o acervo, o que por sua vez não dá conta do fluxo de pessoas que frequentam o espaço. Mesmo assim, há uma organização onde encontramos livros separados por temas, áreas do saber, cartilhas relativas a direitos políticos e sociais.

O próximo passo é organizar os livros catalogando-os através de um registro de acordo as normas da biblioteconomia. Já foram feitos mutirões para começar a catalogação, mas por não haver um notebook ou computador próprio para Biblioteca, o bibliotecário teve dificuldades com a tarefa.

Também há outra questão importante de dizer: a Biblioteca nunca teve um plano de ações ou um planejamento anual. Acontece de se organizar atividades elaboradas em um intervalo de 1 a 3 meses, mas nunca existiu necessariamente uma estruturação de “plano de metas”.

Há reuniões e planejamento de oficinas, estratégias de mobilização, articulação, parcerias, atividades, eventos e aulas, mas não há um planejamento anual. O coletivo vem discutindo e pensando há muitos anos a necessidade de um planejamento de longo prazo, mas, por uma série de circunstâncias, isso ainda não foi posto em prática.

Quero salientar que o espaço não possui um financiamento, assim, quando algum material não é doado (como portas e janelas), algum membro do coletivo que faz a compra. A estrutura física da Biblioteca em 2020 é bem diferente do que foi há uns anos atrás. As salas

que não tinham portas, hoje têm. A cozinha em que não havia geladeira e fogão, hoje os possui. Até início de 2019, o que era uma sala fechada, escura, que guardava uma série de brinquedos, instrumentos musicais e estantes, hoje é uma sala destinada às crianças, ou seja, uma brinquedoteca hoje já existe. Em um espaço onde havia ratos e baratas até um tempo atrás, hoje já é muito difícil encontrar um rato.

A preocupação com a limpeza do espaço veio a se tornar central, isto é, a ser muito pensada e pautada, em 2019. Principalmente no espaço interno, com a chegada do COVID-19 em 2020, essa limpeza se tornou ainda mais fundamental.

O coletivo que gere a Biblioteca, até meados de 2020, era composto de aproximadamente 4 pessoas ativas, que coordenavam e tocavam as atividades lá realizadas. Diego, Quelmonis, Hugo e eu. Hoje, posso dizer que essas 4 pessoas são responsáveis pelo espaço.

Não foi sempre assim, o coletivo já chegou a ter 15 pessoas ativas na sua organização, no entanto, a vida de pessoas desempregadas com muitas responsabilidades não dá margem para se estar onde se quer. Digo isso porque me afastei do espaço quando estava sem renda e entendendo perfeitamente outras pessoas que também se distanciaram.

A Biblioteca sempre teve muitas mulheres compondo o quadro de organização. Helen, Paulinha, Sofia, Michele, Maíra e Apoena são algumas pessoas que cito em nome por conta da importância delas. Entre 2018 e 2019 o espaço teve o Mutirão de Saúde das Guerreiras e Rainhas Zeferinas. Este foi um encontro organizado pelas mulheres do coletivo, pautando o autocuidado das mulheres para as mulheres. Durante os encontros, participavam meninas, adolescentes e mulheres mais velhas da comunidade, se reunindo para falar sobre estratégias de cuidado, saúde íntima e mental. O último mutirão das mulheres foi realizado em maio de 2019.

Em junho do mesmo ano, muitas pessoas ligadas ao coletivo se desvincularam da organização por divergências políticas. No caminho da construção de um trabalho coletivo político, divergências sempre irão existir. Tais divergências sempre ocorreram dentro do coletivo, mas geralmente eram resolvidas de forma prática, e isto era uma característica bem marcante na Biblioteca.

Algumas pessoas em 2019 se afastaram do coletivo por não acreditarem mais em algumas parcerias feitas pela Biblioteca. As pessoas que se afastaram defendiam que a Biblioteca não tinha que fazer parcerias com programas associados ao Governo do Estado, então decidiram se desligar. As que permaneceram, por outro lado, acreditam que algumas

parcerias são estratégicas e necessárias para o momento.

No fim, restaram 4 homens construindo a Biblioteca até o momento em que vos escrevo, em janeiro de 2021. O fato de só existir homens no coletivo carrega sentidos e significados associados a uma atual dinâmica do espaço. A saída das mulheres não se deu por questões relativas a questões específicas conflitos de gênero, mas por outras clivagens políticas que causaram a cisão.

A Biblioteca, apesar de ser gerida por algumas poucas pessoas, se mantém aberta a todas as iniciativas da comunidade, a qual volta e meia utiliza o espaço para fins diversos. Existe uma barbearia em uma das entradas da Biblioteca, gerida por Ismael e Marzinho. É um empreendimento que costuma realizar ações como “corte de cabelo beneficente”. É um dia que eles tiram para receber 2 KG de alimento em troca de um corte de cabelo.

Na outra entrada, funciona uma garagem onde 2 vizinhos guardam seus carros. Em minhas idas e vindas, nunca tive tempo para conversar com alguma dessas pessoas. Também existe um espaço perto da entrada lateral, há um rapaz que o usa para guardar materiais de reciclagem, de móveis a plásticos. A comunidade costuma usar desde para festas, encontros e ensaios fotográficos.

Com base em um caderno de registro de atividades, é possível afirmar que entre 2018 e 2020 existiu uma rotatividade semanal de 40 a 50 pessoas em média, entre crianças, jovens e adultos por conta das ações do “Corra pro Abraço” e mutirões realizados nos finais de semana, resulta em 180 pessoas por mês, aproximadamente 2,160 por ano.

Ao investigar o cotidiano da Biblioteca, percebi que ela funciona como um ponto cultural dentro da comunidade onde as pessoas ocupam para variadas finalidades. Tais objetivos vão desde integração em mutirões, envolvimento em oficinas, utilização do espaço para ensaios de dança e teatro, participação de saraus, até mesmo, jogar conversa fora e ver pessoas.

A possibilidade de acessar outras pessoas, histórias e livros desperta interesse e curiosidade da comunidade. Por isso, é possível afirmar que existem diferentes motivos de ordem pessoal ou coletiva para frequentar a Biblioteca, seja como um espaço “dos nossos”, como Diego e Michele apontam, ou interesses de ordem individual, como guardar um carro.

Neste capítulo apresentei o cotidiano da BZB, seu surgimento e o porquê uma Biblioteca Comunitária e o que leva as pessoas a frequentar o espaço. No próximo capítulo abordo a malha social de movimentos sociais em que a BZB integra e a sua relação com a vizinhança.

Tabela 1- Quadro de atividades semanais correspondentes aos períodos dos anos de 2015 a 2020

AULA DE CAPOEIRA Professora Fran Professor Eddy	Acontecia nas segundas e quartas às 17 horas para crianças e 19h para adultos entre os anos de 2015 a 2020.
AULA DE BOXE Professor Rob	Aconteceram nas terças e quintas às 19 horas, entre os anos de 2015 a 2020
AULA DE VIOLÃO Professor Junior	Aconteceram aos sábado das 9 horas as 10 horas entre os anos de 2016 e 2017
AULA DE INGLÊS Professora Débora	Aconteceram aos sábado das 10 horas as 11 horas entre os anos de 2016 e 2017
PROGRAMA CORRA PRO ABRAÇO	Em 2017 e 2018 ocorreu na Segunda e Quarta das 14 horas às 17 horas. Em 2019 passou a ocorrer de segunda a quinta das 9 horas às 17 horas. Em 2020 aconteceu de forma remota, tendo encontros presenciais apenas para recebimento de materiais de higiene e cestas básicas.
MARACATU Educadora Elizabete	Aconteceram entre os anos de 2019 e 2020, no primeiro sábado de cada mês.

Fonte: Lucas Barbosa Lima

CAPÍTULO 3 – Malha social e Confluência: Uma rede em movimento

Mesmo que as bibliotecas comunitárias sejam uma prática social comum no Brasil, toda experiência surge de circunstâncias específicas. Uma das particularidades da Biblioteca reside na sua relação de rede com outros movimentos e iniciativas que acontecem em Salvador e em outras cidades da Bahia, em outras palavras, para além de oferecer uma série de atividades de graça à comunidade, ela está envolvida com outras iniciativas e movimentos sociais. Para isso, apresento alguns aspectos da malha social em que a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru está inserida e o seu movimento de confluência (BISPO, 2015), (INGOLD, 2015).

Para Leonardo Azevedo (2020) a ideia de redes sociais se constitui dentro de uma discussão clássica que remonta a Radcliffe Brown que popularizou o conceito como uma aplicação de forma metafórica. Já para Mitchell (1969), o conceito de redes sociais pode ser aplicado de forma analítica para compreender relações entre “atores” e “grupos”. Ainda para o autor, foi na Escola de Manchester e no Rhodes Livingstone Institute, que o termo foi aplicado aos estudos relativos às chamadas “sociedades complexas²⁰”.

A ideia de rede social foi desenvolvida pela Antropologia Social para analisar e descrever os processos sociais que envolvem conexões entre diferentes grupos e categorias. As conexões que surgem pela afiliação de um grupo social com outro grupo diferente. Por isso, sob análise da ação as relações de rede revelam os limites das estruturas internas dos grupos. Azevedo (2020) aponta que dentro da antropologia o conceito de rede aparece como indispensável.

Para Both (1976) “em uma rede, podemos obter uma configuração geral da sua estrutura a partir de um pequeno número de informantes, mas não podemos descobrir o conteúdo exato das relações e das atividades de todos os membros” (BOTH, 1976, p.67).

Azevedo (2020) aponta que o uso do conceito de rede foi importante para oxigenar a antropologia britânica, na segunda metade do século XX. No entanto, o autor chama atenção que não houver qualquer intenção em questionar as dicotomias “sujeito-objeto” ou “natureza-cultura”. No último período, o autor que ganha destaque é o antropólogo Tim Ingold (2015).

Para Ingold (2000), o mundo em que habitamos é composto por coisas e não objetos. O autor busca compreender os processos da dinâmica da vida concebendo o significado da matéria enquanto um fluxo dinâmico com diferentes significados e formas. Estes caminhos ou

²⁰ Este conceito está associado a um posicionamento etnocêntrico da antropologia, que distinguia as sociedades não ocidentais como “simples” e as sociedades modernas como “complexas”.

trajetórias implicam uma prática improvisada que se desenrola em linhas ao longo das quais são as coisas continuamente formando um emaranhado de coisas.

Ingold (2000) aponta que o processo de conhecimento acontece por meio do movimento, pois, ao se movimentar, as mudanças são percebidas. Por isso, o autor tensiona a divisão entre “ator e rede”, ou “natureza e cultura”. Para não cair em binarismos, o autor propõe o conceito “ecologia da vida”. Significa dizer que o indivíduo e o ambiente é um organismo indivisível (AZEVEDO, 2020).

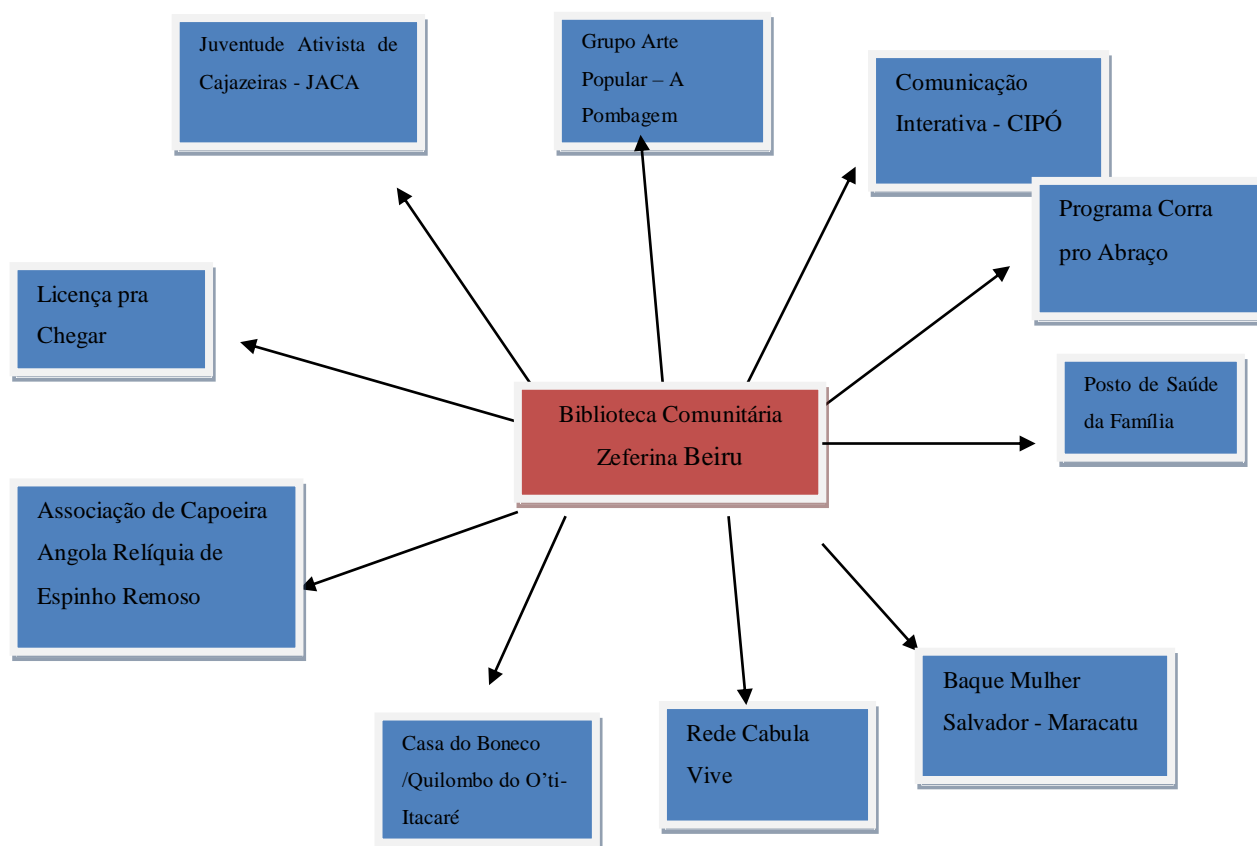
Ingold (2015) defende que a produção da vida se dá por meio das relações e deslocamentos através da formação de malhas. As relações não são apenas uma rede de pontos conectados, mas uma malha de linhas entrelaçadas, que se constitui sob três diferentes perspectivas: metodológico, analítico e na sua negação. Desta forma, emprego a relação de malha social enquanto perspectiva analítica para entender a relação da BZB com outros movimentos sociais em Salvador. Entendendo que a movimentação da reprodução da vida social, entendo a palavra confluência como uma metáfora sobre o movimento das correntes das águas que se encontram e seguem juntas em uma direção.

Uma vez, logo quando comecei a frequentar o espaço, ouvi Diego dizer que não faz nada que eles não fazem nada sozinhos, mas sim por conta de uma rede de apoio que existe por trás. Na época não refleti muito a respeito, mas à medida em que fui vivenciando, percebi que a Biblioteca está envolvida com outros movimentos sociais e iniciativas comunitárias. Alguns destes momentos tive a oportunidade de estar presente e participar do processo de articulação como a articulação com a CBI e o JACA e outras que descobri como se deu por meio de entrevistas as quais irei trazer trechos na íntegra.

3.1 Nós por nós – A malha social envolvida

Analisei e sistematizei os grupos e movimentos sociais que participaram das atividades entre os anos 2015 e 2019. Por meio de fotos, memórias, acervo e entrevistas, a presente narrativa entende a Biblioteca enquanto um lugar de confluência de uma malha social que se constituiu para além de relações burocráticas, tecnicistas ou institucionais, mas a partir de um objetivo de constituir uma rede que seja: Nós por nós. Esse fator “nós por nós” implica no que, em outras palavras, Machado (2008) aponta que seja o objetivo da comunidade, isto é, o fazer PELA comunidade e PARA a comunidade.

Figura 35 - Infográfico de coletivos parceiros da BZB



Fonte: Lucas Barbosa Lima

Nesse sentido, trago o infográfico para ilustrar uma malha de movimentos sociais em que a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru se insere. Nas próximas páginas, trago como se deram algumas parcerias e atividades que surgiram dessas articulações, partindo dos relatos e entrevistas que fiz com educadores e frequentadores que já passaram pela BZB.

A Biblioteca é um ponto dentro do miolo geográfico de Salvador que agrega um valor simbólico atrativo a parcerias que são constituídas por meio de atividades como oficinas, encontros e vivência. Suas atividades estão relacionadas a outros movimentos que acontecem na cidade. Entendo a cidade, pois, como um lugar multiverso²¹ que estão interligados.

Esses diferentes “universos” estão interligados por intenções que se encontram e permanecem juntos para pensar novas possibilidades de existência. Nesse sentido, quero elucidar o universo que existe por trás de uma ideia de “nós por nós”, que confluem em um mesmo plano de existência, de reivindicações por direito à cidade em diferentes aspectos, da arte à moradia ou alimentação.

21 Multiverso é um termo usado para descrever o conjunto hipotético de universos possíveis, incluindo o universo em que vivemos.

Uma das primeiras articulações foi com o JACA, a parceria se deu devido por uma amizade prévia que havia entre os membros dos coletivos, e que se seguiu através de parcerias por meio da arte, cultura e tecnologia como ferramentas. Também, é importante dizer que já ouvi Diego Lima e Hugo Gabriel falar da importância do JACA na influência do surgimento da BZB.

O JACA é uma associação de desenvolvimento étnico e cultural de Cajazeiras, que surgiu em 2004 com o objetivo de articular a juventude do bairro e região adjacente em torno de assuntos como direitos humanos, geração de emprego e renda e mobilização comunitária. Em 2009, ganhou um edital de apoio a empreendimentos solidários, e o grupo se estruturou em Cajazeiras V, estabelecendo um vínculo com a UNEB por meio do Projeto Incubador de Empreendimentos Solidários – Incuba. Com isso, passou a atuar na área da reciclagem de resíduos tecnológicos e com ações para promover a metarreciclagem como alternativa para o descarte e reaproveitamento de resíduos tecnológicos, bem como na produção de eventos artísticos, como caravanas culturais, saraus de poesia e festival de música jazz no bairro. Participou do primeiro sarau de poesia na Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, e, com a Biblioteca, já realizou um bazar a preço popular na sede do JACA em Cajazeiras.

Inclusive, a parceria entre a BZB e o JACA é projetada por discursos imaginados dos interlocutores, que recriam e ressignificam suas relações de território, tendo a ancestralidade como referência. Ouvi por alguns discursos que o Quilombo do Urubu se localizava geograficamente entre Cajazeiras e o Subúrbio, e tinha uma relação de troca com outros quilombos, inclusive o do Cabula. Portanto, não é surpresa a BZB e o JACA hoje desempenharem uma relação de confluência.

Trago esse relato para refletir sobre a projeção de uma comunidade negra (BENEDICT, 1993) que tem o território como ponto de partida para pensar as relações sociais. Não quero negar ou acreditar cegamente que seja algo parecido com “destino”, mas longe de ser algo sobrenatural, entendo, de fato, que esses encontros e desencontros que acontecem são resultado da confluência.

Outra conexão com outro movimento que compõe a malha social da Biblioteca é com o coletivo de rua A Pombagem. Em entrevista com Fabrício Brito, ele me contou do surgimento e a trajetória do grupo, nas suas palavras

O Grupo A Pombagem surgiu em 2009 na periferia de Salvador. Mais especificamente nos bairros de São Caetano e Fazenda Grande do Retiro. 2 integrantes da Fazenda Grande do Retiro e um integrante de São Caetano, mas a gente se encontrava todos os dias lá na quadra do São Caetano que é um lugar bem marcante e uma referência e o espaço de Convivência de vários, artistas em todas as linguagens uma galera boa do grafite do Rap, do rock androll. da poesia também.

Então a quadra de São Caetano é esse lugar que vai agregando a paz galera gente boa que é do São Caetano mas também agrega uma galera que dá liberdade do Retiro, São Marechal e tal, então centrão na periferia. Então a periferia nesse sentido o centrão então a gente surge neste caldeirão saca surge no primeiro momento como um grupo mais ligado a poesia mais uma poesia não apenas que é escrita no papel que é colocada em fanzines de poesia para mangueira para venda na própria mangueira na própria periferia no centro da cidade na orla de Salvador a gente confeccionar vazio poéticos para vender, mas o foco, a tônica do nosso trabalho era declamação, então era uma poesia não apenas que ocupava o espaço dos papéis, enfim dos livreiros, era uma poesia que a gente queria dar corpo no tecido urbano que a gente queria levar essa poesia no status que digamos assim de aparição espetacular. O que a gente acabou fazendo desde 2009 acabou tendo muito mais a ver do que teatro do que propriamente poesia a gente dizia que fazer no Teatro Popular de rua pautando na poesia marginal, poesia de cunho social, poesia Popular, por aí.. Então em 2009 a o grupo surge composto por três jovens dali da Periferia que têm em comum que os três eram da Periferia, e o que é que tem mais em comum é que os três eram pichadores e isso é o que vai nortear as ações do grupo ali adiante e também vai já delinear, digamos assim, a ligação do grupo com a questão das Artes Integradas, ou seja, a gente já nasceu meio poesia, mas meio teatro também e éramos pichadores então sempre quando havia a oportunidade a gente inseria esse elemento da pichação dentro dos espetáculos de poesia. No primeiro espetáculo da gente é o fim das gargalhadas é um poema meu e de Patrick que é um outro integrante do grupo, e o Patrick riscava PABO IGI, eu riscava garra TA e o outro integrante terceiro riscava anta CNR3, pichadores de três gangues distintas se juntam para fazer um grupo de arte um grupo de Arte Popular. Então o nosso Teatro Popular é pautado na poesia, mas tem muito elemento do picho, é na verdade um lugar de artes integradas, por isso que a gente não se coloca como Grupo de teatro e nem de poesia, mas um grupo de arte popular que se apropria dos referenciais estéticos do teatro de rua e a estética marginal. E aí a gente vai para lá e para cá e vamos manejando as identidades, as estéticas e tocando o barco. Em 2013 o grupo A Pombagem entra para o movimento de arte popular da Bahia que é um movimento que aí já é uma associação com uma entidade que é um segmento do Teatro Popular da Bahia que o espaço que agrega tantos grupos da capital como grupo de teatro do interior e aí cara é massa porque a gente vai começar a se relacionar com a pá de gente de fora da Bahia e também de dentro da Bahia do interior. Então a gente vai se articular com gente do interior da Bahia e também com artistas de rua São Paulo Rio Minas. (FABRÍCIO, 2020)

Fabrício Brito (2020) me contou todos os processos de formação e desdobramento que o coletivo A Pombagem passou até chegar às intervenções que aconteceram em parceria com a BZB.

Figura 36 - A Pombagem na praça em frente a Biblioteca em 2017



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia de Lucas Barbosa.

Essa apresentação que aparece na foto foi realizada por mim, tendo sido um registro muito bonito que eu tive o prazer de realizar. Nela, estão o grupo A pombagem, pessoas do coletivo da Biblioteca e crianças e jovens que frequentam as atividades da Biblioteca. Mesmo que eu não estivesse presente e não fosse o autor da foto, diria sobre o sentimento de felicidade e satisfação estampado no rosto das pessoas.

O coletivo A Pombagem também foi um dos coletivos que mais realizou atividades dentro e fora do espaço da Biblioteca. Articulou parcerias em eventos externos com a população de rua no centro histórico na região Baixa dos Sapateiros, também na Barra e na biblioteca pública dos bairros. De acordo com Fabrício Brito, existem muitos pontos de confluência entre a BZB e A Pombagem, nas suas palavras

A gente de 2009 até 2013, antes de integrar o movimento de cultura popular da Bahia, a gente rodou legal pelas periferias de Salvador, como um coletivo comunitário da quebrada que lida com a arte-educação, não necessariamente colorida como a arte de rua, mas estava ali pensando na sociedade através da arte. A gente vem se articulando com esses coletivos por meio da parceria com esses coletivos que a gente rodava a cidade e roda ainda a cidade criando espaços de compartilhamento, desenvolvendo e criando estratégias de fortalecimento e apoio mútuo a essa rede que não é constituída juridicamente, não é um movimento da associação cultural, não é representativa, mas é uma rede no sentido que todo mundo conhece os coletivos que trabalham com arte educação periférica, arte Marginal hip-hop, rap e acabam se conhecendo não importando se é da liberdade de São Caetano do Alto das Pombas, ou enfim. Neste movimento que cresceu a parceria forte, uma parceria que só nos dá alegria com a biblioteca Comunitária Zeferina que veio desse lugar de evocação da memória africana, esse lugar de fortalecimento do povo negro, esse lugar de respiro, saca? Então eu acho que a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru é isso que a gente acaba crescido muito quando estamos com o pessoal da biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, quando estamos na zona de atuação

geográfica digamos assim da Biblioteca, porque a gente acredita também, que a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru está propondo e o que A Pombagem está propondo tem de comum, eu creio que é o fato de ambas entenderem a necessidade de criar espaços em que o povo, mais especificamente o povo preto possa se reconhecer. Se reconhecer como gente e se reconhecer como sujeito, se conhecer sendo você. Porque nos equipamentos culturais oficiais, brancos burgueses, museus brancos, bibliotecas formais burguesas o que há é o que é a gente chama de narcisismo institucional. Quero dizer que são instituições que acredita que o que é exposto ali no interior delas é algo que deva atrair, deve seduzir, deve ser algo em que a população deve ir atrás desse conteúdo, e atrás daquilo que é propagado pelas instituições. Enquanto na verdade a população de rua especificamente o povo negro não se reconhece na memória que é materializada pelos museus pelas histórias que são produzidas, não se reconhece nos livros, nas narrativas instaladas nas bibliotecas e nas placas que estão expostas nas estantes da biblioteca, o povo negro não se reconhece nas peças de teatro que são apresentadas nas salas fechadas que existem. Daí a necessidade de se pensar um teatro popular, um teatro que dialogue com a nossa cultura, um museu que dialogue com nossa cultura, com a necessidade de pensar uma biblioteca que dialogue para lançar vida! saca? Eu creio que aí é que está nosso lugar de convergência entre A Pombagem e a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, quer dizer somos irmãos, e entendemos a grande importância desse espaço para que a gente possa enquanto povo negro trocar, somar, fortalecer um ao outro... Então eu acho que é por aí. (FABRÍCIO, 2020).

O diálogo que tive com Fabrício Brito me conduziu aos momentos vividos durante a realização dos espetáculos “Pedro Bala” e “Museu é a rua” na Biblioteca. Ambos foram importantes para a manutenção do trabalho comunitário da Biblioteca, trazendo à comunidade um contato com o teatro alinhado a uma perspectiva identitária. Para mim, as palavras de Fabrício sintetizam aspectos importantes a serem apresentados aqui:

Então, esses equipamentos culturais que existem, como por exemplo, bibliotecas, museus, e teatros não contemplam a nossa perspectiva enquanto povo negro. Não é à toa que fizemos enquanto o grupo popular A Pombagem fez uma temporada justamente para falar sobre o silêncio museu. Esse comportamento do Estado é na verdade é um equipamento cujas tecnologias operam no sentido de manter o poder branco vigente, saca? E opera no sentido de silenciar as narrativas do povo da população negra, mas aí, eu creio também que para além da questão racial, a Sexualidade, a etnia tudo isso que acaba sofrendo com a dimensão do poder que explora economicamente que domina socialmente e oprime politicamente, saca? É como penso e é como o grupo de Arte Popular A Pombagem pensa também, quer dizer o silêncio no museu, o espetáculo que apresentamos na Biblioteca Zeferina Beiru vai no sentido de dizer que: O museu que tem mais a ver com a gente é um museu aberto, sem paredes. É um museu que é muito mais uma vocação da oralidade, da memória ancestral do que a institucionalização de um espaço oficial, que tem hora para entrar, e hora para sair, com regras e normas de não pego na obra e x, y, ou z, não faça isso, não faça aquilo, receba o conteúdo na exposição no museu sem questionar nada. Os museus tem muita essa pegada de focar o que se pensa a respeito sobre determinada memória narrativa de cima para baixo sem qualquer possibilidade de diálogo com o visitante. Na perspectiva da arte popular em relação ao museu já é diferente, ele é locução da horizontalidade, de abertura, de troca, de conhecimento no sentido de prestigiar a narrativa enquanto espaço de reconhecimento, e produtora de sujeitos e não como coisa, um simples objeto. E foi nessa pegada que apresentamos o silêncio no museu na Biblioteca Zeferina, naquela praça que tem em torno do espaço, e neste propriamente dito espaço, tínhamos levado também o espetáculo Pedro Bala entre a pedra e a bala que também tem uma relação com os dramas que se vive na periferia. Então os temas têm relação com a população, são vários temas abordados, tem a questão das drogas, o proibicionismo,

o genocídio do povo preto, atravessando todos os temas à questão da população em situação de rua, a questão do uso abusivo do crack, e aí a gente faz o balanço que dialoga, né? Dialoga com as chacinas existentes, as chacinas que ganharam a notoriedade na mídia, mas falando das chacinas que acontecem diariamente aqui, ali e que o objeto de tudo isso é o jovem negro. E que é o povo negro, né? Independentemente da idade que morre o tempo todo simbolicamente por morre por falta de serviços públicos e tem a vida ceifada, enfim, que sofre violência de várias maneiras. Então a gente levou para o teatro de rua contextos que é forte como a chacina da Candelária, onde crianças foram assassinadas. Levou também a questão da chacina do Cabula, e problematiza isso né? Mostra a participação dos movimentos sociais, e mesmo assim o que se conclui que o que aconteceu na chacina foi legítima defesa, o inquérito da Polícia Civil, apontando isso aí, mas depois, o Ministério Público tem uma outra compreensão, uma compreensão mais afinada com a gente e que também mais afinada com os familiares e movimento social movimento negro. A gente acabou colocando o espetáculo Pedro Bala, entre a pedra e abala porque também entendeu o que a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru faz o tempo todo é algo essencial. Porque é o deveria fazer que questionar o racismo, né!? Trazer ao centro a perspectiva africana como um projeto de sociedade, e por meio da arte, da sensibilidade, por meio de direcionamentos afetivos e políticos. Então eu acho que é tudo mais ou menos por aí...então para além disso a biblioteca Comunitária Zeferina Beiru e o grupo A pombagem possuem um laço que é bastante interessante (FABRÍCIO, 2020).

Existe uma amizade entre Fabrício Brito e Hugo Gabriel, o qual é um dos fundadores da BZB. Uma amizade de anos atrás forjada por encontros em caminhadas pela cidade. Dessa forma, os caminhos constituem uma malha social também se dá por confluências individuais entre integrantes da BZB e da Pombagem.

Em outras situações, a confluência vem por outros laços sociais, como o coletivo de rap e poesia Licença para Chegar, que teve como um dos fundadores o Saymon Contreiras, nascido e criado do território do Cabula. Em uma conversa, ele me contou que o coletivo foi criado:

Na época tava tendo rixa diária, de um cara que morava em uma área não podia ir para outra. Então a gente queria fazer um evento, só que onde moro não posso ir para lá onde a gente queria fazer o evento, então o amigo que mora lá não pode passar para cá. Então, neste contexto que nasceu o licença pra chegar, pedindo literalmente licença na quebrada, para os ouvintes, , artistas, homens, os cara da quebrada, do movimento... Então velho, era a licença para chegar, a gente só quer chegar pra propagar a cultura, a ideia, semear conhecimento e esse tipo de coisa, e aí nasceu com esse intuito, e a galera abraçou, galera falava: licença para chegar isso, licença pra chegar aquilo e por uma surpresa positiva, que surpreendeu a gente de lá para cá, e a gente não parou mais graças a Deus! tá crescendo estruturando as coisas pedindo para licença para chegar na humildade. (SAYMON, 2020).

A parceria com a Biblioteca surgiu quando Diego, em diálogo com Saymon, propôs que a Biblioteca poderia sediar um evento de *rap*. Esse evento aconteceu na BZB porque lá é um espaço cultural, o que equivale a dizer que o espaço tem um valor especial nos códigos sociais da comunidade. O evento reuniu artistas do bairro e de outros locais de Salvador, sendo uma atividade que movimentou bastante a Biblioteca e atraiu crianças e jovens.

A essa altura, é perceptível que as parcerias surgem de atividades que acontecem no espaço, como a parceria entre a Associação de Capoeira Angola Relíquia de Espinho Remoso e a biblioteca, por exemplo. Fundada e coordenada pelo Mestre Zé do Lenço há 55 anos, a associação oferece aulas de capoeira angola no centro da cidade e na periferia. O mestre foi o principal responsável pelo trabalho de capoeira que ocorre na Biblioteca, pois, como dito anteriormente, ele cedeu os instrumentos e indicou os passos que deveriam ser seguidos para trilhar o caminho da Capoeira Angola. Em parceria, já foram realizados os seguintes eventos: 03 rodas de capoeira angola coordenadas pelo Mestre Zé do Lenço e 03 oficinas realizadas.

Outra articulação para o crescimento da BZB enquanto uma organização comunitária, foi a parceria com a Casa do boneco Itacaré – CBI em 2016. A Casa do Boneco é um lugar de formação política e centro de articulação entre movimentos sociais negros e indígenas desde 1988. Eles mobilizam e articulam movimentos sociais e pessoas tanto em torno do Caruru do Ibeji, que acontece anualmente, quanto em torno de outras demandas que possam vir a surgir. Em 2017, a CBI inaugurou a Escola de Tambor, organizada com base em princípios pedagógicos voltados à comunidade negra.

A Casa do boneco se apresenta enquanto um instrumento de cultura a serviço da população afro-indígena, que por muito tempo foi excluída de qualquer tipo de política para sua existência. A aproximação da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru com a Casa do Boneco se deu por meio de um educador da Biblioteca que participou de um evento que teve como convidado o Mestre Jorge Rasta. Mestre Jorge Rasta é um dos fundadores da Casa do Boneco e coordenador do espaço.

Naquele momento, a maioria dos educadores da Biblioteca não trabalhavam, alguns estavam atrás de emprego e outros cursando o ensino superior, como eu, Pedro Maia, Hugo Gabriel e Paulo Victor. Estávamos no meio de um curso de graduação, buscando construir o espaço da Biblioteca e, ao mesmo tempo, as nossas vidas, mas, mesmo assim, topamos o ir presencialmente conhecer as atividades do grupo que fica em Itacaré, no Sul da Bahia. Foi quando surgiu o convite do Mestre Jorge Rasta para que a gente fizesse uma formação política e outros cursos hospedados na Casa do Boneco.

Todos queriam ir, mas não tínhamos dinheiro em caixa e muito menos uma forma de arcar com a viagem. O bazar que geralmente organizávamos mal foi suficiente para garantir nossa alimentação no mutirão, e uma viagem dessas demandava uma quantidade maior de dinheiro do que tínhamos.

A maioria dos educadores da Biblioteca escrevia poesias, músicas, tocava instrumentos, enfim, tinha uma aproximação com a arte, mas a única pessoa que tinha

experiência com arte-educação que integrava o coletivo na época era Juliana. Ela já havia feito algumas intervenções poéticas e integrava também o Coletivo de Arte Popular: A Pombagem.

Foi nessa demanda de garantir nossa passagem e estadia na Casa do Boneco que Pedro Maia, Juliana e eu nos juntamos e começamos a fazer poesia dentro do transporte público de Salvador, nos ônibus. Foi uma experiência que amadureceu os educadores do espaço, pois a gente entrava nos coletivos divulgando o trabalho, aumentando a rede de contato e, claro, *passando o chapéu* para receber umas moedas em troca, onde fazíamos do o corredor do ônibus nosso palco e o chapéu nossa bilheteria.

Passamos quase dois meses arrecadando dinheiro para viajar, porque também tirávamos parte do dinheiro para despesas individuais, afinal estávamos todos desempregados. Conseguimos dinheiro suficiente para pagarmos quatro passagens de ônibus de ida e volta para Itacaré. Em junho de 2016, Hugo, Paulo, Pedro e eu embarcamos, enquanto Juliana não pôde ir por conta de trabalho e demandas da Universidade.

A nossa estadia durou uma semana e foi bastante enriquecedora. Aprendemos mais sobre a *pedagoginga*, agroecologia e história dos povos afro e indígena, por meio de uma vivência no Quilombo do O'iti.

Sobre a *pedagoginga*, é importante enfatizar, que foi naquele momento que conhecemos os fundamentos teóricos dessa prática pedagógica. A prática da pedoginga, em alguma medida, já vinha sendo feita, sem embasamento teórico. A pedagoginga é um conceito do pesquisador e educador Allan da Rosa (2013), sendo uma perspectiva pedagógica que trata de pensar métodos de ensinar a povos cuja cultura é tradicionalmente passada à frente através do fazer, em outras palavras, o aprendizado é passado à frente, pois, pelo movimento da ação da realização do fazer. A Casa do boneco incorporou o conceito como método pedagógico, e foi lá que o coletivo veio a incorporar nos discursos e práticas baseadas no princípio da pedagoginga.

A sensação de retorno a Salvador foi de dever cumprido. Foi a partir dessa viagem que começamos a cuidar da horta, das árvores frutíferas e das ervas medicinais que existiam no espaço com mais conhecimentos. Meses depois, foi feita a mobilização para realização do Canjerê em 2017, em prol do caruru na Casa do Boneco. O evento, que foi sediado na Biblioteca, teve sua refeição colhida da horta comunitária, a primeira colheita de alimentos, aliás.

Figura 37 - Debulhando o feijão (2017)



Fonte: Acervo da Biblioteca, fotografia: Lucas Barbosa.

O feijão que está sendo debulhado por Augusto, sobrinho de Diego, foi plantado logo após o coletivo voltar da vivência na CBI. Coincidentemente o feijão foi colhido para alimentar as pessoas no canjerê cultural em 2017, o evento voltado a arrecadar fundos para a realização do Caruru dos ibejis em Itacaré. O feijão alimentou cerca de 50 pessoas neste dia.

Foi também no ano de 2017, que a proveito para falar de uma importante parceria da BZB com a Comunicação Interativa – CIPÓ, uma Organização Não Governamental - ONG que possui uma parceria com a Biblioteca desde 2017. A Cipó é responsável por gerir o *Programa Corra pro Abraço* que ocorre dentro da Biblioteca, pois sua intenção é fortalecer movimentos sociais e comunitários dos territórios em que atua. O programa se expandiu em 2020 e passou a ser de segunda à quinta, das 9h à 17h. Inclusive, estou com Redutor de danos do Programa Corra pro Abraço, atuando na Biblioteca e na Associação Nova República, no Nordeste de Amaralina. A escolha se deu por uma questão técnica e resolutive durante a entrevista, bem como pelo fato de eu já atuar dentro do bairro, pois isso facilita a intermediação e comunicação com os jovens.

O início dessa parceria se deu quando a CIPÓ lançou um edital procurando um psicólogo para compor a equipe que viria atuar no Beiru. Diego Lima se inscreveu e em entrevista foi aceito. O programa tinha a perspectiva política de integrar principalmente a comunidade para compor a equipe técnica. Para isso, buscam um espaço que possua trabalho comunitário ativo no local, a fim de realizar as atividades do programa. Acaba sendo uma

forma de familiarizar e fomentar as lideranças locais, sem relações partidárias ou com entidades ligadas diretamente a algum partido ou a alguma corrente política específicos.

Em 2019, o *Programa Corra pro Abraço* obteve mais recursos e passou a procurar por mais profissionais e técnicos para dar conta da demanda. O programa passou a necessitar de um redutor de danos. Assim, foi aberta uma seleção para preenchimento da vaga e para mais psicólogos e assistentes sociais comporem o quadro técnico do programa. Na época, apesar de ter me inscrito para cargo de educador de referência, fui selecionado para atuar como redutor de danos.

Essa parceria surgiu, a princípio, com dois encontros durante a semana, no turno da tarde, com uma turma de 20 jovens. Os jovens passavam por uma formação com um profissional da Psicologia e Assistente social, chamado de desenvolvimento psicossocial – DPS, redutor de danos e uma linguagem de educação voltada ao áudio visual, fotografia, produção cultural e design têxtil.

Nesse mesmo ano, iniciou-se um novo ciclo do programa, que seria finalizado agora em dezembro de 2020, mas houve uma extensão até 2022. *O Corra pro Abraço* atua no centro da cidade desde 2013, mas foi em 2017 que tomou um novo formato: Corra pro Abraço Juventude, sendo este o formato que tem parceria com a Biblioteca. Ele atua em mais 03 (três) comunidades em Salvador, totalizando 04 (quatro): Beiru, Boqueirão, Fazenda Coutos e Plataforma.

Atualmente, por unidade, tem: um psicólogo e uma assistente social fixos, e um (a) educador (a) de linguagem. Cada território tem também uma equipe que transita entre territórios, composta por um redutor de danos, um educador jurídico e um educador físico. Semanalmente, nos encontramos, de segunda à quinta, com grupos de 20 jovens de 15 a 29 anos, totalizando 40, em dois turnos.

Nesses encontros, os jovens passam por um acompanhamento jurídico, para inclusão em programas sociais, e assistência jurídica para processos pendentes e pretendidos. Há, também, acompanhamento com psicólogo, assistente social, e redutor de danos. Alinhado a estes processos de suporte psicossocial e na garantia direitos, existe uma formação de educação de linguagem, voltada a alguma área, como fotografia, audiovisual, designer têxtil e produção cultural.

Cada equipe de linguagem passa de 03 a 04 meses em cada território, totalizando a passagem das 04 linguagens nos 04 territórios. Apesar das atividades estarem suspensas durante este momento de pandemia, os encontros com jovens, acompanhamento e doação de kits de higiene e cestas básicas estão sendo feitas. Acompanhamento de processos e visitas

domiciliares também estão sendo realizados. Essa parceria foi firmada pelos coordenadores da CIPÓ, que apontaram, em conversa comigo, que sempre tiveram vontade de firmar uma parceria com a Biblioteca, porque já acompanhavam suas atividades através das redes sociais.

Durante o processo de investigação e análise das entrevistas, percebi que os movimentos associados à rede da BZB possuem um discurso em que ressaltam a importância da parceria, da troca e da existência constituídas a partir de palavras muito ditas como: reciprocidade, espontaneidade, política, identidade e ancestralidade.

3.2 A vizinhança

Tendo como unidade de análise a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, busquei entender sua sociabilidade cotidiana e sua representação para os atores sociais que convivem e frequentam o interior do espaço, participando das atividades. Entretanto, durante boa parte da pesquisa, negligenciei a relação da vizinhança com o espaço que sedia a BZB.

Através das indicações da orientadora e da banca de qualificação, fui buscar entender o que a Biblioteca representa a essas pessoas. Para Alexandre Paz Almeida (2011), o vizinho é a figura mais importante no convívio social nos bairros, porque nos bairros populosos, taxados como periféricos, a sociabilidade entre a vizinhança costuma ser construída através de atividades desenvolvidas em conjuntos, desde atividades voltadas ao lazer, como para resolução de problemas mais emergenciais como socorrer um vizinho doente ou a falta de energia (ALMEIDA, 2011). Portanto, entendendo a Biblioteca como um ponto cultural e aglutinador do território, é imprescindível compreender qual sua repercussão no cotidiano de quem é vizinho do espaço.

A primeira pessoa entrevistada foi Dona Rita, de 64 anos, que chegou de Teodoro quando tinha 15 anos e mora em frente à Biblioteca. A conheci durante os mutirões, sendo que geralmente comprávamos geladinhos com ela. Desde a primeira ida, Rita sempre foi muito simpática comigo, por isso, desde então sempre passo em sua casa para cumprimentá-la.

Em 2018, Dona Rita começou a usar o canteiro do espaço que abriga a Biblioteca para plantar algumas ervas medicinais e hortaliças. Nas minhas idas e vindas, acreditei que Dona Rita sabia o que acontecia durante os finais de semana no local, no entanto, ao entrevistá-la descobri outra realidade. A primeira pergunta que fiz a Dona Rita foi se ela já viu o espaço funcionando.

“Já, esse espaço aí funcionava muita coisa, tinha costura com Dona Juju do que representava clube das mães. Isso tem uns 10 anos. Acabou quando Germano que era o presidente da associação foi embora depois que ficou doente, aí Dona Juju morreu, aí pronto, acabou. Mas aí funcionava muita coisa boa, quando tinha festa tinha quadrilha, tinha Boxe, Karatê, dança e cinema. Tudo funcionava ao mesmo tempo em que era uma escola, quem era a diretora era minha filha, Alessandra, mas aí ela não podia ficar sem ganhar nada, sem garantia e acabou indo trabalhar em outro lugar” (DONA RITA, 2021)

Dona Rita possui uma relação íntima com o espaço. Ela integrou o clube das mães do bairro, e sua filha Alessandra foi diretora da escola que funcionava ali. Rita me contou que quando chegou no bairro não havia luz elétrica, nem água encanada, e muito menos transporte público. Para ela, a vida no Arenoso melhorou bastante: hoje, com água, luz internet e transporte público, vivem em um paraíso.

Perguntei à Dona Rita se ela conhecia a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, e ela, em meus olhos, olhou e falou: “-*Quem meu filho? Conheço não. Sei que aí é o Centro que sempre funcionou, como te falei. Vejo vocês subindo e descendo, mas se eu disser que sei o que acontece aí, tô mentindo.*”

Ainda perguntei se ela sabia que ali havia uma Biblioteca Comunitária. Antes que respondesse verbalmente, sua expressão facial evidenciava uma surpresa de sua parte. Foi então, que expliquei mais uma vez que a entrevista era direcionada a um trabalho de pesquisa que eu vinha desempenhando, no entanto, Dona Rita, com a sua sabedoria, me indicou a conversar com sua filha Alessandra das Neves.

Alessandra é uma pessoa que eu já conhecia, mas não sabia que era filha de Dona Rita. Alessandra, no momento, é agente de saúde do posto do Arenoso, mas foi responsável pela escola que funcionava no espaço. Ao entrar em contato com ela, tive uma descoberta essencial que me fez compreender algumas mobilizações dentro do espaço antes de ser uma Biblioteca. A primeira pergunta que fiz para moradora foi “- *Qual sua relação com o espaço que hoje funciona a BZB?*”

Eu conheci o espaço quando chamava-se Associação Desportiva Ferroviária – ADF – Beneficente e Cultural, funcionava no mesmo espaço que hoje é a Biblioteca, mas na parte de cima. Frequentei o espaço desde meus 13 anos. Naquele tempo já atuava como presidente do grupo de jovens, porque existiam vários grupos de trabalho que atuava na associação nesta época. Havia os mais velhos também que desenvolvia parceria com outros órgãos públicos, mas com o tempo a associação perdeu sua força porque a comunidade não abraçou, e infelizmente a falta de sócio fez com que a gente perdesse a força (ALESSANDRA, 2021).

Alessandra é uma mulher negra de 40 anos, que sempre viveu no território. Sonha que sua filha, que frequenta as atividades do Corra pro Abraço, deixe sementes, atuando a favor de algum projeto comunitária como fez em sua juventude.

Mesmo com o fim da associação, me aliei a alguns políticos na época que me deram força para montar uma escolinha beneficente com a mensalidade de R\$ 5,00 a 7,00. Era um preço que a gente fez para as mães que não podia pagar. Na época crianças menores de 7 anos não podiam ir para escola pública, porque na época não tinha. Aí criei a escolinha DF junto com algumas professoras que haviam feito a formação magistério ou científico que na época era chamada de conhecimentos gerais. Eu era formada em magistério, as professoras Tatiana, Márcia, Regina, Jandira, várias... Teve os ajudantes que chamava auxiliar de classe, Audenete, Cátia e outras pessoas que eram voluntárias. Pela manhã e tarde tínhamos tinha as aulas e a banca escolar. Nossos alunos eram cotados para ir para as escolas públicas, porque a gente alfabetizava com o método antigo mesmo com a cartilha do ABC, fazíamos uma sabatina, mas claro não era de bater (risos), eram atividades lúdicas que estimulavam o aprendizado, buscávamos incentivar de todas as formas.(ALESSANDRA, 2021)

Alessandra me contou a história que viveu no espaço de forma muito entusiasmada com tudo. Agradece pelo tempo de juventude, lamenta o fim, mas comemora os novos rumos do local.

Não é à toa que tivemos várias árvores frutíferas, uma delas é Diego. Graças a deus hoje tá com vocês através do projeto Corra pro abraço juntamente com a Biblioteca Zeferina, formado em psicologia, é um orgulho para nós professores. A gente agradece a Deus o efeito positivo que a gente fez. Hoje só tenho agradecer o que vocês fazem no espaço, com essa biblioteca Zeferina que é uma referência, e o projeto corra pro abraço que veio pra tirar os jovens dessa vida complicada, porque a gente sabe que nessa vida há pessoas com vidas mais sofridas e complicadas do que outros. (ALESSANDRA, 2021)

Para a moradora, a Biblioteca é fruto de uma semente que foi plantada pelo corpo de educadores da escola. A família de Diego participou diretamente da construção da escolinha, por isso, ela acredita que Diego é um resultado positivo de toda educação que veio aplicando. Assim, concluo que de fato existe uma relação da BZB com a vizinhança, mas que para vizinhos mais antigos o espaço será sempre o Centro Cultural, ou, como Alessandra (2021) me falou em meio à entrevista: - *Admiro o trabalho da Biblitoeca, mas para mim sempre será sempre a ADF, Associação Desportiva Ferroviária Beneficente do Arenoso(risos).*” Dona Rita mora no térreo e Alessandra no primeiro andar, mas é perceptível como a existência da BZB repercute de diferentes dimensões para mãe e filha.

Ao continuar o trabalho de mapeamento da relação da vizinhança com a Biblioteca, conversei também com seu Denisval Pires, de 69 anos, morador do Arenoso há 36.

Desnival mora em frente à principal entrada para Biblioteca, por isso, penso que seu entendimento sobre o lugar é fundamental para entender a relação do espaço com o bairro. Comecei perguntando sobre o que havia mudado na rua, e, para ele, tudo mudou. “*As ruas eram terra pura e lama, não existiam casas, luz e nem água, mas hoje com a rua asfaltada, água encanada e luz*”, seu Denisval afirma que não tem o que reclamar, porque “- *Aqui não tem violência, não tem confusão, só tenho a agradecer*”. O interessante é que o relato de seu Desnival aponta para uma dimensão oposta para o que a mídia e os veículos tradicionais

costumam falar do bairro do Arenoso²². Dado o seu tempo no bairro, aproveitei e perguntei se quando ele chegou ao bairro, ele frequentou o espaço que abriga a Biblioteca.

Cheguei a frequentar sim, já fui algumas vezes ao cinema que funcionava aí dentro, ele funcionava e eu só precisava atravessar a rua pra assistir um filme eu e minha esposa. Era limpinho, banheiro, tudo! Infelizmente mudou né? Olhe como está hoje a situação do centro. (DENISVAL, 2021).

Ele não sabe o motivo que levou ao fim do teatro, segundo o morador, ele não conhece ninguém, não fala com ninguém, entra e sai do bairro sem conversar com as pessoas. Sua fala me fez pensar em parte do que ele havia me dito antes, não quis questiona-lo, de ele acha tudo perfeito, mas porquê de não falar e não conhecer ninguém? Depois pensei comigo que ele provavelmente não quis simplesmente me falar alguns detalhes ou se expressou mal.

Então perguntei se ele conhece a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru. De forma honesta, mudou seu tom e disse que, pra ser sincero, não conhece, nunca entrou. Ele sempre vê o vai e vem de muitas crianças entrando e saindo. Então, perguntei o que ele achava.

Eu acho bom né? Trabalhar com as crianças, pegar livros e ler, eu acho muito bom! Ajuda muito nossa comunidade, é ou num é? Então nossa comunidade no Arenoso tem muito a ganhar com isso, mas não sei quem é Zeferina e Beiru não. Só sei que era o nome do bairro lá em cima Beiru, mas nem sei. Só sei que é Zeferina e Beiru por que tem escrito aí na frente, infelizmente não conheço o espaço lá dentro, mas vejo as pessoas entrando e saindo com livros, pessoas de outros lugares também, mas não incomodam ninguém, então acho maravilhoso (DENISVAL, 2021)

Como vizinho, ele conhece o movimento que existe em volta do espaço. Respondeu rapidamente sobre a característica do público que costuma frequentar, mas ao mesmo tempo em sua fala parece ter tido uma resistência para entrar e conhecer o local. Essa resistência pode estar diretamente relacionada a um público que frequentava anteriormente o espaço, antes de ser uma Biblioteca.

Seu Denisval, ao final da conversa, perguntou se a Biblioteca estava aceitando doações de livros, porém, o que fico pensando, é o meu lugar enquanto pesquisador e representante do espaço. Sinto que as pessoas buscam ser sinceras, mas, ao mesmo tempo, buscam delicadeza nas palavras, entendendo que aquele momento pode ser um diálogo para estabelecer novos vínculos

Denisval me falou da sua vida e disse que ficou curioso para conhecer o espaço, prometendo visitá-lo depois que terminar a pandemia. Conversamos mais um pouco, depois me despedi e voltei a circular o em torno do local. Foi quando, ainda na mesma rua, me encontrei com Edson Lima.

²² Ao por "Arenoso" nas páginas de pesquisa na internet, as primeiras notícias estão relacionadas a situações de violências.

Edson Lima é nascido e criado no Arenoso há 34 anos. Ele foi o responsável por dar o pontapé inicial no processo de limpeza e ocupação ao espaço, em 2010. Edson me contou que partes das terras que hoje compõem o bairro do Arenoso pertenciam ao seu avô, Antônio Lima.

Edson já acompanhou o cinema que funcionava no espaço, a escolinha ADF, através da qual se desenvolvia uma série de atividades como capoeira e boxe até aproximadamente os anos 2000 e 2001, quando tais atividades cessaram. Edson não sabe o motivo do fim, mas, por conta do abandono, pouco a pouco o espaço começou a ter alguns itens roubados. Ele me contou que primeiro foram as janelas, depois, o telhado, o comungo, os ferros, enfim, praticamente tudo que podia ser vendido foi arrancado. O espaço, a partir de 2001, por estar abandonado, se tornou intransitável para a comunidade até 2010, quando Edson iniciou o processo de limpeza.

Em 2010 eu tava em uma boa situação econômica, então pude dar esse retorno a minha comunidade. Fazia um feijão, chamava a comunidade e a gente começou a limpar, ajeitamos o primeiro andar e aí começou a ficar mais confortável, em 2012 comecei a fazer uns shows de pagode, partido alto que durou até aproximadamente 2014. (EDSON, 2021)

A fala de Edson se relaciona com outras falas, como as de Diego Lima, Davi Nunes e Michele Santos. O morador aponta que quando estava em uma boa condição, deu um retorno à comunidade. Esse “retorno” eram os shows organizados de forma gratuita no espaço, realizando um ensaio aberto à comunidade com grupos de samba e pagode da região.

Em 2014, Diego chegou junto com nós, limpando e organizando o espaço. Conseguiu organizar um projeto, uma Biblioteca Comunitária, fazendo vários trabalhos com a criança que veio a ser fortalecido cada dia mais. Daí a continuidade foi essa mesmo, limpando e buscando a melhoria do espaço, de 2010 pra cá, a tendência é essa. (EDSON, 2021)

Edson permanece até hoje no espaço: ao chegar, pela manhã, é possível encontrá-lo alimentando as galinhas e realizando a limpeza. Ele é uma importante figura na manutenção da Biblioteca. Algo que me chamou atenção, na entrevista, foi quando perguntei se ele conhecia Zeferina ou Beiru, e sua resposta foi:

Rapaz, já ouvi muito essas histórias, mas a gente só armazena no nosso cartão de memória o que a gente tem de grande necessidade (risos). Porque a gente armazena coisas mais necessárias, produtivas de mais resolução. É a história da comunidade, mas tem que ser lembrada nos momentos certos. (EDSON, 2021)

Confesso que fiquei impressionado ao ouvir sua necessidade de acionar a história apenas quando é necessário, então perguntei qual seria o momento necessário.

Por exemplo, o momento certo é nós com o jovem durante um encontro, ou a gente pra dar andamento em um projeto e nós ensinar a essas crianças e adolescentes a história do bairro, porque muito deles hoje não ouvem. Quando eu tinha meus sete

oito anos os adultos gostavam muito de contar suas histórias. Hoje o mundo tá mais diferente. Antigamente os mais velhos não tinha como você passar por ele, sem ele contar uma história. Hoje em dia não, nem os mais velhos estão se interessando, nem os mais novos, porque a geração hoje tá diferente né? Por mais que a gente conte a história a pessoa nunca vai ter ideia do que é a noção né? Então as histórias tem que tá sendo contada pelos mais velhos mesmo pra gente fazer de uma forma organizada para que as pessoas tenham acesso a história de forma bonitinha pra ouvir da boca de quem viveu e não de quem leu. (EDSON, 2021)

Enquanto os principais interlocutores possuem um discurso que busca fomentar uma identidade negra ligada ao território e que perpassa nomes e representações negras, o sentido das palavras de Edson vai em contramão, apontando ao que vem sendo dissertado até o momento. Isso não reflete uma contradição, mas uma diversidade no que tange às identidades.

Por isso, é importante dizer que a Biblioteca é um importante lócus fermentador de identidades, no plural. Os educadores da Biblioteca possuem uma trajetória bem específica, porque a maioria são pessoas que entraram na Universidade, que retornaram ao local da Biblioteca para dar um “retorno”.

Na teoria clássica da sociologia, “dar um retorno” pode vir a ser estudado sob a perspectiva da teoria da ação social.

Para Max Weber (1991), as ações sociais são as atitudes que os indivíduos realizam. Podem ser classificadas de diferentes formas, por diferentes motivações. Sua teoria da ação social é uma metodologia, a qual busca estudar e investigar as variáveis que condicionam a ação dos indivíduos.

O autor realiza uma abordagem sociológica, política, religiosa e econômica para entender a motivação das ações individuais. Na dimensão sociológica, o autor entende que os indivíduos agem em função de valores materiais e ideais; na dimensão econômica, inclui uma terceira, perspectiva que incorpora elementos culturais e psicológicos como hábitos e emoções. Ele define ação social:

Por ação entende-se, neste caso, um comportamento humano (tanto faz tratar-se de um fazer externo ou interno, de omitir ou permitir) sempre que e na medida em que o agente ou agentes o relacionem com um sentido subjetivo. [...] A ação “social”, por sua vez, significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este curso. (WEBER, 1991, p. 4)

Weber (1991) conclui que as ações dos indivíduos precisam ser compreendidas dentro das suas respectivas dimensões. Para cada dimensão das ações sociais, seja sociológica, cultural, política, econômica ou religiosa, é exigida uma metodologia específica para seu entendimento.

O autor defende ainda que nem sempre uma ação fosse necessariamente “social”. A ação desenvolve o caráter social quando ocorre intencionalmente para o “outro”: por exemplo,

quando duas pessoas se trombam na rua não significa uma ação social, mas um acidente de caráter natural. No entanto, se eles desviam, se vai cada um para um lado, pode ser caracterizada como uma ação social, o que leva Weber (1991) a destacar o caráter racional por expectativas ou interesses.

3.3 Dar, receber e retribuir – “Dar um retorno à minha comunidade”

Acredito que a frase “dar um retorno a minha comunidade”, muito dita pelos interlocutores nos capítulos anteriores, dialoga com o ensaio sobre a dádiva, do antropólogo Marcel Mauss (2003).

Mauss (2003) aponta que todas as sociedades, sejam tradicionais ou modernas, se constituem por sistemas de reciprocidades de caráter interpessoal. Esse sistema possui uma dinâmica que se expande ou retrai baseada numa tríplice obrigação coletiva de doação – dar, receber e retribuir. Esse sistema de troca produz uma fluidez de recebimento e devolução de bens simbólicos e materiais, chamados pelo autor de dom ou dádiva.

O autor defende que existe uma obrigação do “dom”, que se manifesta na vida social do indivíduo em tudo aquilo que participa da vida humana, seja de bens materiais, ou simples gestos, por exemplo, um *bom dia* por “educação”. Nesse sentido, “dádiva” é um sistema de trocas da vida social, para além da dicotomia “simbólica” ou “material”, que se manifesta no circular acionado pela força da interação.

Dessa forma, as sociedades tradicionais, chamadas pelo autor de “arcaicas”, se diferem das sociedades modernas, cujo sistema bipartido do mercado adquiriu a equivalência de “dar-pagar”. A dádiva não funciona como o “dinheiro”, em outras palavras, é uma questão de “valor” e não “preço”, pois o importante é o qualitativo. Não se trata de pagar com a mesma moeda, nem a mesma ação, mas os “presentes” são retribuídos por gentileza ou favores, fazendo a ação circular nas rodas das práticas sociais e das experiências da vida dos envolvidos.

Não é à toa que Diego Lima diz - *A Biblioteca foi uma forma de dar um retorno* e Edson também aponta que - *Em 2010 eu tava em uma boa situação econômica, então pude dar esse retorno a minha comunidade*. Há falas e conversas com outros moradores, inclusive a Alessandra, que ainda confessou que o seu sonho era ver a filha atuando na comunidade como uma multiplicadora.

As falas que indicam uma ação de “*retorno*” à comunidade são a manifestação do caráter da dádiva, que significa que os atores realizam um movimento de devolução de bens materiais e simbólicos à comunidade por meio da Biblioteca Comunitária.

As diferentes intenções que os interlocutores transmitem em seus discursos se encontram em um mesmo lugar: na Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru. Por isso, interpreto o encontro dos diferentes grupos, pessoas e coletivos a partir do conceito de confluência de Nego Bispo (2015).

3.4 Confluência – Sobre águas que se encontram

As águas que se encontram são uma referência ao trabalho livro Caminho das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes (2009), que traça um perfil dos rios da capital baiana. O livro trabalha com indicadores de qualidade das águas, o acesso aos serviços públicos, a delimitação das bacias hidrográficas, drenagem natural e a delimitação dos bairros. Entendendo a importância dos rios e das águas para as regiões do miolo geográfico, que sempre são lembradas pela riqueza de água, interpreto a constituição da rede que envolve a Biblioteca como um rio que ganha força ao encontrar com afluentes.

O antropólogo e quilombola Antonio Bispo (2018) aponta que o povo negro e os povos originários das terras pindorâmicas possuem confluências sociais que se distinguem do colonizador. Quando se reúnem em roda, o círculo é representação de um princípio de pensamento circular na fluência dos saberes, enquanto o saber colonial que surge na modernidade é alimentado pelo determinismo cristão monoteísta.

O autor defende que, na formação da sociedade brasileira, o encontro dos três povos produziu confluências cosmológicas entre os povos pindorânicos e africanos, gerando vínculos associativos e confluências pelo modo de se relacionarem com a natureza e pelo fato de suas tradições serem politeístas de pensamentos circulares, com princípios civilizatórios distintos do monoteísmo euro cristão.

Bispo (2015) aponta que o território é o elemento chave para pensarmos as especificidades entre os povos afros pindorânicos²³ e os povos brancos. Ele defende também que a dimensão da religiosidade se apresenta como um elemento preponderante dentro do processo de colonização.

²³ Para Bispo (2015), existe uma confluência entre os povos afro e pindorânicos, por isso o autor nomeia Afro pindorânicos.

A religião é uma dimensão que diferentes povos e sociedades acessam por diversas maneiras de viver, sentir e pensar a vida. Então, depois de um estudo entre a cosmovisão monoteísta dos colonizadores e a cosmovisão politeísta dos contracolonizadores, Antônio Bispo (2015) reflete sobre as consequências do processo entre colonização e contracolonização (pg. 15). Sobre a colonização, é possível encontrarmos uma vasta literatura a respeito da vinda dos colonizadores para o Brasil.

A história do colonizador se tornou tão dominante que, até hoje, os povos originários da terra são chamados de “índios”, uma vez os portugueses acreditaram que haviam chegado às Índias. Mais estranho ainda é que os povos aqui encontrados, como, por exemplo, os povos de língua tupi, que chamavam essa terra de Pindorama (Terra das Palmeiras), continuam sendo chamados de índios (Bispo, 2015, p. 26 e 27). Esse processo de generalização de um povo como é a mesma técnica utilizada por adestradores, que usam a mudança do nome como um primeiro passo para adestrar um animal. Por isso, a imposição de um nome a um povo que já tinha um diferente é uma estratégia de dominação para quebrar suas identidades, com o intuito de desumanizar e coisificar aquele povo.

Nego Bispo (2015) sinaliza passagens na carta de Pero Vaz para o Rei de Portugal sobre a relação do povo Tupinambá com os elementos da natureza. Uma condição de vida invejável diante da condição dos recém-chegados colonizadores. Invejar a paz com que o povo Tupinambá vivia é elemento chave para entendermos a contradição por trás das acusações de que aqueles povos são preguiçosos ou improdutivos.

Antônio Bispo (2015) chama atenção para a importância de estudar a bíblia para entendermos um pouco da gênese do desenvolvimento e complexificação da colonização. Para ele, foi por intermédio da religião euro-cristã que o colonialismo aprimorou técnicas de dominação, com base nas narrativas criadas em torno de Deus, uma figura onipresente, onipotente e onisciente que desapropriou o homem descendente, Adão, e Eva, os obrigando a trabalhar. Fez do trabalho um instrumento de castigo. O caráter escravagista da sociedade que constrói seus valores a partir das igrejas da Bíblia condenou a uma relação fatigante o seu povo e a terra. O homem deveria valorizar mais o fruto que plantasse do que o que colhesse. O homem deixou de fazer parte de um sistema de natureza para conceber sua dominação sobre o mesmo. É dentro desse contexto que Antônio Bispo (2015) fala da desterritorialização do povo branco euro-cristão.

Por isso, o processo de escravização no Brasil tentou destituir os povos afropindorâmicos de suas principais bases de valores socioculturais, promovendo um ataque às suas identidades individuais e coletivas. Nas palavras de Bispo (2015)

No plano individual, as pessoas afro-pindorâmicas foram e continuam sendo taxadas como inferiores, religiosamente tidas como sem almas, intelectualmente tidas como menos capazes, esteticamente tida como feias, sexualmente tidas como objeto de prazer, socialmente tidas como sem costumes e culturalmente tidas como selvagens. Se a identidade coletiva se constitui em diálogo com as identidades individuais e respectivamente pelos seus valores, não é preciso muita genialidade para compreender como as identidades coletivas desses povos foram historicamente atacadas. No entanto, na perspectiva da resistência cultural, essas identidades vêm sendo ressignificadas como forma de enfrentar o preconceito e o etnocídio praticado contra povos afro-pindorâmicos e os seus descendentes. (BISPO, 2015, p. 37-38)

Essa tentativa de destituição da identidade se deu através da regulação pelo Estado de Direito, porque temos que lembrar que os quilombos, a capoeira, candomblé, e qualquer ajuntamento de pessoas negras permaneceram criminosos do início do Brasil até o período de Getúlio Vargas, em 1934, que extinguiu o decreto, entretanto, a violência e criminalização das comunidades e cultura negra permaneceram principalmente as suas formas de resistência e de auto-organização comunitária contracolonial (Bispo, 2015).

Então, a colonização tratou de unificar e generalizar a comunidade negra, em contrapartida, como sugere o subtítulo, se há poder, há resistência! Se há colonização, existe a contracolônização: e o que seria a contracolônização? Nas palavras de Antônio Bispo (2018), em um artigo,

É reeditar as nossas trajetórias a partir das nossas matrizes. E quem é capaz de fazer isso? Nós mesmos! Só pode reeditar a trajetória do povo quilombola quem pensa na circularidade e através da cosmovisão politeísta. Não é o Boaventura de Sousa Santos, apesar de ele estar desempenhando um bom papel nesse processo. Na medida, pelo menos, em que ele diz que é preciso desmanchar o que o povo dele, o povo colonialista, fez. Isso já é de uma generosidade enorme. Pelo menos ele não está dizendo que é preciso sofisticar e fazer mais. Mas nós também estamos discutindo a contra colonização. Para nós, quilombolas e indígenas, essa é a pauta. Contra colonizar. No dia em que as universidades aprenderem que elas não sabem, no dia em que as universidades toparem aprender as línguas indígenas – em vez de ensinar –, no dia em que as universidades toparem aprender a arquitetura indígena e toparem aprender para que servem as plantas da caatinga, no dia em que eles se dispuserem a aprender conosco como aprendemos um dia com eles, aí teremos uma confluência. Uma confluência entre os saberes. Um processo de equilíbrio entre as civilizações diversas desse lugar. Uma contra colonização. (SANTOS, 2018, página 44-51).

Contracolônização reside no movimento em que as pessoas utilizam uma Biblioteca Comunitária para contar sua própria história. Os livros de história criados pelas instituições de educação desse Estado de Direito, que por sua vez foi forjado pelo fenômeno da colonização estruturado em cima do racismo, não consegue reconhecer e respeitar povos que formam sua identidade com sentimentos de pertença opostos à lógica colonial. O Estado age como se fosse uma ameaça ao seu funcionamento, por isso, a tentativa de inserir Tancredo Neves, eliminando o Beiru, em 85, foi apenas uma prévia do que ocorreu em 1996 (Conflito que abordo na conclusão).

Entendendo a importância de centralizar a perspectiva dos interlocutores, articulo meu campo a partir de um lugar em um centro geográfico, e não na periferia. Ainda dentro dessa perspectiva, entendendo a confluência enquanto um conceito dos povos originários com a natureza, de identidades que confluem entre si dentro das suas diferenças (BISPO, 2015). A Biblioteca é, pois, um lugar de confluência de movimentos sociais e políticos na cidade.

Bispo (2015) defende que existem basicamente duas identidades em voga no Brasil: Uma que está ligada a constituição do Estado Nacional projetado pelas instituições políticas e religiosas, a partir de uma cidadania tutelada, vigiada e forjada pelo monoteísmo determinista euro cristão. É uma identidade onde a cidadania está em um âmbito estético, onde direitos na prática não funcionam, se pautam na lógica da representatividade, em outras palavras é a identidade construída pela perspectiva colonizadora.

A outra identidade, o autor a caracteriza como se imprimisse uma força inversa: contracolonizadora, ligada à matriz afroindígena, buscando seguir trajetórias civilizacionais diferentes. Longe do âmbito da representatividade, o saber é compartilhado para o envolvimento do ser, por isso, não é mercadoria, é saber orgânico do nosso povo, uma potência na luta contracolonial (BISPO, 2018).

Portanto, vejo a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru como parte de um movimento que conflui com outros movimentos na projeção de uma comunidade negra imaginada e, acima de tudo, desejada. (ANDERSON, 1993; FANON, 2005; GILROY, 2001; LIMA, 2020).

CONCLUSÃO

A Biblioteca é resultado de um processo de desdobramento do território, feito pelos moradores para dar continuidade à identidade negra constituída ao longo da formação da região. Os capítulos foram pensados: Território -> Biblioteca -> Território: Um duplo movimento de influência do território, em outras palavras, um forma o outro.

O título do primeiro capítulo, *Das matas do Cabula ao centro geográfico de Salvador*, aponta para uma mudança no espaço que o território ocupou em Salvador através dos séculos, o que antes pertencia à região da mata, hoje pertence ao centro geográfico de Salvador. No fim do capítulo, apresento que são as circunstâncias de falta de equipamentos públicos e culturais que fazem surgir as Bibliotecas Comunitárias.

O segundo capítulo apresenta a minha chegada ao campo, a insurgência da Biblioteca e o seu cotidiano por meio de registros visuais que foram utilizados como ferramentas de análise e recurso narrativo. O uso da fotografia foi pensado para que eu não me perca na temporalidade dentro do campo, entendendo que minha estadia lá me mantém em um “eterno” campo. Por isso, as imagens funcionam como ferramentas de análise e recurso narrativo. Memória e fotografias acessam algo que aconteceu, mas enquanto as lembranças são fragmentos que se perdem na memória, a fotografia mantém um momento eternizado em sua imagem.

O terceiro capítulo, intitulado *Malha Social e Confluência: Uma rede em movimento*, significa que a Biblioteca está inserida dentro de uma malha social constituída por movimentos sociais de Salvador.

Em conclusão, apresento a síntese de 10 momentos que foram mencionados no decorrer da dissertação, que representam processos de continuidade e descontinuidade identitárias no território (FOUCAULT, 1999). Em outras palavras, realizo uma síntese sistematizada dos momentos que foram marcantes nas falas dos interlocutores e que representam um conflito narrativo entre o projeto de identidade construída pelo Estado Nacional e a identidade afro-indígena reivindicada pelos interlocutores (BISPO, 2015).

Michael Foucault (1999) realizou uma investigação acerca das tecnologias de produção da verdade, através da utilização de uma metodologia de investigação genealógica. Para o autor, a genealogia se perpetua através dos processos de continuidade e descontinuidade presentes nos discursos e práticas que demarcam sutis objetivações da subjetividade.

Os discursos feitos pelos interlocutores delineiam narrativas históricas responsáveis por delimitar identidades. Para Neto (2000) e Campos (2000), a cultura e a identidade são conceitos imbricados, porque enquanto a cultura é um processo da produção da vivência dos homens, a identidade é constituída em relação a como o homem se define.

Ainda para Neto (2000) e Campos (2000), a identidade é um fenômeno socialmente definido, a partir do contexto sociocultural de cada indivíduo e grupo social. Por isso, o homem não está dado definidamente, mas se produz pela história e outros espaços de produção e expressão humana.

Por isso, quero apontar que os momentos destacados são as delimitações que constituem discursos de continuidades e descontinuidades identitárias dentro do território.

O 1ª momento que marca a dinâmica de identidade foi a existência do Quilombo do Cabula, que teve seu fim em 1806. O imaginário social em torno da existência do quilombo remete, para os interlocutores, a uma forte relação com a identidade quilombola, manifestada pelo sentimento de pertencimento dos entrevistados com a sua “ancestralidade”. As narrativas afirmam que a região é resultado da primeira ocupação: o Quilombo do Cabula.

O 2ª momento são as histórias em torno do nigeriano Beiru, que em tom de heroísmo é relembrado pela frase “BEIRU VIVE!”, muito dita por pessoas que reconhecem o bairro como Beiru e não Tancredo Neves.

O 3ª momento é o surgimento do bairro do Arenoso, que tem sua origem narrada por causas naturais e espirituais, e o seu processo de ocupação representa um momento de expansão territorial do bairro.

O 4ª momento ocorre em 1980, durante o projeto de urbanização realizado no bairro do Beiru, o qual remanejou pessoas de outros lugares de Salvador para o Beiru. Sob o nome de *Projeto Beiru*, delimitou e deu forma à atual configuração espacial do bairro, através de políticas de urbanização voltadas à região. É durante esse projeto que o prédio que hoje abriga a BZB foi construído.

O 5ª momento que representa a dinâmica de identidade ocorre em 1985, quando a prefeitura remove o nome Beiru do bairro, substituindo-o por Tancredo Neves. No relato que está no livro Beiru (2007), *“Os moradores que foram ao centro aquele dia, não retornaram para o Beiru, mas para Tancredo Neves. Contaram que ficaram horas esperando o ônibus para o Beiru, que nunca mais passou”*. Esse relato remete a uma ideia de “não retorno”, a um universo simbólico que o nome representava na vida daquelas pessoas. Por isso, não se trata do lugar físico, mas o valor que aquele lugar físico ocupa subjetivamente nas pessoas.

Não entendo a mudança do nome do bairro como questão estética, mas em um nível

simbólico. Nomes possuem a capacidade de gerar significados que mobilizam sentimentos para os moradores. Sentimento de pertencer é o que me refiro aos discursos que o imprimem sentido em prol da construção de uma comunidade negra. Por isso, a mudança de Beiru para Tancredo neves é uma ação (in) consciente do Estado a fim de tornar uma narrativa única para sua constituição. Em outras palavras, os nomes significam valores, comportamentos que mobilizam sentimentos.

O 6ª momento ocorre 11 anos depois de se mudar o nome do bairro de Beiru para Tancredo Neves, em 1996. A polícia realizou uma operação intitulada *Operação Beiru*, que tratou de executar sumariamente 20 jovens negros, como consta nos relatórios oficiais. Um ato de crueldade e perversidade com jovens que estavam na flor da idade, entre 15 e 35 anos (REIS, 2002). A constituição do poder soberano eliminou os elementos identitários subjetivamente e fisicamente no território do Beiru.

Para contribuir com a reflexão desse argumento, Achille Mbembe (2018) apresenta um conceito de necropolítica, o qual reflete a ideia do Estado como detentor da legitimidade de “quem pode viver e quem deve morrer” (2018, p. 5). Ele aponta que o processo de violência faz parte da estrutura que organiza as relações sociais e se reproduz no cotidiano da sociedade, principalmente com as pessoas negras.

Segundo Mbembe (2018), as consequências do processo de escravidão e do colonialismo ainda são sentidas e vividas hoje nos países periféricos. Portanto, o conceito de “necropolítica” surge como um instrumento para conceituar a ação política contemporânea. Mbembe (2018) ainda aponta que o racismo é um elemento de controle e dominação das relações de poder.

Ao discutir sobre o processo de colonização, o autor defende que a sociedade era marcada por hierarquias, e que toda forma de violência e segregação vivida pela população negra anteriormente serviu para legitimar o sistema capitalista vigente. Por isso, Mbembe (2018) desenvolve seu trabalho no sentido de pensar essa relação entre a soberania e a violência. Para Mbembe (2018, p. 5) “ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação do poder”. E, ainda se referindo ao colonialismo, considera “[...] o lugar em que a soberania consiste fundamentalmente no exercício de um poder à margem da lei no qual a ‘paz’ tende a assumir o rosto de uma ‘guerra sem fim’” (MBEMBE, 2018 p. 32-33)

Nessa altura da discussão, chamo ao debate Giorgio Agamben (2002), que também nos oferece ferramentas conceituais e analíticas para pensarmos sobre a natureza do poder soberano na sociedade moderna e contemporânea. Agamben (2002) identifica que a

manutenção do poder soberano se dá através da produção de zonas de indiferença, de violência, da natureza, da cultura, do interno e externo. Essas zonas de diferença, na prática, são as regiões que são conhecidas por “área nobre”, “periferia”, “subúrbio” e “centro”, palavras que denominam espaços para manejo das diferenças e monopólio da violência.

Os estudos de Agamben (2002) são uma continuidade do que Michel Foucault (1982) havia apontado, isto é, de que o poder atua em níveis biopolíticos. Isso significa dizer que o Estado alimenta a subjetividade que legitima suas ações, determinando quem deve viver e quem deve morrer. Desse modo, suas ações políticas tendem a reforçar o controle, a vigilância e a organização dos corpos dos cidadãos.

O poder estatal gere a vida em todos os aspectos, e suas ações políticas são capazes de “causar mortes” sem sofrerem sanções por isso. Apesar de Foucault já ter identificado que o poder soberano agiria no âmbito familiar e particular das pessoas, para Agamben (2002), esse processo não se deu apenas em um único momento, mas no entrecruzamento histórico do poder soberano, a vida nua e a biopolítica na história do Ocidente.

A expressão *Homo Sacer* designa aquele que foi julgado e condenado por um delito, mas que não pode ser sacrificado, ao mesmo tempo em que, no entanto, quem o matasse não seria condenado por homicídio. Essa expressão para Agamben (2002) é válida para todos os que estão submetidos ao poder soberano.

É possível afirmar que há um consenso na literatura contemporânea nas ciências sociais que demonstra que a política praticada pelo Estado assassina pessoas negras. O estado de exceção generalizado, ou, racial, só comprova a irrealidade das leis e da democracia por todo o mundo (AGAMBEN, 2002). É aquilo que Tales Ab’Saber (2015) chamou de ordem pirata, quando trata da violência do Estado contra suas populações locais. Segundo o autor, nas contas da ONU, o Brasil produz 11% dos assassinatos do mundo em sua mais plena normalidade social, institucional e psíquica.

As forças do Estado representam uma ameaça à vida de jovens negros e pobres moradores da periferia em todo o país, revelando a letalidade do sistema penal em sua face mais racista, por meio das forças do Estado, no qual, segundo a “CPI do Genocídio”, um jovem negro é assassinado a cada 23 minutos no Brasil, estudo este que toma por base o Mapa da Violência, desde 1998. “O último Mapa é de 2014 e contabiliza os homicídios de 2012: cerca de 30 mil jovens de 15 a 29 anos são assassinados por ano no Brasil, e 77% são negros (soma de pretos e pardos).” (ESCOSSIA, 2016). De acordo com a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), os jovens entre 15 a 29 anos representam um quarto da população brasileira e estão entre as maiores vítimas de homicídios (SNJ, 2017).

O 7^a momento ocorre em 2002, quando jovens da Engomadeira, Beiru, Doron e outras regiões adjacentes começaram a se articular com associações de moradores mais antigas para começar o Jornal Beiru. Naquele ano, as pessoas começaram a questionar a troca do nome do bairro e iniciaram um movimento de denúncia e circulação de informação através de um jornal que passou a ser produzido por eles.

Um dos responsáveis pela mobilização foi um rapaz chamado Roberto, sobre quem descobri em algumas conversas com Diego e Gilcimar, um dos fundadores do Jornal Beiru. Eles me contaram que o morador descobriu que em documentos oficiais o nome do bairro constava Beiru, por isso, entrou com uma ação no Ministério público do Estado da Bahia, o qual interveio na prefeitura, de modo que, apesar de resistência, os letreiros dos ônibus e placas de sinalização ficaram: Tancredo Neves/Beiru.

O 8^a momento é a insurgência da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, em 2013. Sua insurgência se deu em condições semelhantes a outras experiências de BC no Brasil, que emergem em lugares na cidade com o objetivo de preencher a lacuna no que tange a acesso a livros e práticas educativas inclusivas (MACHADO, 2008).

Dentro dessas circunstâncias, a juventude negra do Arenoso, Beiru/Tancredo Neves e adjacências recorreram a um universo cultural para elaborar uma ferramenta para compor um repertório simbólico capaz de produzir um sentimento de pertencimento à identidade negra: uma Biblioteca Comunitária com nomes de representações negras.

Os interlocutores narram a criação da BZB enquanto uma continuação de todo um processo de “resistência” no território. Nas palavras de Diego Lima, “*Nós não inventamos a roda, apenas dando continuidade*”, ou seja, o discurso projeta uma comunidade negra que vive no território.

O 9^a momento foi em 06 de fevereiro de 2015, em uma região do Cabula conhecida como Vila Moisés, na qual a polícia cercou e matou 12 jovens negros com 143 tiros disparados— dos quais 88 acertaram os jovens, segundo relatórios levantados pela equipe técnica da polícia. Foi elaborado um relatório da Anistia Internacional ainda em 2015 que aponta indícios de execuções sumárias, mas mesmo assim o governador Rui Costa na época fez um pronunciamento relacionando o ocorrido através por uma metáfora que relacionou o fato como uma partida de futebol.

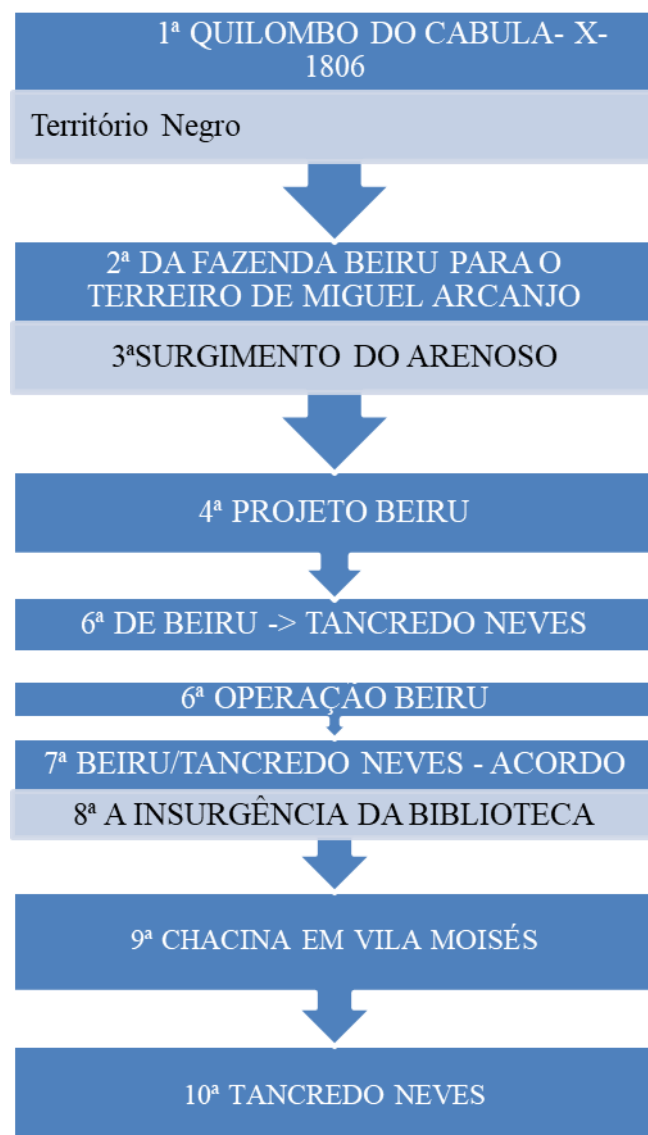
O Ministério público aponta que a ação da polícia é resultado de uma “vingança” contra o assassinato de um policial do bairro. É sabido popularmente que, quando um policial é morto, a polícia deixa um rastro de sangue nos locais, e mesmo que haja um inquérito levantado pelo Ministério Público indicando execução sumária, os policiais permanecem

livres, e as instituições de segurança fingem não enxergar o genocídio em curso dentro das periferias.

O 10^a momento, não menos importante, ocorreu em 2016, quando, por meio de um Decreto Municipal, a Prefeitura reorganizou os bairros de Salvador, passando a oficializar alguns, incluir ou excluir outros. Segundo a prefeitura, foi um processo para organizar o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) e ajustar a distribuição orçamentária para os bairros e distritos de Salvador. Foi nesse “pacote” que o nome Beiru foi oficialmente removido dos ônibus e dos letreiros que sinalizam o bairro.

Acredito que esses 10 pontos são essenciais para pensar os aspectos da dinâmica identitária do território. A partir de tais marcos temporais, teço uma discussão acerca da dinâmica identitária no bairro. Um nome possui uma força simbólica que mobiliza recursos afetivos na construção de pertencimento das identidades.

Com o objetivo de sistematizar para refletir sobre como essa subjetividade influencia a dinâmica de identidade no bairro, elaborei um esquema que se detém a pensar como alguns casos geraram um influxo que levou a mudanças nos modos vivenciar e no sentimento de pertencimento ao bairro:

Figura 38 - Marcos identitários no território

Fonte: Lucas Barbosa Lima

Penso que os 10 pontos abordados aqui representam aspectos da dinâmica das identidades no território. Entendo a palavra “identidades” no plural, porque quero ressaltar que esses pontos são baseados nas entrevistas e também construídos a partir da minha interpretação através da imersão em campo. Por isso, reconheço que existem diferentes identidades que emergem no território.

Desta forma indico que o conflito identitário está diretamente relacionado à uma disputa pelo sentimento de pertencimento dos moradores. Uma que deriva da identidade nacional, força colonizadora sustentada pela lógica monoteísta euro-cristã; e a identidade que advém da matriz afro-indígena dos povos originários, naturalmente contracolonizadora (BISPO, 2015). Entendo como premissa o conflito natural entre a perspectiva identitária

colonial do Estado e a perspectiva afro-indígena contra colonizadora, defendida por Bispo (2015).

A identidade projetada pelo sentimento de comunidade dos interlocutores se tornou um campo de autofirmação individual, onde os integrantes do coletivo mudaram seus e-mails e apelidos abreviando-os para “BZB”, como em Diego BZB, Michele BZB, Pedro BZB. Esse pequeno gesto representa a mim uma possibilidade de poder sonhar, projetar ou simplesmente ser pertencente à uma comunidade negra.

Quando alguém pergunta *quem é você?* Você põe a mão no bolso, abre a carteira e mostra sua identidade? Ou deve recorrer a sua subjetividade, sua ancestralidade? São perguntas que faço no sentido de discutir um sentimento de não pertencimento que algumas comunidades negras e indígenas têm em relação ao Estado Nação – Brasil.

No Brasil, há uma busca incessante por símbolos que rematam um sentimento de pertencimento ao Estado Nacional. Esse processo se deu desde os tempos coloniais, mas foi mudando na medida em que a classe política de cada período se constituía e rompia com as velhas. Para Joseph Jurt (2012) ao longo do processo de constituição do Brasil houve uma busca intensa por símbolos à qual se dedicara a República é uma prova da imensa importância dos símbolos para a consolidação de uma unidade política nacional comunicação política.

Francisco Colóm González (2013) ainda aponta que a identidade nacional se constitui mediante um tipo de narração ontológica. O que significa dizer que o Estado forja uma narrativa, constituída por um conjunto de relatos, que condicionam o que devemos fazer e que, ao mesmo tempo, supõe um sistema de significados que motivam uma autopercepção coletiva. Em outras palavras, através de um discurso que define “quem somos”, somos levamos, a saber, o que devemos saber. Para Gonzalez (2013) existe uma codificação que elabora uma sistematização que constrói uma autopercepção coletiva moldando a identidade nacional.

As políticas públicas direcionadas ao território revelam ao menos duas lógicas: uma para mobilizar recursos no apagamento da memória do bairro e outra para eliminar fisicamente essa memória.

O conflito identitário em torno dos aspectos simbólicos do bairro está em curso, se tornou um jogo de disputa simbólicas que permanece silenciado pelo imaginário social brasileiro de igualdade racial, o qual neutraliza as identidades destoantes da proposta do Estado Nacional.

De acordo com LoicWacquant (2010), a virada do nosso século testemunhou a remodelagem de um novo tipo de Estado, que reivindicam um livre mercado e abraça a

liberdade, mas reserva o liberalismo para quem já está no topo, enquanto impõe um paternalismo punitivo àqueles que estão na base.

O autor busca entender como o Estado efetivamente redesenha as fronteiras e o caráter da cidadania através de suas políticas adaptadas ao mercado. “O liberalismo não é uma ideologia econômica ou um pacote de políticas, mas uma “normatividade generalizada”, uma “racionalidade global” que “tende a estruturar e organizar não apenas as ações de governo, mas também a conduta dos próprios governados” e até mesmo a sua autoconcepção, segundo os princípios de competição, eficiência e utilidade (WACQUANT, 2010, pg. 509). Para o autor, o Leviatã governa o espaço físico, recorta o espaço social, dramatiza as divisões simbólicas e encena a soberania” (WACQUANT, p. 515).

O agenciamento do Estado brasileiro por meio das políticas públicas da Prefeitura, com a troca do nome, e do Governo do Estado, pela ação policial, realizadas no território buscou eliminar referenciais simbólicos da identidade local construída.

Acredito que o poder soberano não age desta forma com todos, mas particularmente com pessoas negras, por isso, a existência de um bairro que se constitui com referenciais e uma negritude de luta e dissidência identitária pode vir ser lida como uma ameaça, levando ao fato de que o poder soberano tratou de eliminar no plano simbólico e físico. Ações como esta são tecnologias desenvolvidas pelo racismo, o qual permite o exercício legítimo do biopoder²⁴, e sua função é regular a morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado (MBEMBE, 2018).

O biopoder é um conceito de Michael Foucault (1999), que aponta para a forma em que o poder atua sobre o controle dos corpos, ou, em outras palavras, o biopoder indica a disciplinarização e docilização pelas técnicas de controle dos corpos. Assim, tem-se tecnologias de verdade e submissão à dominação, que aparecem condensadas nas instituições de poder.

Entendendo a agência do Estado sobre os signos identitários do território, os interlocutores acreditam estar em um constante empreendimento de resistência. Resistir é o esforço excessivo em se manter em pé quando querem te colocar deitado. Resistir é uma palavra tão dita, que chamo atenção para a concepção dessa palavra na presente dissertação. Afinal de contas, se existe um movimento que busca apagar a identidade local em prol de uma identidade nacional, existe o movimento que busca reafirmar a identidade local e se opor à lógica imposta por esse aparato de poder. Isto é, pois, a resistência.

²⁴ Conceito de Michel Foucault (1992) para descrever as técnicas de controle e subjugação dos corpos da população.

Resistência é uma palavra para descrever a “defesa” a um processo de violência. Historicamente, os povos afro-brasileiros e indígenas tiveram de resistir a uma série processos genocidas que, desde os primórdios do Brasil, carregando nas costas o peso de carregar a formação sociedade brasileira.

“Resistir para existir” é uma frase muito dita dentro da BZB e contém um sentido de apontar para a experiência histórica de um povo que vem sofrendo um processo de genocídio sistemático. Portanto, a frase direciona a reflexão de que não é apenas a resistência pela resistência, mas pela condição de viver. A condição de existir tem a penitência de resistir.

Existir é, para além de apenas respirar é viver a plenitude de existir sem sofrer mutilações na estética, não ser perseguido pelo tom de sua pele ou muito menos por conta da sua cultura.

A história negada, apagada e exterminada pelo sistema de poder é ensinada em um espaço que se propõe a dar continuidade em uma luta antiga que foi silenciada. Nas palavras dos interlocutores, trata-se de uma luta ancestral. O conceito de resistência logo se associa a uma relação intergeracional, comum a povos afrodescendentes, entendida como “ancestralidade”.

Deste modo, entendo a BZB enquanto um lugar de confluência de pessoas que buscam atividades lúdicas, culturais, literárias ou mesmo voltadas à saúde, e despertar a curiosidade pela possibilidade de aprendizado, encontros e oportunidades. Geralmente, a maior procura é por livros, e o que mais vejo são pessoas de 15 a 30 anos, do bairro. Pessoas que moram mais longe, por sua vez, mandam mensagens perguntando se tem determinado livro.

Em se tratando das aulas fixas, as mais procuradas são boxe e capoeira, esta última com dois horários, um para crianças e outro para jovens e adultos. As atividades costumam reunir 2 a 15 pessoas, em tempos de baixas e altas.

No início da pesquisa, eu tinha como pressupostos que a Biblioteca influenciava na dinâmica de identidade do bairro, no entanto, no decorrer do trabalho, mais especificamente em uma entrevista com Guilherme, morador do bairro e integrante da Biblioteca, me foi dito que a Biblioteca era fruto de um processo dialógico. Sua fala me deixou bastante intrigado, porque passei a perceber que a Biblioteca foi produzida pelo território, ao mesmo tempo em que é um agente que produz narrativa sobre a região. Em outras palavras, a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru é fruto do movimento identitário do território e, paralelamente, é o agente que introduz a subjetividade para que a região passe a ser entendida como um “território” dos ancestrais.

A narrativa construída pelos interlocutores mobiliza sentimentos que passam integrar uma “identidade negra” ligada ao território, isto é, o território se torna vivo, lugar onde os “antigos” viveram, lugar dos “mais velhos”, dos ancestrais. Por isso, o fator ancestralidade é crucial para pensar a permanência e continuação nos processos de mobilizações da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, o que significa que a ideia de resistência está interligada com ancestralidade.

Os ancestrais são aqueles que vieram antes e pavimentaram um caminho para o presente e futuro, são aqueles que deixaram bens materiais, imateriais e até mesmo espirituais. Nas entrevistas com Hugo Gabriel, Pedro Maia e Diego Lima foram mencionados a existência de um “inconsciente coletivo”, o qual compreendi como relacionado ao que entendem como ancestralidade.

O conceito de ancestralidade é importante para compreender a motivação que mobiliza as pessoas em torno do espaço, as menções à Zeferina, Beiru ou o raio que caiu e separou o Arenoso são elementos que constituem uma origem comum, que delimita fronteiras identitárias (BARTH, 1999).

As bibliotecas comunitárias são um fenômeno social comum no Brasil que costumam surgir em regiões onde existe uma ausência de equipamentos públicos, e culturas costumam ser criadas pela comunidade para comunidade (MACHADO, 2008). No caso da BZB, o discurso que seus criadores e educadores defendem é o de um “retorno” à comunidade. Acredito que essa ideia de “retorno” representa um processo de troca de bens simbólicos e materiais chamados de dádiva por Marcel Mauss (2003).

Os nomes de Zeferina e Beiru estampados na Biblioteca comunitária descortinam um conflito identitário pelo poder de nomear. Para o Antropólogo Kabengele Munanga (1994), as representações sociais usadas por coletivos e grupos humanos são resultados simbólicos dos aspectos interessantes da sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc. Dessa forma, o poder de nomear é fundamental para o processo de crescimento e consolidação de um grupo identitário.

A Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru é o resultado de um processo de continuidade identitária criado pela comunidade em frente a uma série de rupturas e descontinuidades que constituem a narrativa histórica do território. Em razão disso, o manejo dos nomes é um manejo consciente dos moradores para constituir uma identidade étnico-

racial negra (ANDERSON, 1993; FANON, 1982; FOUCAULT, 1999; BISPO, 2016).

É possível afirmar que existe diferentes motivos que fazem pessoas irem até a Biblioteca, seja em busca de um livro, para participar das atividades, jogar conversa fora, para brincar, ou participar dos mutirões para dar um retorno à comunidade.

Existe uma literatura ainda frágil no que tange a estudos em BC, por isso, aponto para necessidade de aprofundar estudos antropológicos futuros, a fim de compreender particularidades deste fenômeno social em algumas regiões de Salvador.

No doutorado, pretendo qualificar a presente pesquisa mapeamento as BC existentes em Salvadore a Rede de BCs em diferentes níveis – municipais, estaduais e nacionais –, entendendo as bibliotecas comunitárias enquanto uma prática social comum no Brasil (MACHADO, 2008).

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burigo, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 202 p.
- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: Lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. 213 p.
- ALBUQUERQUE JR, Durval M de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4º edição. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009. 340 p.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ALVES, Mariana de Souza. Biblioteca comunitária:: conceitos, relevância cultural e políticas. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 16, p. 1-19, jan. 2020.
- AURELIANO, Rodrigo Souza. Quilombos Urbanos: Identidade Territorial no Bairro da Mata Escura na Cidade de Salvador Bahia. In: *Seminário Estudantil de Produção Acadêmica*, v. 10, n. 1, p. 1-8, 2006.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AURELIANO, Rodrigo Souza. Quilombos Urbanos: Identidade Territorial no Bairro da Mata Escura na Cidade de Salvador Bahia: Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/45/39>. Acesso em 02 out. 2019.
- BANIWA, G. Os indígenas antropólogos. *Desafios e perspectivas*. *Novos Debates: Fórum de Debates em Antropologia*, v. 2, n. 1, p. 233 – 243. 2015.
- BAUER, Martin W; Gaskell, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. São Paulo: Vozes, 2002, p. 189-217.
- BISPO, Antônio dos Santos. *Colonização, Quilombos, Modos e significados*. INCTI, Universidade de Brasília – UnB, 2015.
- CAMPOS, S. M. C. T. L. A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de Antropologia Visual. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, [S. l.], n. 6, p. 275-286, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/109274>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- CARMICHAEL, S.; HAMILTON, C. *Black power: the politics of liberation in America*. New York, Vintage, 1967.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia (um vocabulário afro-brasileiro)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira das Letras. Topbooks, 2001.

CESARINO, L; REINHARDT, B. Temporalidade, Ética e Contingência na Pós-Colônia Africana: esperando por Deus em Gana, 2017.

CICOUREL, Aaron. “Teoria e método em pesquisa de campo.” In: _____. DAMÁSIO, Aline. “Mapa indica principais saraus de Salvador” Correio da Bahia 2013.

CORDEIRO, Graça Índias; VIDAL, Frédéric (orgs.). 2008. A Rua: espaço, tempo, sociabilidade. Lisboa: Livros Horizonte.

COSTA, Ana de L. R. da. Ekabó!: Trabalho escravo, condições de moradia e reordenamento urbano em Salvador no século XIX. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1989.

COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

COSTA, Lêda Maria R. Biblioteca de Caráter Público e Práticas Leitoras. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 227. 2011.

DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter anthropolical blues. Boletim do Museu Nacional: Antopologia, n. 27, 1978, p. 1-12.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Os Nuer. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FABIAN, Johannes. O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto. Tradução: Denise Jardim Duarte. Petrópolis: Vozes, 2013.

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Org. Roberto Machado, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

FERNANDEZ, Maria Aparecida A. F; FINGER, Yasmin W. Bibliotecas Comunitárias em Rede: Uma experiência de resignificação de territórios. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, n 28, 2019, Vitória.

Anais...Vitória, p. 1 – 6. Disponível em: < <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/2156/2157>>. Acesso em: 27 de dez. 2020

FLUEHR-LOBBAN, Carolyn. Anténor Firmin: o haitiano pioneiro da antropologia. In: American Anthropologist, vol. 102, n. 3, 2000, p. 449-466.

FRANÇA, Zezinho. Amburaxó, o primeiro culto brasileiro. In: Recanto das letras. 2013. Disponível em: < <https://www.recantodasletras.com.br/ensaios/4378421>> . Acesso em: 13 de jan. 2020.

GAMA, Daniele M. H. de Lacerda da. A voz e a vez de dizer: Batalhas de poesia em comunidades de periferia em Salvador/BA. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019.

GILROY, P. O Atlântico Negro. São Paulo: Editora 34, 2001.

GLUCKMAN, Max. Obrigação e dívida. In: DAVIS, S. (Org.). Antropologia do direito: estudo comparativo de categorias de dívida e contrato. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973, p.25-56.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Brasil. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília: MEC, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, 2005.

GONZALEZ, Francisco Colom. A nação como relato: a estrutura narrativa da imaginação nacional. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 28, n. 82, p. 107-118, June 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092013000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Oct. 2020.

GOUVEIA, Anneza T. de Almeida. Um olhar sobre o bairro: Aspectos do Cabula e suas relações com a cidade de Salvador. 2010. 158f. + anexos : il. (Geografia humana) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências. 2010.

GROPPER, Symona. Silvio Robatto: um homem feliz. Salvador: Alba, 2013. 280 p.

GUIMARÃES, Carlos M. Uma negação da Ordem Escravista: quilombos em Minas Gerais no século XVIII. Belo Horizonte: Fafich UFMG (Dissertação de Mestrado - DCP - mimeo), 1983.

GUSMÃO, Neusa. Direitos específicos: vazio legal e luta étnica. In: Encontro anual da ANPOCS, 17. 1993, Caxambu. GT. Caxambu: Unesp, 1993. p. 1-18.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HEINHARDT, Bruno; CESARINO, Letícia. Apresentação: antropologia e crítica pós colonial. Ilha, v 19, n2, 2017.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. In: Horizontes Antropológicos, n. 37, Porto Alegre, 2012, p. 25- 44.

JURT, Joseph. “O Brasil: um Estado-Nação a Ser Construído. O Papel dos Símbolos Nacionais do Império à República”. MANA 18(3): 471-509, 2012

LEACH, Edmund. A diversidade da antropologia. Lisboa, Edições 70, 1989

LÉRY, Jean de. Viagem à Terra do Brasil. São Paulo: Livraria Martins Editora; Editora da Universidade de São Paulo, 1972. 258 p. il.

LUVIZOTTO, CK. Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 93 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>.

MACHADO, Elisa C. Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 184. 2008.

MAGNANI, J. G. C. Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade. São Paulo, Brasiliense, 1984.

_____. "Da periferia ao centro: pedaços & trajetos." Revista de Antropologia, nº 35, 1992 (a), São Paulo.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, Jun 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 Mar. 2021.

_____. Tribos Urbanas: metáfora ou categoria?. Cadernos de Campo. Departamento de Antropologia, USP, v.2, ano 2, p. 48-51, 1992. São Paulo. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/40303>. Acesso em: 14 mar. 2021.

_____. Torres, Lilian (org.). Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana. São Paulo, Edusp, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do pacífico ocidental. São Paulo: Abril Cultural, coleção Os Pensadores: 1978.

MARQUES, Carlos Eduardo; GOMES, Lílían. A constituição de 1988 e a ressignificação dos quilombos contemporâneos limites e potencialidades: limitsandpotentialities. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 28, n. 81, p. 137-153, Feb. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092013000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Oct. 2019.

MATIAS, Marcos Souza. Os movimentos artísticos independentes que podem transformar a sociedade brasileira. In: Revista AntHopológicas Visual, v. 6, n 1. 2020.

MENDONÇA, João Martinho de. Margaret Mead, Bali e o Atlas do comportamento infantil: Apontamentos sobre um estudo fotográfico. Horizontes Antropológicos, n. 34, ano 16, p. 315-348, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 Mar. 2021.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. n.1, São Paulo: Edições, 2018.

_____; CIRNE, Michelle. O tempo que se move. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), São Paulo, v. 24, n. 24, p. 369-397, junho 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/96622>>. Acesso em: 17 julho 2018.

MOORE, Carlos. Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para compreender o racismo na história. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: Algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.

NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. “O quilombo do Jabaquara”. Revista de Cultura Vozes. 1978

NEGRO, Associação Comunitária e Carnavalesca Mundo (org.). BEIRU. Salvador: Marcelo Henrique Dantas dos Santos, 2007. 68 p.

NICOLIN, Janice de Sena. Kivopi Cabuleiro: Um tom da memória do Cabula. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade), Universidade Federal da Bahia, 2016.

NOVAES, Silvia Caiuby. Jogo de espelhos. São Paulo: EDUSP, 1993

NUNES, Davi. Traços da história do bairro arenoso e o quilombismo da Biblioteca Comunitária Zeferina-Beiru. Disponível em: <https://ungareia.wordpress.com/2015/12/>. Acesso em: 1 dez. 2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os (des) caminhos da identidade. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 15, n. 42, p. 07-21, fev. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Oct. 2019.

PATERNIANI, Stella Zagatto. (Re) pensando terra, corpo e tempo: Algumas ferramentas analíticas anti-branquidade. Revista Educação e Ciências Sociais, v.3, n. 5, p. 26-39, 2020.

PERUZZO, Cicilia M. K. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. In: Estudos sobre las Culturas Contemporâneas, v 23, p. 161 – 190, 2017.

POUTIGNAT, Philippe STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

QUERINO, Manuel. Costumes Africanos no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938 (Prefácio e Notas de Arthur Ramos).

RAMOS, Alcida Rita. Indigenismo: um orientalismo americano. Anuário Antropológico. I. 2002. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/aa/268>>. Acesso em 17 de jul. 2018.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. Negociações e Conflito; a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REIS, Vilma Maria dos Santos. ATUCAIADOS PELO ESTADO: as políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de salvador e suas representações. 2002. 247 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SABER, Tales A'b. A violência policial no Brasil e os desafios para sua superação. Ed Boitempo, 2015.

SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 (tradução de Rosaura Eichenberg), pp.27- 163 e 273- 437.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos, Modos e Significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Paula Mota. A rua: espaço, tempo, sociabilidade. Etnográfica, Lisboa , v. 13, n. 2, p. 485-487, nov. 2009 . Disponível em
<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612009000200015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 nov. 2020.

SANTOS, S. M. (2017). O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. Plural, 24(1), 214-241. < <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972> >

SCHMITT, A. ; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. Ambient. soc., Campinas , n. 10, p. 129-136, Jun, 2002 . Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2002000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Oct. 2020.

SCOTT, David. Refashioning futures: criticism after postcoloniality. Princeton: Princeton University Press, 1999.

SIMMEL, Georg. 1967. “A metrópole e a vida mental”. In: Otávio G. Velho (org.), O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar

SOARES, Nashila Fernanda et al. BIBLIOTECA COMUNITÁRIA:: análise sobre seu conceito, função e papel social. Revista Acb: Biblioteconomia em Santa Catarina, Santa Catarina, v. 24, n. 2, p. 405-419, jun. 2019.

SODRÉ, Muniz A. C. Pensar nagô. Petrópolis (RJ): Editora Vozes.2017.

_____. A antropológica do espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede. Petrópolis (RJ): Editora Vozes. 2002

_____. A verdade seduzida. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. Claros e escuros: identidade, povo, mídias, cotas no Brasil. Petrópolis (RJ): Editora Vozes. 2015

SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. *Ci.Inf.*, v. 29, n. 2, p. 52-60, 2000. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a07v29n2.pdf>> Acesso em: 19 de jan. 2020

TRAJANO FILHO, W. Que barulho é esse? O dos Pós-modernos?. *Anuário Antropológico*, v. 11, n. 1, p. 133-151, 25 jan. 2018. Disponível em: <
<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6380>> Acesso em: 20 de out. 2020

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. Disponível em: <
<https://journals.openedition.org/pontourbe/300#bibliography>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. in *Individualismo e culturas: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

_____. Entrevista com Gilberto Velho. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; CASTRO, Celso & OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Revista Estudos Históricos*, n 28, Rio de Janeiro p. 183 – 210.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991.

WACQUANT, Loïc. *Os condenados da cidade: estudo da marginalidade avançada*. Rio de Janeiro: Revan: Fase, 2005

_____. *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ZACCONE, Orlando. “Indignos de vida: a forma jurídica da política de extermínio de inimigos da cidade do Rio de Janeiro.” Rio de Janeiro, Ed. Revan, 2015.

_____. *Acionistas do nada – quem são os traficantes de drogas*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense. 1985.